

A ATIVIDADE CURRICULAR EM COMUNIDADE (ACC) 'EDUCAÇÃO POPULAR EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA': EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ARTICULANDO O ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: N. CASAGRANDE

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Nome dos Autores: 1. A. Matos Reis Silva A. MOREIRA DOS SANTOS; 2. C. ANTERO DE SANTANA; 3. C. MORAES FERREIRA; 4. C. SILVA SAPUCAIA; 5. D. GOMES MONTENEGRO; 6. G. DE JESUS DA CONCEICAO; 7. G. ÁVILA SALGADO; 8. G. ANASTACIO DE OLIVEIRA LIMA; 9. I. DOS SANTOS RAMOS; 10. I. LUCIENE RIOS MUNIZ MAIA; 11. M. FERREIRA CARVALHO DE SOUZA; 12. N. CASAGRANDE; 13. P. SILVA FONSECA; 14. P. DE ANDRADE BERNDT; 15. R. AREND PARANHOS; 16. R. PINHEIRO DOS ANJOS; 17. R. AMORIN LEANDRO; 18. S. LEAL TEIXEIRA;

Resumo:

O presente trabalho apresenta o debate da formação profissional universitária tomando como referência a experiência que vem sendo desenvolvida na UFBA através da disciplina curricular denominada ACC a qual busca integrar ensino, pesquisa e extensão. O **objetivo** é apresentar a experiência da ACC “Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária: os desafios da educação do campo”. Focalizamos a reflexão acerca das possibilidades desta atividade enquanto aproximação com a educação omnilateral bem como de contribuição para o enfrentamento das problemáticas e necessidades vividas pelas comunidades de áreas de assentamentos de reforma agrária ligadas ao MST. As ações centrais da ACC, que caracterizam a **metodologia** do trabalho, se organizam sob três formas: oficinas na escola do assentamento; oficinas e atividades na comunidade; e aulas na universidade com os estudantes matriculados. Em relação aos **resultados**, no que diz respeito aos desafios enfrentados em relação às problemáticas da produção no assentamento, pudemos observar que a *realidade da produção* coletiva e cooperativa no Assentamento Nova Panema se encontrava quase inexistente, frente a um histórico de tentativas, por diversas vezes realizadas e fracassadas. Além disso, pesam na comunidade às diversas problemáticas do modelo de reforma agrária brasileiro. Já em relação às *possibilidades*, observamos a retomada do trabalho coletivo e cooperativo na comunidade. Em nossas **conclusões** provisórias, observamos que as oficinas pedagógicas sensibilizaram e mobilizaram algumas famílias, representando a retomada da tentativa de se organizar coletivamente para o enfrentamento das problemáticas enfrentadas na realidade. Em relação à formação acadêmica foi possível observar aproximações da unidade teoria-prática, da formação técnica-pedagógica-científica e da formação política sob o viés da educação popular.

Palavras-chave: Atividade Curricular em Comunidade (ACC); Educação Popular; Pedagogia do MST

Introdução

No acúmulo de experiência das diversas disciplinas de Atividade Curricular em Comunidades (ACC), iniciadas pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA) desde 2001, teve início a primeira turma da 'ACC - Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária: os desafios da educação do campo' no segundo semestre letivo de 2008. A cada semestre são oferecidas 14 vagas de matrícula para estudantes de diversas áreas de formação da UFBA.

A proposta desta ACC abrange o desenvolvimento de atividades de educação popular em assentamentos de áreas de Reforma Agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizadas nos Municípios da Região do Recôncavo, sobretudo na micro-região de São Sebastião do Passé, no Estado da Bahia. O trabalho focalizou-se na comunidade e na escola do Assentamento Panema.

O assentamento foi criado no ano de 2000, possuindo atualmente cerca de 40 famílias moradoras. Contudo, está imerso em diversos problemas inerentes ao processo de reforma agrária no Brasil tais como a falta de estrutura para a produção, financiamento, assistência técnica, assistência à saúde, educação e transporte. Além disso, sofre com a degradação do solo que é produto das antigas plantações de eucalipto na localidade, dentre diversos outros problemas que dificultam a permanência da família no campo, estimulando o fluxo migratório para a cidade.

Considerando os dados acerca da educação do campo no Brasil¹, no que diz respeito às possibilidades de atuação da Universidade Federal da Bahia, a proposta da ACC Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária visa à atuação em áreas de assentamento com intervenções em conjunto com o MST, especialmente através de seu Coletivo de Educação, na perspectiva de contribuir para a superação das diversas problemáticas existentes. O objetivo geral é desenvolver oficinas de capacitação e formação com os educandos, educadores e as comunidades das áreas de assentamentos de reforma agrária sob a referência da educação popular.

O **objetivo geral** da ACC 'Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária: os desafios da educação do campo', na comunidade, é desenvolver oficinas pedagógicas de formação técnico-científico e político-pedagógicas, visando enfrentar as problemáticas da realidade, para sua superação, a partir da auto-organização da comunidade local. A referência teórica que baliza a prática pedagógica é a educação popular² e a pedagogia do MST (MST, 1996).

¹ O atraso escolar no Brasil é evidente nos altos índices de reprovação e abandono, na desigualdade social, na baixa renda da população e na qualidade das escolas. Estas são apontadas como as principais causas do baixo desempenho dos estudantes brasileiros no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), o qual tem como finalidade produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais e avalia o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade na qual se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. Em relação ao atual perfil da educação do campo esta realidade é ainda mais precária. Conforme o estudo *Panorama Da Educação No Campo*, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/ Ministério da Educação em 2006, que utiliza dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-2004), a escolaridade média da população de 15 anos ou mais que vive na zona rural corresponde a quase metade da estimada para a população urbana. Isto é, no Brasil menos de um quinto de sua população (17%), equivalente a 30,8 milhões de pessoas, vive no campo. A escolaridade média dessa população é de 4,0 anos na faixa etária de 15 anos de idade ou mais, contra 7,3 anos da população da cidade. Ainda, temos o índice de 29,8% de adultos analfabetos no campo frente aos 8,7% na cidade.

² Tomamos aqui a compreensão de educação popular a partir da referência de Maria Lídia Souza da Silveira, quando a autora nos apresenta que a "A Educação Popular [...], está associada a um determinado tipo de ação que se reveste de caráter político, voltado para a busca de constituição de uma nova forma organizativa da vida social, na contracorrente de uma outra concepção – também educativa e política – que trafega na contínua constituição de processos que se

As descidas coletivas dos estudantes ao assentamento acontecem quatro vezes durante o semestre e compreendem um final de semana. Para além das descidas regulares, há também as oficinas pedagógicas na escola do assentamento, que acontecem quinzenalmente, no turno escolar (matutino). Tais oficinas são aplicadas em parceria com a professora da comunidade, a fim de promover a integração do conteúdo da oficina ao cronograma pedagógico da escola.

Esse diálogo constante entre a realidade que envolve a comunidade em áreas de reforma agrária, ligadas ao MST, impulsiona a articulação entre a teoria e a prática, favorecendo a práxis pedagógica na formação profissional que permite maiores possibilidades de ênfases nas dimensões da formação técnica, pedagógica, ética, política, dentre outras.

A ação e teorização do trabalho estão orientadas pelo seguinte problema investigativo: Quais as possibilidades de materialização da Pedagogia do MST a partir da realidade das escolas de assentamentos de área de reforma agrária ocupados pelo MST, no Estado da Bahia?

Tal questão tem balizado as reflexões do projeto em relação à pesquisa científica que atualmente vem sendo sistematizada sob a forma de quatro diferentes pesquisas de iniciação científica financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Material e Metodologia

Considerando os dados acerca da educação na zona rural, no que diz respeito às possibilidades de atuação da Universidade Federal da Bahia, o PROJETO DE ATIVIDADE CURRICULAR EM COMUNIDADE, visando à atuação em áreas de assentamento com intervenções em conjunto com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), especialmente através de seu Coletivo de Educação. O objetivo geral é desenvolver oficinas de capacitação e formação com os educandos, educadores e as comunidades das áreas de assentamentos de reforma agrária.

As ações centrais da ACC, que caracterizam a metodologia do trabalho, se organizam sob três formas: oficinas na escola do assentamento; oficinas e atividades na comunidade; e aulas na universidade com os estudantes matriculados. Todas estas atividades são desenvolvidas de forma participativa buscando envolver a todos, desde o planejamento à avaliação, enquanto sujeitos do processo, que por si já é educativo. O trabalho centrou-se no diálogo, na troca de conhecimento, vislumbrando a independência, auto-organização e autonomia da comunidade nos processos desenvolvidos.

As **oficinas na escola** são desenvolvidas ao longo do semestre letivo no Assentamento Panema, no município de São Sebastião do Passé, Estado da Bahia,

vinculam à adaptação dos trabalhadores ao desenvolvimento capitalista. A adoção desta concepção supõe a elaboração crítica da organização societária conformada sob o capital, e, portanto a negação de sua permanência e naturalização. Perspectiva que portanto instiga, e até mesmo exige, a compreensão de que para além do que é produzido na ordem da materialidade num contexto marcado pela contínua produção de mercadorias e da prevalência da dimensão do plano da imediatividade se reproduz também um conjunto de outras dimensões da vida social. Esta concepção adotada supõe a elaboração crítica desta organização societária conformada sob o capital, e, portanto a NEGAÇÃO de sua permanência e naturalização." (SILVEIRA, Maria Lídia S. da. *Educação Popular: novas traduções para um outro tempo histórico*. In: Seminário de Educação Popular e Lutas Sociais. Organização Silveira, Maria Lídia e Farage, Eblin. Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Programa de Pós-graduação da Escola de Serviço Social, novembro de 2004.)

envolvendo educandos e educadores da escola do assentamento, abordando conteúdos vinculados às várias áreas do conhecimento. Os estudantes da universidade planejam e implementam as oficinas em pequenos grupos divididos por áreas do conhecimento ou afins, que são desencadeadas a partir dos primeiros contatos com a comunidade assentada, bem como a comunidade escolar. Nesse contato inicial é realizado um diagnóstico da realidade. A partir daí, em conjunto com estes sujeitos, delimitam-se os complexos temáticos a serem problematizados durante o desenvolvimento das oficinas de formação e capacitação

Esta inserção inicial, a cada semestre letivo, se dá a partir de um diagnóstico da realidade, através das “**descidas**” coletivas que acontecem nos finais de semana durante quatro vezes no decorrer do período letivo. A partir das problemáticas diagnosticadas na realidade local, em conjunto com a comunidade assentada, são organizadas as temáticas que orientam a elaboração e implementação das oficinas pedagógicas.

Nas “descidas” a campo, que ocorrem aos finais de semana, também são realizadas oficinas com a comunidade a partir das necessidades e problemáticas destacadas pelos moradores do local. Estas oficinas têm contribuído inclusive para a reorganização dos setores no assentamento, tais como o de educação, produção e saúde.

Nesta mesma atividade mensal realizaremos intervenções diretamente na comunidade através de oficinas, entrevistas, culturais e convivência; na perspectiva de inserção explícita da comunidade no processo educativo, que precisa transcender aos muros da escola e envolver educadores, educandos, famílias e comunidade

Os **aulas na universidade**, que ocorrem semanalmente, retroalimentam a inserção na comunidade proporcionando a fundamentação e reflexões teóricas, o debate e reflexão sobre a realidade das atividades da ACC Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária, assim como o planejamento e avaliação permanentes acerca das ações realizadas. É importante destacar, que o planejamento e avaliação também têm sido realizados em conjunto com as coordenações do MST e a comunidade do Assentamento Panema.

Os encontros ocorrem às terças-feiras, com duração de três horas. São realizadas discussões de diversos textos e trabalhos relacionados a temáticas que contribuem para o trabalho de base. Os eixos abordados em sala de aula são: educação popular, questão agrária, projetos de desenvolvimento do campo brasileiro, movimentos sociais (MST), projeto pedagógico do MST. Também é realizado o planejamento das descidas a campo, das oficinas pedagógicas e a elaboração de relatórios de campo.

Para cada encontro é previamente programado um texto ou filme que norteará o debate do dia. A mediação destes debates é rotativa, de forma que todos os componentes do coletivo participem. A metodologia utilizada é variada, se valendo de diversas técnicas, inclusive as lúdicas, para a realização dos debates.

O coletivo se divide em comissões a fim de otimizar o desenvolvimento das atividades propostas para a descida a campo. As comissões se organizam por tarefas (ciranda das crianças, oficina de produção, cultural, logística) e são compostas por pessoas auto-indicadas, que se responsabilizam pelo planejamento das atividades, pensadas de acordo com a necessidade e demanda da comunidade.

Durante o decorrer do semestre letivo, buscamos reunir com os professores das escolas e os educadores ligados ao Coletivo Regional de Educação do MST para encontros de formação específicos, englobando possibilidades metodológicas e conteúdos vinculados à realidade do campo e à educação. Com isso, pretendemos contribuir para a melhoria das condições e da formação das escolas e dos professores destas áreas.

A história das comunidades ocupam um papel central na construção e realização das intervenções, pois a compreensão da realidade passa, necessariamente pelo processo

histórico precedente. Esse processo se faz também a partir da retomada da identidade Sem Terra que deu origem àquela comunidade.

Nesse sentido, é que nos referenciamos na proposta pedagógica do MST que busca caminhar na direção da educação omnilateral que “(...) se opõe à educação unilateral, que se preocupa só com um lado ou dimensão da pessoa, ou só com um lado de cada vez; só o intelecto, ou só as habilidades manuais, ou só os aspectos morais, ou só os políticos” (MST, 1996).

A *metodologia da pesquisa* que tem subsidiado nosso trabalho investigativo, atrelado a ação de ensino e extensão no interior da disciplina Atividade Curricular em Comunidades (ACC) 'Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária: os desafios da educação do campo', tem como base as aproximações epistemológicas com o materialismo histórico dialético. A partir desse, os *instrumentos de coleta de dados* utilizados são a observação participante, o diário de campo, a análise de documentos e a entrevista.

Resultados e Discussões

Dentre os resultados alcançados na comunidade para o enfrentamento das problemáticas da realidade, no acúmulo de seis semestres letivos de trabalho na comunidade, observamos os seguintes elementos: a construção cooperada de um viveiro coletivo com capacidade para 6000 mudas; a continuidade do processo de melhoria das atividades pedagógicas na escola, através de práticas mais dinâmicas e críticas, bem como adequadas àquela realidade; a participação mais efetiva e organizada de crianças e jovens das atividades lúdicas e culturais realizadas; o fortalecimento das formas de organização coletiva, tal como o fortalecimento do Setor de Educação, a formação do Setor de Saúde do assentamento; a retomada da realização de atividades coletivas de produção a exemplo da construção do viveiro coletivo de mudas, dentre outras; a intensificação da luta pela construção da escola na comunidade que ainda não tem prédio próprio e condições qualificadas de funcionamento; e o fortalecimento da identidade Sem Terra.

Os resultados parciais, em *relação aos desafios da educação do campo*, apontam que existem possibilidades de trato com o conhecimento, das diversas áreas do conhecimento, de forma crítica, participativa e transformadora junto às crianças das séries multisseriadas iniciais do Ensino Fundamental, tendo como referência uma teoria pedagógica crítica baseada na Pedagogia do MST. A partir dessa abordagem da prática pedagógica, utilizadas nas oficinas, a variedade de temas discutidos é um elemento que contribui para a construção de outras formas de trato com os conteúdos na turma multisseriada do Assentamento Nova Panema.

No que diz respeito aos desafios enfrentados em relação às problemáticas da produção no assentamento, pudemos observar que a *realidade da produção* coletiva e cooperativa no Assentamento Nova Panema se encontrava quase inexistente, frente a um histórico de tentativas, por diversas vezes realizadas e fracassadas.

Os fatores que levaram a tais conseqüências puderam ser observados nos problemas enfrentados como a pobreza do solo, fruto de 30 anos de monocultivo de eucalipto naquela área, a falta de incentivos, subsídios e assistência técnica do poder público; caracterizando o quadro problemático do modelo de reforma agrária brasileiro, que precisa ser pensado de forma crítica.

Já em relação às *possibilidades*, observamos a realização de mutirões da comunidade que aconteceram em todas as descidas coletivas a campo que a disciplina

realiza. O trabalho desencadeou a construção de um viveiro de cultivo de mudas e a mobilização do trabalho coletivo em torno dessa atividade produtiva.

Nas reuniões, a avaliação e o planejamento foram realizados através de quadros esquemáticos que buscavam contribuir com a análise dos trabalhos e na divisão de tarefas, objetivando contribuir com a instrumentalização da comunidade na organização do trabalho. Durante os intervalos de ida a campo da Disciplina ACC, a comunidade desenvolvia as atividades previstas no planejamento já realizado.

É importante também ressaltar que o método utilizado nos trabalhos da ACC, baseado nas referências da educação popular e na pedagogia do MST, têm apresentado relevantes contribuições na orientação e desenvolvimento do trabalho.

Conclusão

Em nossas conclusões provisórias, observamos que, ao longo dos seis semestres letivos dos trabalhos de educação popular na comunidade, realizados através da ACC, as oficinas pedagógicas sensibilizaram e mobilizaram algumas famílias, sobretudo as que participaram do processo de ocupação, de modo que, os resultados que vem sendo constatados, apresentados acima, representa a retomada da tentativa de se organizar coletivamente para o enfrentamento das problemáticas enfrentadas na realidade.

Assim, gostaríamos de recuperar o objetivo da ACC proposto sendo este ‘desenvolver oficinas pedagógicas de formação técnico-científico e político-pedagógicas, visando enfrentar as problemáticas da realidade, para sua superação, a partir da auto-organização da comunidade local.’. Ainda, subsidia-se na referência da educação popular e a pedagogia do MST.

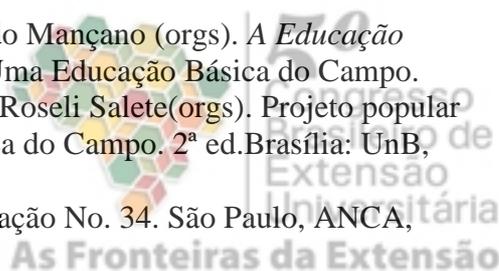
Ao retomá-lo, podemos observar, com base nos resultados acima apresentados, que vem ocorrendo, na comunidade, uma aproximação do alcance dos objetivos propostos pela ACC Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária: os desafios da educação do campo.

Neste sentido, ressaltamos a importância desse processo de práxis pedagógica, também no âmbito da formação profissional. Focalizou-se o debate acerca das possibilidades desta atividade em sua aproximação com a educação omnilateral. A base desta análise é o pilar que articula a formação acadêmica através da unidade teoria-prática, da formação técnica-pedagógica-científica e da formação política sob o viés da educação popular.

Destacamos a relevância da articulação ao trabalho educativo socialmente útil e orientado por uma teoria pedagógica, por um referencial teórico-epistemológico definido e direcionado por um projeto de sociedade que supere as relações sociais de exploração entre os seres humanos, sob a produção coletiva e apropriação privada da riqueza produzida pela humanidade.

Referências Bibliográficas:

- ARROYO, Miguel Gonzáles. e FERNANDES, Bernardo Mançano (orgs). *A Educação Básica e o Movimento Social do Campo*. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo. Brasília: UnB, 1999.
- BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salete(orgs). *Projeto popular e Escolas do Campo*. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo. 2ª ed. Brasília: UnB, 2001.
- BOGO, Ademar. *O MST e a Cultura*. Caderno de Formação No. 34. São Paulo, ANCA, 2000.
- CALDART, R. *Educação em Movimento*. Petrópolis, Vozes, 1997.



CALDART, R. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Petrópolis, Vozes, 2000.

CALDART, R. S. *Pedagogia da Terra-Formação de identidade e identidade de formação*. In: ITERRA. Cadernos do Iterra, Ano II, no. 6, Dez. 2002, p. 77-98.

DUARTE, Newton. *Sociedade do Conhecimento ou sociedade das ilusões?* Campinas: Autores Associados, 2003.

FERNANDES, B. M. & MOLINA, M. C. *O campo da educação do campo*. In: MOLINA, M. C. & JESUS, S. M. S. (orgs.). *Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004, p. 53-89.

FERNANDES, Bernardo M. *Gênese e Desenvolvimento do MST*. Caderno de Formação no. 30. São Paulo, MST, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Questão Agrária, Pesquisa e MST*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, L C de. *Projeto histórico, Ciência Pedagógica e ‘Didática’*. In: Educação & Sociedade, Ano IX, n. 27; setembro de 1987, p. 122-140. São Paulo: Cortez.

FREITAS, L C de. *Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas*. São Paulo: Moderna, 2003a.

ITERRA. *Instituto de Educação Josué de Castro – Projeto Pedagógico*. Cadernos do Iterra. Ano I, No. 2, Veranópolis, Iterra, Maio. 2001.

ITERRA. *Pedagogia da Terra*. Cadernos do Iterra. Ano II, No. 6, Veranópolis, Iterra, Dez. 2002.

ITERRA. *Instituto de Educação Josué de Castro – Método Pedagógico*. Cadernos do Iterra. Ano IV, No. 9, Veranópolis, Iterra, Dez. 2004.

KOLLING, Edgar Jorge; Ir. NERY e Molina, Mônica Castagna (orgs). *Por uma Educação Básica do Campo(memória)*. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo. Brasília: UnB, 1999.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo e CALDART, Roseli Saete (orgs). *Educação do Campo: identidade e políticas públicas*. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo. Brasília: UnB, 2002.

MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo, Boitempo Editorial / Editora da Unicamp, 2002.

MÉSZÁROS, István. *A Educação para Além do Capital*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2005.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2006.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Princípios da Educação no MST – Cadernos de Educação no. 08*. ANCA, São Paulo, 1996.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Como fazemos a escola de educação fundamental*. Caderno de Educação no. 09. 2ª ed, ITERRA, Veranópolis, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *O que queremos com as escolas dos assentamentos*. Caderno de Formação no. 18. São Paulo, MST, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Nossos Valores – Pra Solettrar a Liberdade no. 01*. ANCA, São Paulo, 2000.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Como fazemos a escola de educação fundamental*. Caderno de Educação no. 09. 2ª ed, ITERRA, Veranópolis, 2001.

SILVEIRA, Maria Lídia S. da. *Educação Popular: novas traduções para um outro tempo histórico*. In: Seminário de Educação Popular e Lutas Sociais. Organização Silveira, Maria

Lídia e Farage, Eblin. Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Programa de Pós-graduação da Escola de Serviço Social, novembro de 2004.)

TONET, I. *Democracia ou Liberdade?* Alagoas, Edufal, 1997.

TONET, Ivo. *Sobre o Socialismo*. Curitiba, HD Livros, 2002.

TONET, Ivo. *Educação, Cidadania e Emancipação Humana*. Ijuí, Unijuí, .2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. *Bases Teórico-Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis. V. 4, Nov. 2001. Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo:Atlas, 1987.

TROTSKY, Leon. *Em defesa do Marxismo*. 3.ed. SL Publicações Liga Bolchevique Internacionalista, Fortaleza, 2003.

VENDRAMINI, Célia Regina. *Terra, Trabalho e Educação: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.



A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO CANAL DA INSERÇÃO DAS COMUNIDADES RURAIS EM INSTITUIÇÕES PÚBLICAS MEDIANTE O MONOPÓLIO DAS INSTITUIÇÕES PRIVADAS

Educação

Émille Cristina de ARAÚJO LOPES

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Émille Cristina de ARAÚJO LOPES¹; Marcos Adller de ALMEIDA
NASCIMENTO²; Paulo Roberto LIMA de SOUZA³; Rita de Cássia PEREIRA de
ARAÚJO⁴

¹Aluna de Graduação em Comunicação Social-Jornalismo da UFRN, Natal – RN e-mail:

emille_araujo@hotmail.com;

²Aluno de Graduação em Administração da UFRN (CNPq, PIBIC), Natal - RN e-mail:

adller_almeida@yahoo.com.br;

³Aluno de Graduação em Pedagogia da UFRN, Natal - RN e-mail: paulorsouzza@hotmail.com;

⁴Aluna de Graduação em Biblioteconomia da UFRN, Natal – RN e-mail: ritar31@hotmail.com.

Resumo: O programa Trilhas Potigüares, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN visa promover a extensão universitária, oferecendo oportunidade de atuação profissional em nível de campo aos acadêmicos. A universidade precisa estar vigilante quanto a sua função política de transformação das condições sociais e econômicas. Com isso, este trabalho aborda a necessidade de uma ampla divulgação da universidade pública, com o intuito de garantir a toda população a oportunidade de estar inserida em um meio acadêmico de qualidade, que tem seus ideais pautados na emancipação política e intelectual do homem. Buscando a libertação do monopólio das instituições privadas que a cada ano ocupam mais espaços, principalmente, nas comunidades rurais. Utilizaremos o viés metodológico da Educação Popular, aproximando-se dos conceitos da Pedagogia da alternância. Nesse contexto, será trazida no cerne da discussão a experiência vivenciada no município de Tenente Laurentino Cruz-RN, onde evidenciamos o domínio das instituições privadas sobre as universidades públicas. Assim, cremos que a extensão viabiliza o conhecimento por parte das comunidades desse possível processo de ingresso em instituições públicas.

Palavras-chave: Extensão universitária, Universidade pública, Universidade privada

Introdução

A universidade pública repassa para a maior parte da população uma imagem de inalcançável e distante da realidade da sociedade, principalmente a rural. Isto, acentuado pelo grande número de universidades privadas, a falta de informação e interação entre universidade/população. Por isso é importante se discutir a extensão universitária. Visto



que a universidade assume um caráter hegemônico, alheio as necessidades da sociedade, precisando restabelecer suas funções de produção e disseminação do conhecimento, no sentido de reconquistar sua função original como espaço de investigação cultural, de criação, de invenção e de proposição de debates das grandes questões sociais. Nesse contexto, os projetos de extensão buscam interagir aproximando-se da comunidade.

Compreender a universidade como uma porta de acesso ao desenvolvimento econômico, cultural e intelectual, norteia os trabalhos desenvolvidos por projetos de extensão que fomentam a divulgação dos conhecimentos adquiridos dentro da academia e mostrar às comunidades mais distantes as possibilidades de estarem dentro desta instituição que é pública e para todos.

A extensão universitária ganha há pouco tempo destaque no cenário acadêmico e cria força junto aos estudantes – que vêm nessa atividade um meio de pôr em prática o conhecimento construído dentro de sala de aula – apesar de no Brasil, a institucionalização de programas de extensão terem surgido a partir do decreto nº19.851, de abril de 1931, apresentando-se como um meio para a articulação entre universidade e sociedade, configurando uma perspectiva legítima da universidade na modernização da sociedade.

Partindo dessa concepção de universidade, do seu papel e de projetos de extensão, surge na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no final de 1995 o programa de extensão Trilhas Potiguares, que objetiva,

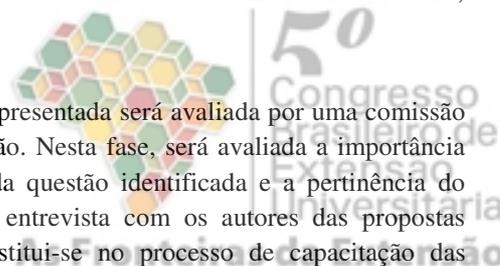
estabelecer a discussão, romper com preconceitos estabelecidos e se inserir de forma definitiva nos estudos para a formulação de alternativas viáveis para os mais urgentes problemas da região em que se integra. Dessa maneira, à luz do somatório de experiências vivenciadas, acumuladas ou desejadas pelas comunidades no âmbito dos mais diversos prismas do conhecimento, foi tecido um processo de intercâmbio acadêmico-científico e social, envolvendo, de um lado a comunidade acadêmica e de outro as próprias comunidades. (MEDEIROS, 2002).

Com a participação de cerca de 2000 voluntários, entre alunos, professores e funcionários da UFRN, estima-se que a população beneficiada pelas diversas ações do Programa, chegou a mais de 100.000 pessoas até 2008.

O trabalho conjunto entre a UFRN e os municípios – sob a forma de parceria – ultrapassa os limites institucionais, otimizando recursos materiais, financeiros e humanos. O Programa contribui na formulação, implantação e acompanhamento de políticas públicas que promovem o desenvolvimento local.

Dessa forma, para que os municípios possam ser inseridos neste projeto, as prefeituras devem se inscrever voluntariamente na Pró-reitoria de extensão da UFRN, obedecendo às seguintes etapas,

primeiro a proposta de intervenção apresentada será avaliada por uma comissão indicada pela Pró-Reitoria de Extensão. Nesta fase, será avaliada a importância do projeto para o equacionamento da questão identificada e a pertinência do trabalho. Logo após, acontece uma entrevista com os autores das propostas selecionadas. O último estágio constitui-se no processo de capacitação das



equipes, o que inclui a elaboração do projeto interdisciplinar de intervenção para a comunidade (GERMANO, 19--?).

A universidade, mediante inscrição voluntária de professores e alunos, monta as equipes para a discussão das demandas de cada município e articulação das ações que serão desenvolvidas neles. Quando as equipes estão concluídas começa o trabalho de planejamento e preparação de oficinas, palestras e atividades articuladas com as diversas áreas, pensadas a partir da necessidade cultural, social e ambiental da cidade. Assim, há o repasse do conhecimento apreendido na academia, para desenvolver atividades possíveis de continuar após a passagem do programa pelo município, com a construção solidária do saber e do desenvolvimento sustentável das comunidades.

Abordaremos, portanto, as experiências vivenciadas no município de Tenente Laurentino Cruz-RN – que recebeu o programa Trilhas Potiguares pela primeira vez no ano de 2010 – visando discutir a inserção das comunidades rurais do Rio Grande do Norte-RN, em especial a de Tenente Laurentino Cruz-RN, nas universidades públicas frente o monopólio das universidades privadas nas cidades do interior do estado.

Material e métodos

Durante o período de 01 a 07 de agosto de 2010, foram realizadas atividades de vivência teórico-prática propostas pelo programa Trilhas Potiguares, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 12 municípios no interior do RN. Entre esses, analisaremos o de Tenente Laurentino Cruz-RN, no qual alunos de diversos cursos de graduação e pós-graduação conduziram atividades que envolveu toda comunidade Tenente laurentinense, como: palestras sobre educação, meio ambiente, saúde, arte e cultura, organização comunitária, tecnologia e turismo, e diversas oficinas sobre essas áreas.

Concomitantemente a diversidade de ações desenvolvidas no município, os resultados obtidos após a realização destas são satisfatórios. A comunidade se sente instigada a produzir trabalhos, que foram plantados ou sugeridos pelos estudantes durante as oficinas e palestras. Programas de desenvolvimento turístico, de organização e planejamento urbano, reciclagem e reutilização de materiais, criação de cooperativas, de grupos jovens, associação de moradores, incentivo ao esporte, implantação de hábitos saudáveis, prevenção a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis e incentivo a arte e a cultura, são exemplos dos frutos gerados pelo programa Trilhas Potiguares.

As ações do Programa Trilhas Potiguares se articulam, basicamente, sob três eixos: a) ensino - desenvolvimento de processos de aprendizagem organizacional intra e inter-grupal de acadêmicos (estudantes de graduação e de pós-graduação e professores) e comunidades (crianças, jovens, adultos e idosos do campo e de áreas urbanas); b) pesquisa – sistematização de saberes diversos, do chamado “senso comum” ao técnico, do popular ao acadêmico, de natureza teórica, empírica, intuitiva, dedutiva ou vivencial, observada a perspectiva de conhecimento proposicional, em que o saber é sistematicamente coletado, processado e validado sob diferentes estratégias e vivências (THIOLLENT, 1992); c) extensão - aplicação e replicação de conhecimentos e metodologias de formação popular, mediante o desenvolvimento de habilidades e competências técnicas – necessárias aos

processos específicos de trabalho e de produção – e de tecnologias sociais, integrada à realidade econômica e política, respeitando-se a autonomia dos indivíduos.

Partindo do pressuposto de que as classes populares produzem saberes a partir de experiências de vida e do contexto social em que estão inseridas. A presente proposta adota um viés de Educação Popular, entendida como processo de intercâmbio de saberes imbricado na realidade dos sujeitos em formação. O educador popular não se restringe ao papel de facilitador de aprendizagens, atuando também como sujeito indispensável ao diálogo e à provocação da reflexão, articulados à ação.

A perspectiva educacional adotada aproxima-se da concepção da Pedagogia da Alternância, a qual compreende produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com comunidades e que representa efetivas contribuições à transformação social.

Metodologias alternativas, sob a perspectiva da Educação Popular, foram empregadas. Trata-se de um processo politicamente comprometido com a participação ativa pela perspectiva da realização de direitos e do compromisso com o bem-estar coletivo. É uma proposta de educação livre de imposições, baseada no saber da comunidade e no incentivo ao diálogo e à negociação permanentes.

Essa metodologia tem o propósito de formar atores com conhecimento e consciência cidadã, capazes de organizar o trabalho mediante a afirmação do sujeito que pode pensar e agir individual e coletivamente. É uma estratégia de construção da participação popular para o redirecionamento da vida social. O intuito é de: a) utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para a aprendizagem, envolvendo, atividades de pesquisa em que o próprio formando constrói conhecimentos acerca da realidade que vivencia; b) aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas geradores do cotidiano; c) transformar o espaço social a partir da consciência política do ser solidário, mediada e confrontada por interesses individuais; d) intercambiar saberes entre academia e comunidades do campo e de áreas urbanas.

Resultados e Discussão

A propagação da universidade pública no município de Tenente Laurentino Cruz/RN

A partir do programa Trilhas Potiguaras os graduandos realizam trabalhos práticos, que permitem a troca de informações entre as partes, a melhoria dos conhecimentos técnicos e a geração de trabalhos de pesquisa.

De acordo com o Artigo 43, inciso VII da LDB 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases), uma das finalidades da educação superior é promover a extensão, aberta a participação da população, visando à difusão das conquistas e dos benefícios da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica na instituição de ensino superior. Neste sentido, a extensão deve ser organizada nas universidades e influenciar positivamente no desenvolvimento regional por meio da divulgação de novas tecnologias. Com isso aconteceu em alguns municípios do RN a 15ª edição do Trilhas Potiguaras em 2010. O

município de Tenente Laurentino Cruz-RN foi contemplado pela primeira vez com programa.

Nessa atividade extensiva ficou evidente que o atual contexto presente nas cidades do interior do Rio Grande do Norte, em especial no município em questão, apresenta uma predominância de universidades e faculdades privadas, que na sua íntegra trazem cursos de pouca duração, atrelado a uma formação superficial. Contudo, o não conhecimento das chances de ingressar em uma universidade pública e, até mesmo, a distância territorial, fortalece a entrada e o incentivo cada vez maior destes alunos nas universidades privadas que chegam quase a todos os municípios do estado.

Este fato pode ser constatado perante o alto número de profissionais formados em instituições privadas, em contrapartida, os oriundos das universidades públicas são cada vez menores. O mais intrigante, é perceber o incentivo dos próprios professores do município para que seus alunos busquem o nível superior em instituições privadas, ao invés de se buscar uma formação na instituição pública.

Segundo Menezes (1996, p.52),

Não se trata somente do empobrecimento do Estado, de sua incapacidade de financiar os serviços públicos, mas também, de uma ideologia de depreciação do que é público, como se tudo quanto não se expõe ao filtro de um mercado concorrencial fosse fadado à ineficiência ou a baixa qualidade.

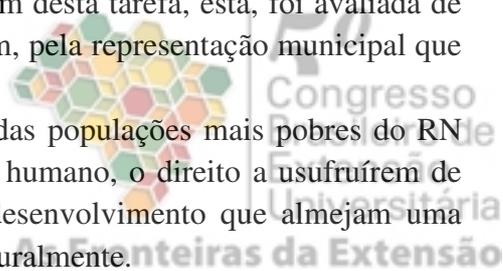
Nessa perspectiva, vemos o fortalecimento das iniciativas privadas, impulsionadas, principalmente pelo neoliberalismo, que imprime a compreensão de um estado fraco, onde tudo que é público é ruim, em contrapartida o privado assume um posicionamento entendido como bom e eficaz. Sobre isso Boff apud Toscano (2006) diz que:

Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade agravados pela hegemonia do neoliberalismo com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que comportam, menospreza-se a tradição da solidariedade. Faz pouco por idéias de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos.

Essa visão alienada de qualidade passa a fazer parte, principalmente, do ideário das comunidades rurais, gerando uma grande valorização das instituições de nível superior privadas, sem se dar tanto interesse as universidades públicas.

Perante a situação encontrada no município, relativa ao desconhecimento dos jovens de Tenente Laurentino Cruz ao acesso a UFRN, foi proposto uma conversa onde todos os membros da equipe puderam, de forma dinâmica, falar a respeito de seus cursos e as oportunidades de atuação em cada área, no intuito de incentivar os alunos do ensino médio a ingressarem nas universidades públicas. No fim desta tarefa, esta, foi avaliada de forma satisfatória pela equipe do Trilhas, como também, pela representação municipal que se fazia presente no momento da discussão.

Dessa maneira, se torna claro a necessidade das populações mais pobres do RN onde estão os mais baixos níveis de desenvolvimento humano, o direito a usufruírem de forma igualitária dos frutos dos novos modelos de desenvolvimento que almejam uma sociedade sustentável, econômica, político-social e culturalmente.



Acho que a Universidade tem a função social nos três objetivos fins indissociáveis. Quer dizer o ensino, no sentido do componente importante de formar pessoas, a pesquisa que ela produz conhecimento não só reproduz, que dizer a capacidade de construir um saber inclusive adequado a sua realidade. [...] Vamos construir uma pesquisa que dê conta de nossa realidade e que possa contribuir para uma realidade ampla. A extensão não é esse terceiro termo que geralmente se coloca. Para mim ela é fundamental. Ela pode se realizar de forma articulada ao ensino e a pesquisa, esse caráter indissociável, ela pratica isto.[...] Essa é a função que a universidade tem que dar conta da realidade, ensinando e preparando profissionais para a realidade em que ele vive. A função de, no próprio processo de ensino-aprendizagem, da produção de pesquisa você está prestando uma forma de serviço à comunidade, construindo-a e emancipando-a. (TOSCANO, 2006).

Portanto, é a partir de iniciativas junto às populações que poderá haver um fortalecimento das instituições públicas, na busca de uma maior inserção dos jovens oriundos da zona rural do Estado do Rio Grande do Norte na Universidade Pública, incentivando a progressão estudantil numa perspectiva crítica e atuante.

Conclusões

Conclui-se que a Extensão Universitária cria novos espaços na academia. A sala de aula deixa de ser o laboratório, a biblioteca, a sala convencional. Derrubam-se as paredes e destroem-se limites para as ações. Alunos e professores estão inseridos na realidade concreta experimentando o fazer acadêmico junto ao fazer profissional e tecendo relações sociais que refletem nas políticas públicas instituídas.

Assumindo o compromisso social e, também, como articuladora de suas relações. Esse papel articulador não deve, necessariamente, ser visto como a substituição para falhas no ensino e na pesquisa. Trata-se de um momento de construção em que extensão universitária é uma ferramenta necessária e útil para tornar os produtos da universidade mais próximos da sociedade.

Fica claro que este tipo de atividade tem como responsabilidade precípua efetivar as relações sociais da universidade com o seu meio, de modo tal a fazer dela uma instituição social e comprometida com as necessidades da sociedade de seu tempo. Contribuindo para um maior acesso da população a universidade pública ao invés do atrelamento a iniciativa privada, que em muitas vezes, assume um papel capitalista e descomprometido com a emancipação política e intelectual dos indivíduos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Governo Estadual. Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo. **Anuário Rio Grande do Norte: 2009/2010**. Natal, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultural. Secretaria de Educação e Cultura. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**– LDB - Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.



BRASIL. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pró-reitoria de Extensão. Programa Trilhas Potiguares. **Programa trilhas e a extensão universitária**. Natal, 19--?.

MEDEIROS, Marjorie da Fonseca e Silva. **Educação, formação e transformação nas trilhas potiguares**. Natal, 200-?.

MENEZES, Luís Carlos de. **Universidade sitiada: a ameaça de liquidação da universidade brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

SILVA FILHO, Roberto Leal Lobo e. **A extensão universitária: definição, propósitos, estratégias e ferramentas**.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **Extensão universitária na UFG: olhando para o passado**. Goiás, 2005. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/45anos/M-extensao.html>. acesso em: 11 de agosto de 2010.

THIOLLENT, M. (org.). **Pesquisa Ação e Projeto Cooperativo na Perspectiva de Henri Desroche**. São Carlos: EdUFSCAR, 2006.

TOSCANO, Geovânia da Silva. **Extensão universitária e formação cidadã: a UFRN e a UFBA e m Ação**. Natal, 2006.



ALUNOS DA EJA QUEM SÃO? COMO SÃO? ONDE VIVEM? DE ONDE VEM? POR QUE “EVADIRAM” DA ESCOLA? QUAL O SEU PERTENCIMENTO RACIAL E DE GÊNERO?

Área Temática: Educação

Ana Paula De Abreu Costa De Moura (1);

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Solange Alves De Souza Rodrigues (2);

Tamara Lazaro Silva (3);

Rodrigo Quaresma Marques Soares (4);

Valeria Pereira Da Costa Leite (5).

Resumo

Este trabalho traz os resultados preliminares das ações de extensão e pesquisa, realizadas com o objetivo de identificar o perfil dos alunos das 17 turmas, que compõem o Projeto de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos de Espaços Populares. As ações estão vinculadas ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos NUPEEJA da UFRJ. O trabalho partiu da premissa fundamental da Pedagogia Libertadora (Freire, 1987), que propugna que o conhecimento prévio dos sujeitos educandos/as e do seu universo é indispensável ao ato pedagógico e trouxe/traz como objetivo identificar elementos que nos permitam traçar o perfil dos/as estudantes do programa de alfabetização de jovens e adultos da UFRJ. Quem são? Como são? De onde vêm? Por que "evadiram" da escola? Qual o seu pertencimento racial e de gênero? Tal conhecimento, além de servir ao planejamento do trabalho pedagógico e a sua reorientação, pode vir a colaborar direta ou indiretamente com a elaboração de políticas da educação ou ações por parte de educadores e educadoras da EJA, de modo a se construir uma leitura e uma prática mais sóbria e sedimentada desta modalidade de educação. Descobrir quem são os sujeitos da EJA se confunde com descobrir quem são os sujeitos da exclusão, o que favorece uma releitura da dinâmica social brasileira.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Educação de Jovens e Adultos, Perfil dos Alfabetizandos.

Introdução

O presente trabalho é resultado de ações de extensão universitária vinculadas ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Universitária da UFRJ – NUPEEJA¹. As ações foram desenvolvidas em comunidades do bairro Maré, localizado na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.



¹ O Núcleo compõe o Programa Integrado da UFRJ em Educação de Jovens e Adultos - EJA - PI, que articula diferentes ações de extensão, ensino e pesquisa, através de quatro projetos, dentre eles, o de formação, o de desenvolvimento sócio-cultural e o das classes de alfabetização.

Os resultados aqui apresentados são preliminares e têm como objetivo identificar o perfil dos alunos das 17 turmas e contribuir para a reflexão-ação da prática do educador, que convive em sala de aula com a diversidade de sujeitos.

Tendo como base a premissa fundamental da Pedagogia Libertadora (Freire, 1984) que propugna que o conhecimento prévio dos sujeitos educandos/as e do universo é indispensável ao ato pedagógico, o trabalho trouxe/traz como objetivo identificar elementos que nos permitam traçar o perfil dos/as estudantes do programa de alfabetização de jovens e adultos da UFRJ. Elementos estes que possam contribuir para potencializar as práticas educativas e contribuir também para a formação dos universitários que atuam nas ações extensionistas.

Quem são? Como são? De onde vêm? Por que "evadiram" da escola? Qual o seu pertencimento racial e de gênero? As indagações relativas à raça e a gênero, em específico, são objetos privilegiados em reflexões de autores/as da EJA como Albertini & Pereira (2007) e Louro (1997) que entendem que raça e gênero são fatores de exclusão e, portanto, participam ativamente do processo de escolarização.

Tal conhecimento, além de servir ao planejamento do trabalho pedagógico e a sua reorientação, pode vir a colaborar direta ou indiretamente com elaboração de políticas da educação ou ações por parte de educadores e educadoras da EJA, de modo a se construir uma leitura e uma prática mais sóbria e sedimentada desta modalidade de educação. Daí a relevância das ações desenvolvidas. É uma questão desta atividade de extensão e pesquisa também, considerar até que ponto o perfil encontrado no programa em questão se alinha ao perfil geral da EJA, apontada pela literatura existente.

Material e Metodologia

As atividades de extensão e pesquisa, abordadas neste trabalho estão sendo desenvolvidas em quatro etapas, duas das quais já realizadas: A primeira através da revisão de literatura e pesquisa documental. A pesquisa documental teve como material de investigação a ficha de cadastro dos alunos, onde focamos o estudo em alguns itens específicos: naturalidade, idade, gênero, raça.

A segunda etapa das ações utilizou-se de uma abordagem qualitativa. Em forma de entrevistas com roteiro semi-estruturado, pudemos contar com a participação de quinze alunos para tentarmos qualificar algumas questões apontadas no questionário. A escolha dos alunos não ocorreu de forma aleatória, mas buscou-se escolher alunos que encaixam nas maiores porcentagens das quatro categorias pesquisadas: idade, sexo, naturalidade, raça/cor, de modo a responder a duas questões centrais: Qual o perfil dos

alunos do programa de alfabetização? Como este perfil interliga-se em raízes histórico-social?

A terceira etapa do trabalho se constitui na discussão em torno das análises das entrevistas e a construção do diálogo com diferentes autores, tais como Alberti & Pereira (2007), Guacira Louro (1997) Freire (1984) , Nogueira (2003) e Leal (2006). A quarta etapa desta atividade de extensão e pesquisa, que realizar-se-á no segundo semestre de 2011, prevê um retorno sistematizado para os bolsistas de extensão que atuam como alfabetizadores no programa, com o objetivo de potencializar e fortalecer a prática educativa que desenvolvem.

Resultados e Discussão

Os resultados iniciais tem apontado reflexões importantes, como a origem predominantemente nordestina dos alunos, o não reconhecimento explícito das relações entre gênero e educação e a negação da origem racial, principalmente dos alunos negros.

A discussão das análises das entrevistas tem possibilitado a reflexão em torno de como os alfabetizados pensam e as raízes históricas destes pensamentos, através da construção do diálogo com autores que trazem explicações para as questões encontradas, contribuindo para a articulação entre a prática e a teoria.

A discussão permite ainda cotejar as diferentes realidades encontradas e refletir em torno da forma de abordar os entrevistados: o quanto podemos interferir sem induzir as respostas dos alfabetizados? Até onde posso “esclarecer” a pergunta? Devo inserir novas perguntas, no decorrer das entrevistas, para conseguir a resposta que precisamos? Estas são questões presentes que nos fazem refletir sobre a construção do pesquisador.

Na busca de imprimir um movimento de constante ação-reflexão-ação, estas atividades de extensão e pesquisa busca fazer com que os dados encontrados não se resumam em apenas uma análise, mas que contribuam para a revitalização da prática de ensino nas turmas de alfabetização.

Conclusão

Quem são? Como são? De onde vêm? Por que "evadiram" da escola? Qual o seu pertencimento racial e de gênero? Estas perguntas que motivaram nossas ações têm como objetivo responder duas questões mais amplas: qual o perfil dos alunos do programa de alfabetização? Como este perfil interliga-se em raízes histórico-social?

Descobrir quem são os sujeitos da EJA se confunde com descobrir quem são os sujeitos da exclusão, o que favorece uma releitura da dinâmica social brasileira, de

modo a contribuir com o desejável aprofundamento do processo democrático. Neste sentido, torna-se imprescindível que a dívida histórica e social na vida de tantos indivíduos sejam reparadas, este é um dos fins da educação de jovens e adultos, reconhecer o princípio da igualdade e do acesso à educação (Parecer CNE/ CBE 11/2000, Cury).

Referências Bibliográficas

Alberti, V. & Pereira, A. A.(org). História do movimento negro no Brasil, Rio de Janeiro, 2004

BRASIL. Parecer CEB/CNE nº 11/2000: diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.

Freire, Paulo Pedagogia do Oprimido. 17ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Louro, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, Petrópolis, 1997.



CADERNOS DE MEMÓRIAS: UMA ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA INCENTIVAR A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALFABETIZANDOS JOVENS E ADULTOS.

Área temática de Educação

Responsável pelo trabalho

Danielle da Silva Vargas

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

VARGAS, Danielle da Silva (1); MOURA, Ana Paula de Abreu Costa (2); SANTOS, Alcicléa Ramos dos (3); NASCIMENTO, Alline Gonçalves do (4); NUNES, Claudenice Mendes de Santana (5).

- 1- Professora Especialista em Educação de Jovens e Adultos, Supervisora Pedagógica do EJA-PI
- 2- Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenadora geral do EJA-PI
- 3- Graduanda do curso de Pedagogia da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Alfabetizadora do EJA-PI
- 4- Graduanda do curso de Letras da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Alfabetizadora do EJA-PI
- 5- Graduanda do curso de Pedagogia da Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Alfabetizadora do EJA-PI

Resumo:

O presente trabalho relata uma proposta didática bem sucedida realizada pelo *Projeto de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos de Espaços Populares* que atende a grupos diversificados de educando em processo de alfabetização em diferentes comunidades dos bairros do entorno da Cidade Universitária. Esta proposta reflete o esforço de um grupo de alfabetizadores (extensionistas de graduação) e supervisão pedagógica (extensionista de pós-graduação) para tornar a ação educativa mais atrativa para o público jovem e adulto atendendo a classes formadas por educandos em diferentes níveis de aprendizagem. Este trabalho apresenta a proposta intitulada *Cadernos de Memórias*, realizada em três turmas do Projeto de Alfabetização do EJA-PI. Ele consiste na produção de textos utilizando a linguagem verbal e a não verbal, a partir de registros de experiências desses alunos que contando, recontando e refletindo

sobre essas mesmas lembranças de diversas formas — através de palavras, frases, poemas, desenhos, fotos etc. Concluímos que este projeto pedagógico tem incentivado a participação dos alunos da EJA, que se sentem a vontade em trabalhar com o tema *Memórias* que não apenas os estimula e encoraja a construir esses textos, reconstruindo suas próprias histórias, como também promove uma conscientização gradativa destes alunos como sujeitos não mais passivos, mas ativos do processo de ensino.

Palavras-chave: **Alfabetização, EJA, memórias**

Introdução

As atividades educacionais realizadas pelo *Projeto de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos*¹ atendem a alunos em processo de alfabetização em diferentes estágios de desenvolvimento em salas localizadas em comunidades do entorno da Cidade Universitária. Buscando atender a toda essa diversidade de educandos, as aulas planejadas e ministradas por nossos alfabetizadores (alunos de cursos de graduação) diversificam a ação didática com estratégias pedagógicas que incentivam os alfabetizandos jovens e adultos a construir textos utilizando diferentes tipos de linguagens: verbal (oral/ escrita) e não verbal (visual), objetivando a construção de *Cadernos de Memórias* das turmas.

A idéia de se trabalhar com a “memória” com este público de alfabetizandos, em sua maioria, adultos e idosos, buscou uma exploração e valorização dos conhecimentos que muitos nem sabiam que tinham. Afinal, como nos lembra Frei Beto: “o pobre sabe, mas nem sempre sabe que sabe”. O ensino se torna mais atrativo ou fácil de ser compreendido se partirmos de uma realidade concreta desses indivíduos. Foi o que de fato ocorreu, a cada relato de experiência surgiam não apenas as histórias desses alunos, mas também momentos históricos vivenciados pelos grupos, tais como acontecimentos que marcaram o período de formação da comunidade em que ainda hoje estão inseridos: no Complexo da Maré. Alguns alunos tornaram-se verdadeiros mestres em História e Cultura explicando como participaram da construção desta cidade, como o José, com suas lembranças do tempo em que trabalhou na construção da Ponte Rio-Niterói, trazendo para a sala de aula um pequeno pedaço dessa monumental ponte que ele ainda guarda consigo.



¹ Este projeto está vinculado ao Programa de Educação Continuada, Desenvolvimento sócio-cultural e Formação em Educação de Jovens e Adultos EJA-PI.

Material e Metodologia

A proposta inicial, inspirada na vida da poetisa Cora Coralina² durante uma visita das turmas a uma exposição em homenagem aos 25 anos do falecimento da poetisa intitulada: *Cora Coralina no coração do Brasil*, realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), iniciou-se com uma mini exposição em cada uma dessas turmas sobre a poetisa para que os alunos que não puderam participar do passeio pudessem conhecer sua história e os que foram lembrarem para iniciarmos as atividades.

A reprodução da exposição realizada em cada uma das turmas participantes da proposta didática foi iniciada apresentando-se alguns fatos da história de vida da poetisa, ao mesmo tempo em que os alunos eram convidados a associar suas próprias experiências de vida a esses fatos: local de nascimento, locais em que viveram ou visitaram, atividades exercidas, etc.

Nessa exposição, tal qual a realizada pelo CCBB, os alunos tiveram contato que com fotografias (da casa e objetos pessoais de Cora), textos, cartas, dados biográficos e vídeos de entrevistas com a poetisa. Esses materiais foram selecionados de forma que pudesse surgir alguma identificação com alunos, o que ocorreu de fato levando-os a trazer lembranças pessoais inspirados por essas imagens. Os objetos e lembranças de suas próprias histórias, aos poucos foram sendo colocadas nos *Caderno de Memórias* (de cada turma).

A opção pela construção de caderno de escritas coletivas vai ao encontro à diversidade de níveis de desenvolvimento apresentadas por cada grupo, que conta com alunos em fase inicial e intermediária do processo de alfabetização. Portanto, ninguém se sentiria obrigado a escrever um caderno de memórias, individualmente como se esse fosse um diário. Porém, simplesmente compartilhando algumas lembranças com seu grupo de estudo.

Para isso, as atividades posteriores foram realizadas com imagens e textos que pudessem ser pensados, desconstruídos e reconstruídos, por esses alunos que trouxeram suas próprias impressões sobre essas imagens e textos, promovendo aprendizados que não fossem mecanicamente memorizados, mas conhecimentos realmente aprendidos.

² Pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, poetisa e contista, mulher simples, doceira de profissão, que produziu uma obra rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás, estado onde nasceu. Começou a escrever aos 14 anos, mas só teve seu primeiro livro publicado aos 76.

A proposta inicial também inspirou a turma a montar uma exposição com objetos que também contassem suas histórias, a idéia foi proposta por uma aluna, que também sugeriu que a atividade fosse estendida aos colegas das outras turmas que se encontrariam numa grande exposição onde cada um contaria um pouco de suas memórias.

Resultados e Discussões

A construção do caderno revelou autores preocupados com uma produção não apenas textual, mas também artística, pois muitos fizeram questão de se expressar não apenas por uma linguagem ou outra (verbal ou visual), mas por ambas. Tais alunos transformaram-se em poetas, criando beleza onde era impossível percebê-la.

O diálogo entre o aluno e o professor-alfabetizador foi fundamental para a execução bem sucedida desta proposta de trabalho que trouxe novas perspectivas para ambos os sujeitos envolvidos neste processo de ensino-aprendizagem: estes alunos, protagonistas de suas próprias histórias se perceberam um pouco professores dessa “escola chamada vida”, enquanto que seus alfabetizadores se descobriram aprendizes desta ação educativa.

Propostas como esta nos fazem entender o verdadeiro sentido da ação extensionista, que leva alunos de graduação de diversas áreas da universidade a se encontrarem como educadores em sala de aula diante de seus melhores mestres: os alunos.

Educadores não podem ser produzidos. Educadores nascem. O que se pode fazer é ajudá-los a nascer. Para isso eu falo e escrevo: para que eles tenham coragem de nascer. Quero educar os educadores. E isso me dá grande prazer porque não existe coisa mais importante que educar. Pela educação o indivíduo se torna mais apto para viver: aprende a pensar e a resolver os problemas práticos da vida. Pela educação ele se torna mais sensível e mais rico interiormente, o que faz dele uma pessoa mais bonita, mais feliz e mais capaz de conviver com os outros.

(Rubem Alves)

Contudo, além de dar voz ao aluno é preciso também tornar essa ação uma prática atrativa de forma a envolvê-lo para que ele possa não apenas se apropriar deste ou daquele conhecimento, mas enxergar o quanto o aprendizado pode ser prazeroso e ilimitado.

Sendo assim, a ação alfabetizadora desenvolvidas em nossas classes populares não se resume a trabalhar apenas o desenvolvimento da leitura e da escrita, nem tão pouco esta proposta didática buscou apenas explorar suas lembranças, mas conscientizar o aluno como um agente transformador dessa ação.

Conclusão

O presente projeto pedagógico tem incentivado a participação dos alunos da EJA, que se sentem a vontade em trabalhar com o tema *Memórias*, a partir do qual muitos se achavam apenas contando suas próprias histórias, quando na verdade estavam reconstruindo suas identidades, tornando-os conscientes de que eles próprios eram detentores de conhecimentos, e que estes poderiam ser compartilhados com colegas e professores, a quem eles consideravam os únicos donos do conhecimento. Podemos afirmar que esta proposta alcançou um objetivo que toda prática educativa deveria considerar: “a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina” (Paulo Freire), afinal nenhuma prática educativa é individual, uma mera ação sem reação.

Referências bibliográficas

CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais. 10ª Ed. São Paulo: Global Editora, 1985.

ESTEVES, André (org). Livro de Contos e Lendas da Maré. Rio de Janeiro. Ed. Maré das Letras, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. BETTO, Frei. Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1985.

ALVES, Rubem. Educação dos sentidos e mais... São Paulo: Verus, 2005.

_____. Conversas com educadores. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/conversacomeducadores.htm>>. Acesso em 9 de mar 2011.

Sites:

<http://www.casadecoracoralina.com.br/museu.html/>
<http://www.museudamare.org.br/joomla/>



Co-educação de Gerações

Área de Trabalho:

Educação

Responsável pelo trabalho:

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Instituição:

Universidade Federal Fluminense

Nomes dos autores:

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Jonis Manhães Sales Felipe

Nathanael Araújo da Silva.

Resumo

Trata-se de um trabalho sobre o intercâmbio e compartilhamento de experiências entre os alunos da UNITI (Universidade da Terceira Idade/UFF) e os alunos da rede pública de ensino da cidade de Campos dos Goytacazes, a partir de aulas/encontros assistidos conjuntamente que têm como base a seguinte questão: “Frente às expectativas e sentimentos que dizem respeito à entrada numa nova fase do curso de vida – a velhice e a vida adulta- de que forma os saberes se constituem, circulam e são reinterpretados na relação entre unidades geracionais diferenciadas, quando colocados em pauta temas como modelos familiares, juventude e envelhecimento?”. É uma experiência de caráter permanente que tem como função produzir informações sobre os modelos de representações da família, da juventude e da velhice presentes nos discursos e práticas dos adolescentes (de 15 a 17 anos) e adultos (de 55 a 65 anos), diante da aproximação da maioridade civil para os primeiros e da velhice para os segundos, de acordo com os parâmetros oficiais.



Palavras-chave: co-educação; gerações; compartilhamento.

1. INTRODUÇÃO

Da população absoluta, os idosos, ou seja, aqueles que têm ou estão acima de sessenta anos, constituem hoje cerca de quarenta mil pessoas, em Campos dos Goytacazes. Em sua maioria, eles são egressos de uma configuração agrária, onde o poder político se encontrava nas mãos das oligarquias locais. Os alunos adultos (55 a 65 anos) que participarão da dinâmica da “Co-educação entre gerações” vivenciaram sua infância e adolescência entre os anos de 1940 e 1960, ou seja, ainda no período de domínio da economia açucareira e dos modelos de sociabilidade que a ela estavam ligados.

Idosos residentes em Campos dos Goytacazes em 2001:

| | | |
|---------------------------------------|--------|------------|
| Pessoas residentes - 60 a 64 anos - | 12.445 | habitantes |
| Pessoas residentes - 65 a 69 anos - | 10.577 | habitantes |
| Pessoas residentes - 70 a 74 anos - | 8.092 | habitantes |
| Pessoas residentes - 75 a 79 anos - | 4.809 | habitantes |
| Pessoas residentes - 80 anos e mais - | 5.019 | habitantes |

Fonte: IBGE. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Por sua vez, os jovens constituem uma parcela significativa da cidade. Eles representam cerca de 110 mil habitantes, 25% do contingente da população total. Os alunos que participam dessa pesquisa têm entre 15 e 17 anos, nascidos entre os anos de 1993 e 1997.

Jovens residentes em Campos dos Goytacazes em 2001:

| | | |
|-------------------------------------|--------|------------|
| Pessoas residentes - 15 a 17 anos - | 24.179 | habitantes |
| Pessoas residentes - 18 a 19 anos - | 16.680 | habitantes |
| Pessoas residentes - 20 a 24 anos - | 37.073 | habitantes |
| Pessoas residentes - 25 a 29 anos - | 30.577 | habitantes |

Fonte: IBGE. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Enfim, diante do quadro apresentado, entendemos ser de singular relevância a possibilidade de se registrar e divulgar uma experiência de co-educação que analise os discursos, as representações e as práticas sociais de grupos etários e geracionais diferenciados. As reflexões/saberes decorrentes de tal projeto, além de dialogar com experiências que vêm sendo realizadas em outras partes do país, servem de base para a

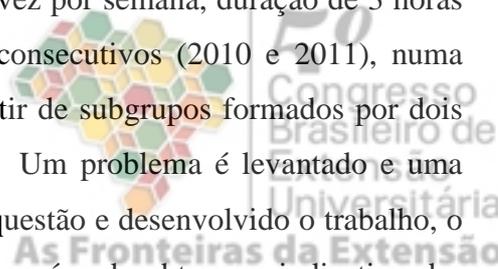
discussão sobre a inclusão do tema do envelhecimento na Educação Básica da Coordenadoria Regional de Educação do Norte Fluminense I.

MATERIAL E METODOLOGIA

Na escala da nossa interação com os entrevistados e entre eles, fazemos uso dos pressupostos e experiências já desenvolvidas por autores vinculados ao que, genericamente, podemos chamar de interacionismo simbólico e etnometodologia. Fazemos a apresentação do projeto, as suas justificativas e os seus objetivos para os participantes. Os encontros são divididos em dois grandes momentos. O primeiro diz respeito às entrevistas de história de vida e à coleta de registros biográficos. O segundo, no qual se concentra grande parte de nossas estratégias, é quando as gerações trabalham em conjunto.

Para que os participantes se sintam mais sensibilizados para os debates e oficina, nós utilizamos recursos audiovisuais e textuais para estimulá-los, tais como: documentários, músicas, trechos de filmes, telejornais, capítulos de novelas, reportagens, crônicas e pinturas. Optamos por recursos que sejam claros e diretos, de forma que todos se sintam à vontade. Por isso, a nossa escolha recai sobre suportes pedagógicos que façam parte do cotidiano, tais como músicas conhecidas e programas de televisão. No caso das músicas, procuramos aproveitar os talentos existentes no grupo, fazer com que aqueles que tocam algum instrumento e cantam possam demonstrá-lo, de forma que estas atividades colaborarem para a integração. Entretanto, são destacadas as visões subjacentes a qualquer material midiático trabalhado, tendo em vista que como relatos sociais também são produtores de determinados sentidos sobre as etapas do curso de vida. Utilizamos os dados disponíveis do IPEA, IBGE, CIDE e outras instituições que aferem os indicadores de qualidade de vida da população das mais diversas faixas etárias (CAMARANO, 1999)

Os debates e as oficinas são realizados uma vez por semana, duração de 3 horas cada encontro, durante dois meses em dois anos consecutivos (2010 e 2011), numa turma de 32 pessoas (16 jovens e 16 idosos), a partir de subgrupos formados por dois alunos da UNITI e dois alunos da escola pública. Um problema é levantado e uma atividade prática proposta. Depois de respondida a questão e desenvolvido o trabalho, o resultado é debatido com o grupo maior. O interesse é o de obter um indicativo das



representações dos envolvidos sobre os temas em pauta, de como eles constituem e vivenciam os seus saberes no âmbito da família, assim como interpretam “o jeito de ser e a maneira de pensar” das pessoas que fazem parte de outra geração. Em algumas das atividades realizadas fazemos uso do Estatuto do Idoso e do Estatuto da Criança e do Adolescente, como estratégia para que os participantes possam obter mais informações sobre os direitos que lhes assistem.

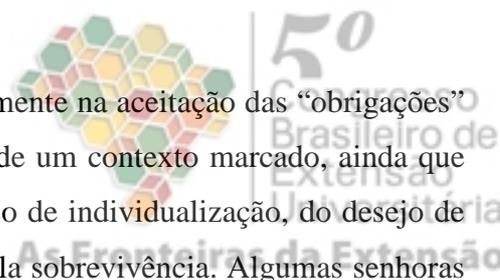
4. RESULTADOS PRELIMINARES.

No atual estágio do processo, percebemos que a média das participantes adultas poderia ser considerada uma unidade geracional, tendo em vista que, como propõe Mannheim (1993), para além da situação etária, elas compartilhavam experiências, valores, gostos e filiações a credos muito similares. A exemplo do que já foi evidenciado por Sarti (2010) sobre a realidade das classes baixas, a maioria deixava transparecer que a sua compreensão de família está estruturada no eixo da obrigação moral entre aqueles com os quais se pode contar. A palavra confiança e, por que não dizer, gratidão, adquire um sentido crucial na estabilidade dessa rede de transferência de apoio, para aqueles que porventura venham a enfrentar uma velhice fragilizada e a possibilidade da solidão,

Vou seguir até o fim, quando eles não precisarem mais de mim. Porém, não espero que façam grandes coisas por mim (pra não me decepcionar). Mas creio que não me deixarão só, porque dei exemplo, cuidando de minha mãe até ela morrer e também de uma irmã maníaca depressiva, também até morrer. (Aluna, carta escrita para os filhos, ano de 2010)

Contudo, note que, embora a reciprocidade seja um imperativo moral, o fantasma da suposta ingratidão assombra em muitas das narrativas presentes. Dentre os vários fatores que concorrem para isso, gostaríamos de destacar as transformações pelas quais as famílias têm passado nas últimas décadas. Neste caso, se por um lado, conforme propõe Singly (2000), há uma crescente autonomização do indivíduo em relação às famílias contemporâneas em busca de liberdade e realização, pelo outro, gera-se uma tensão entre o indivíduo e o grupo, tendo em vista a sobreposição do self ao interesse dos outros.

O problema das interações se encontra justamente na aceitação das “obrigações” de reciprocidade que a intimidade acarreta, dentro de um contexto marcado, ainda que não completamente, pela predominância do processo de individualização, do desejo de eternizar a juventude e, em muitos casos, na luta pela sobrevivência. Algumas senhoras



identificam ausências e tensões análogas em suas configurações domésticas, conforme podemos perceber nas seguintes passagens:

Não que ela não possa te assumir, pois para isso ela tem condições. Porém, só pensa nela, em vestir bem, carro sempre do ano. (...) Isto muito me preocupa, pois achamos que o egoísmo é muito grande. (...) Sei, minha neta, que você concorda comigo e tem muito mais compromisso que a sua mãe. (Aluna, carta para a neta, 2010).

A situação de ausência dos filhos e de não demonstração de afetos percorre cerca de um terço das narrativas. Ao problematizar a inserção das participantes adultas nesta rede marcada pelo dar-receber-retribuir, notamos que nessa fase madura do curso de vida, a maioria ainda contribui para o bem estar dos filhos, seja fornecendo ajuda financeira, cuidando dos netos, lavagem de roupa, fazendo comida, vigiando a casa, e apoio moral.

7. REFERÊNCIAS

CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1985.

MANNHEIM, K. “El problema de las generaciones” [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], Madri: **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, 1993, . 193-242.

SARTI, C. A. **A família como espelho – um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2003.

SINGLY, François. **O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar**. In: PEIXOTO, Clarice *et al.* (orgs). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000



CONSUMO E SUSTENTABILIDADE – DIÁLOGOS COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Área temática: Educação

Responsável pelo trabalho: Suzane Moreira Coelho

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

Suzane Moreira Coelho¹, Catiene de Oliveira², Roberta Barbosa Melo³,
Patrícia Oliveira de Freitas⁴, Jorge Luiz de Góes Pereira⁵

RESUMO

O presente trabalho descreve as atividades realizadas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), esta ação educativa está vinculada ao projeto de extensão, “Educação para o consumo no Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC Paulo Dacorso Filho: Fortalecimento e Ampliação das Ações”, financiado pelo do programa do BIEXT da Universidade Feral Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O projeto tem como objetivo trabalhar conceitos de educação para consumo com crianças de 4º ano ao 6º ano. No entanto, durante a realização do mesmo percebemos a necessidade de ampliar estas atividades para a turma de Educação para Jovens e Adultos (EJA), estas ações vem beneficiando duas turmas, totalizando, aproximadamente 40 alunos, incluindo professores e estagiários de diversos cursos da universidade, criando um espaço de reflexão e ação sobre o consumo sustentável, o excesso de descartes dos produtos consumidos e as conseqüências dos mesmos ao meio ambiente.

Palavras-Chave: Educação, Consumo e Sustentabilidade



50
Congresso
Brasileiro de
Extensão
Universitária

¹ Graduanda em Economia Doméstica, Bolsista BIEXT/UFRRJ - suzane.ufrj@yahoo.com.br

² Graduanda em Economia Doméstica, Bolsista BIEXT/UFRRJ - catieneoliveiraufrrj@hotmail.com

³ Graduanda em Economia Doméstica, Bolsista BIEXT/UFRRJ - bethabanadinovich@hotmail.com

⁴ Profª Dra do Departamento de Economia Doméstica - UFRRJ - Orientadora - pfreitas@ufrj.br

⁵ Prof. Dr. do Dep. de Econ. Doméstica - UFRRJ - Colaborador - jolugope@ufrj.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve as atividades realizadas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), esta ação educativa está vinculada ao projeto de extensão, “Educação para o consumo no Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC Paulo Dacorso Filho: Fortalecimento e Ampliação das Ações”, financiado pelo Programa do BIEXT da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A partir da década de 90 do século XX, intensifica-se a percepção do impacto ambiental dos padrões de consumo, possibilitando a emergência de um novo discurso dentro do ambientalismo internacional, Portillo (2005), de acordo com autora a problemática ambiental começa a ser redimida, isto é, existe uma preocupação quando se trata do consumo exagerado.

As atividades desenvolvidas inicialmente foram sobre os seguintes temas: “conceitos de consumo sustentável”, abordando as consequências do excesso do consumo, os efeitos ambientais do consumo no meio ambiente, descartes de produtos aumentando a produção de lixo, alternativas para diminuir o consumo exagerado, destacando a mudança de comportamento com nosso lixo através da reciclagem. O segundo tema foi “escambo e a história do dinheiro”, a abordagem desta temática incluiu desde as trocas de mercadorias até o surgimento do dinheiro, as mudanças que sofreu ao longo do tempo e sua importância.

O planeta está chegando num ponto cada vez mais crítico, observando-se que não pode ser mantida a lógica prevalecente de aumento constante do consumo. Já se verificam os seus impactos no plano ecológico global (Portillo, 2005). De acordo com autora, há uma necessidade de trabalhos educativos voltados para conscientização e reflexão do consumo e destaca que a atuação do consumidor no mercado pode ter reflexos positivos ou negativos sobre a economia e no meio ambiente.

Buscamos ainda promover uma reflexão sobre a responsabilidade que todos os indivíduos precisam ter quando se trata do consumo e do uso correto do dinheiro, tal abordagem foi feita com base do material elaborado pelo Instituto AKATU⁶, no referido documento destaca que o “dinheiro e crédito, por sua própria natureza, despertam atenção imediata de cidadãos das mais diversas categorias e interesses”, por isso a

⁶ O Instituto Akatu é uma organização não governamental sem fins lucrativos que trabalha pela conscientização e mobilização da sociedade para o Consumo Consciente.

importância de levar às escolas a reflexão o ato de consumo a partir de uma abordagem ampla que considere as dimensões econômicas, sociais e ambientais.

Nesse sentido o projeto visa contribuir para formação de cidadãos conscientes do seu papel como consumidores participativos e críticos e que passem a assumir cada vez mais o papel de consumidor-cidadão.

MATERIAL E METODOLOGIA

O projeto está sendo realizado na escola Municipal Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC Paulo Dacorso Filho em Seropédica, a ação tem beneficiado duas turmas, totalizando, aproximadamente 40 alunos, incluindo professores e estagiários de diversos cursos da universidade, criando um espaço de reflexão e ação sobre o consumo.

Para realizar as atividades do projeto utilizamos o método de aula expositiva, com recursos de áudio visuais, no primeiro momento fizemos uma dinâmica quebra gelo, após a apresentação iniciamos o primeiro tema “consumo sustentável”, com o filme do projeto “The Story of Stuff” (*A História das Coisas*) realizado em 2008 pela Annie Leonard⁷ com o objetivo de mostrar as conseqüências dos problemas sociais e ambientais causados pelo nosso consumismo exagerado. Em seguida abrimos o diálogo e reflexões sobre o filme, onde percebemos que o mesmo foi bem aceito e questionado.

Devemos ressaltar também a participação dos estagiários de diversos cursos de licenciatura da UFRRJ e dos professores nas discussões. Dividimos o tema consumo sustentável em: conseqüências do excesso do consumo, os efeitos ambientais do consumo, descartes de produtos aumentando a produção de lixo e alternativas para diminuir o consumo exagerado, destacando a mudança de comportamento com nosso lixo através da reciclagem, estas aulas foram lecionadas em dois horários.

Os conteúdos utilizados para elaboração das atividades foram pesquisados em materiais impressos e também na internet⁸, onde adaptamos vídeos sobre o consumo consciente, por meio desta iniciativa buscou-se estimular os alunos para conscientização e a mudanças de postura relativas aos seus atos sobre o consumo excessivo.

⁷ Annie Leonard formou-se pela Faculdade de Lakeside, e tem uma graduação de Barnard College e graduado pela Universidade de Cornell em planificação urbana e regional. É co-criadora e coordenadora do GAIA (Global Alliance for Incinerator Alternatives) e atua nos conselhos de Fórum Internacional de Globalização e Saúde Ambiental.

⁸ Em site como: nos sites www.akatu.org.br, www.lixo.com.br e www.alana.org.br



No segundo momento foi realizada a aula sobre o tema Escambo e a história do dinheiro, como surgiu o dinheiro, as mudanças que sofreu ao longo do tempo e sua importância, através de recursos de audiovisual e reflexão.

Serão realizados, até em dezembro, atividades com seguintes temas: Consumo, enfocando a relação entre necessidades e desejos, tipos de consumidores, o processo de compras, os direitos e os deveres dos consumidores, publicidade e consumo, a sociedade de consumo e consumo e saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões realizadas com os alunos levaram a uma reflexão da importância do exercício da cidadania ao tratar de temas como direitos e deveres dos consumidores, pois nesse processo de formação de uma nova consciência voltada para a preservação do planeta é essencial, e a educação do consumidor visa conscientizar estes alunos a novos hábitos de consumo, possibilitando a reflexões no sentido da construção/aprimoramento de um olhar crítico para as suas práticas cotidianas quando se trata de consumo.

As novas dimensões educativas colocam ênfase no componente ético e são orientadas à transformação do indivíduo: educação para a paz, para a saúde, a educação para o consumo, a educação ambiental (MEDINA e SANTOS, 1999) *apud* GOMES (1996).

Através das atividades realizadas percebemos que é preciso abandonar o atual modelo de desenvolvimento, que busca apenas o crescimento econômico, e buscar um modelo de desenvolvimento que respeite a natureza e utilize de modo racional os recursos naturais. A discussões da relação do consumo e o meio ambiente buscou levar aos alunos a reflexão das conseqüências do consumismo e que aos poucos podemos mudar de comportamento perante os maus hábitos, pensando nas gerações futuras, pois o consumo consciente é a principal manifestação de responsabilidade social do cidadão.

CONCLUSÃO

O consumidor deve ser incentivado a fazer com que o seu ato de consumo seja também um ato de cidadania, ao escolher em que mundo quer viver. Podemos concluir que o desenvolvimento neste início do projeto, está sendo de grande aprendizado tanto



para os alunos quanto para as bolsistas do projeto, aprendemos juntos que cada pessoa deve escolher produtos e serviços que satisfaçam suas necessidades sem prejudicar o bem-estar da coletividade, seja ela atual ou futura.

A realização de ações de educação do consumidor, nesta escola, está alcançando seus objetivos, pois os alunos do EJA tem grande interesse de aprender e são formadores de opiniões. Esta troca de conhecimento enriquece as aulas e também a formação dos diferentes atores sociais envolvidas, ou seja, os alunos e as bolsistas, pois na sala observamos diversas faixas-etárias, pessoas com grandes experiências de vida.

Trabalhar com EJA é muito motivador, pois percebemos a disposição de reflexão e a disposição de mudanças, que será um grande desafio, pois vivemos num mundo consumista, movido pela ilusão de que a felicidade esta no que temos e não que somos a Educação do Consumo esta sendo sem dúvida, um dos meios necessário para reverter essa situação, formando sujeitos conscientes questionando os valores impostos pela sociedade de consumo, e buscando novos parâmetros para a vida em sociedade. A consciência da necessidade do consumo sustentável é um grande passo no caminho da sustentabilidade, e depende da colaboração e da participação de todos.

REFERÊNCIAS

GOMES, Daniela Vasconcellos. Educação para o consumo ético e sustentável. **Rev. Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**. v. 16, jan./jun., 2006. p. 18-31

IDEC/MMA. **Consumo sustentável**: Manual de educação. Brasília: Consumers Internacional/MMA/MEC/IDEC, 2005.

INMETRO/IDEC. **Direitos do consumidor, Ética no consumo**. Brasília: INMETRO, 2002. (Coleção educação para o consumo sustentável).

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.



DIÁLOGOS ENTRE EJA E EDUCAÇÃO DO CAMPO A PARTIR DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

AQUINO, Evely Cristine Pereira (evelyaquino@hotmail.com).¹

Área temática: Educação

Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir o papel social da extensão universitária a partir da experiência do Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã – 1º segmento do Ensino Fundamental MST/FETAEMG–MG. Com o propósito contribuir com as reflexões sobre o protagonismo dos movimentos sociais nas experiências de Educação do Campo, discuto também a importância da articulação desses movimentos com as universidades públicas para a realização de propostas voltadas para a EJA em áreas de reforma agrária. Reflito as especificidades da EJA em acampamentos e assentamentos a partir da minha experiência enquanto bolsista de extensão no acompanhamento das salas de aula do MST do projeto citado, na Região Norte de Minas. Concluo que a FaE/UEMG, por meio do NEPEJA, vem contribuindo com reflexões sobre a EJA, a Educação do Campo e com pesquisas em interface com a extensão.

Palavras-chave: Extensão universitária; Educação do Campo; Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Neste texto pretende-se discutir a extensão universitária a partir da experiência do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos – NEPEJA - da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais na coordenação do projeto extensionista intitulado Educação, Campo e Consciência Cidadã -1º segmento do Ensino Fundamental MST/FETAEMG – MG. Tenho como ponto de partida a análise da relação que o NEPEJA estabeleceu com o movimento social e sindical durante a execução do projeto. Qual foi a concepção de extensão universitária que norteou o

¹ Estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – FaE/UEMG/CBH, integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos – NEPEJA/FaE/UEMG. De 2008 a 2009 foi integrante da equipe responsável pelas salas da educação de jovens e adultos (EJA) da Região Norte de Minas Gerais do Projeto extensionista Educação, Campo e Consciência Cidadã: MST/MG 1º Segmento do Ensino Fundamental.



trabalho desenvolvido pelo NEPEJA? Como o NEPEJA se articulou com os movimentos sociais?

As discussões presentes neste trabalho têm como objetivo contribuir com as reflexões sobre o protagonismo dos movimentos sociais nas experiências de Educação do Campo, por isso apresento parte das vivências no acompanhamento das salas da EJA em acampamentos e assentamentos de reforma agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra(MST), na Região Norte de Minas Gerais do projeto mencionado. Para isso, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa com análise dos dados presentes nos relatórios do projeto, nas fotos, nos vídeos gravados durante os momentos de formação, nos cadernos de campo e em entrevistas realizadas com os educadores.

O papel social da extensão universitária

O projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã-1º segmento do Ensino Fundamental MST/FETAEMG², vinculado ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), nasceu da demanda do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Federação de Trabalhadores na Agricultura do Estado Minas Gerais (FETAEMG) pela alfabetização e escolarização no primeiro segmento de jovens e adultos residentes em acampamentos e assentamentos de reforma agrária no Estado de Minas Gerais. Na sua quarta versão o projeto (2008/2010)³ assumiu como metas alfabetizar e escolarizar 2.860 jovens e adultos e formar 143 educadores, nas regiões mineiras: Norte, Sul, Jequitinhonha, Vale do Rio Doce/Mucuri, Zona da Mata, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Centro.

A coordenação geral do projeto é de responsabilidade da FaE/UEMG, especificamente do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (NEPEJA). Temos ainda as coordenações regionais, formadas por professores universitários; coordenações

² Projeto coordenado pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG), em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/Superintendência de Minas Gerais), a Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA) e o Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (DPE/UFV).

³ Esse projeto iniciou em 2008 com término previsto para 2009, mas foi prorrogado para junho de 2010. Devido a problemas financeiros, o projeto está parado desde novembro de 2009 aguardando resposta do INCRA para retornar às atividades.

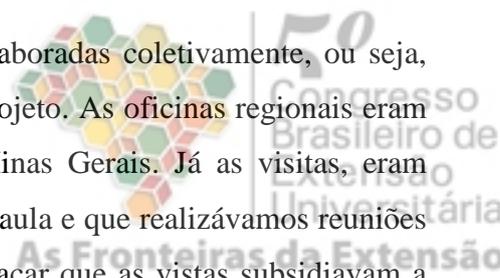
locais, constituídas por integrantes do MST e FETAEMG e alunos universitários, que são responsáveis pelo acompanhamento das salas nos acampamentos e assentamentos.

A partir da exposição dessa experiência de extensão universitária questiono: como se deu a articulação entre as universidades parceiras, em especial a FaE/UEMG, e movimento social e sindical? Em diálogo com Freire (1975), quando este analisa criticamente o termo extensão, no seu sentido linguístico e filosófico, percebemos que quando as universidades trabalham com ações extensionistas, estas não podem acontecer de forma autoritária, antidialógica, com a pretensão de transmitir verticalmente os conhecimentos produzidos por ela para a sociedade. Nesse sentido, a extensão seria, como afirma Freire (1975, p.20), “estender *algo a*”.

Em contraposição a relação antidialógica a FaE/UEMG, juntamente com as outras universidades parceiras, tem sua prática de extensão voltada para o atendimento das demandas sociais e orientada pela relação dialógica com os movimentos social e sindical. Se pretendemos mesmo atender as necessidades reais dos movimentos de forma a contribuir para a diminuição das desigualdades sociais, é preciso dialogar com eles, de modo a garantir que os mesmos participem da elaboração, planejamento, execução e avaliação das atividades desenvolvidas no projeto, tendo como princípio a gestão coletiva. Além disso, as pesquisas do NEPEJA têm sido orientadas a partir dos desdobramentos da extensão.

O conceito de extensão presente no projeto fundamenta-se no Plano Nacional de Extensão Universitária (2000/2001), que ressalta a valorização da troca de saberes resultante da interação universidade e sociedade, o que também possibilita a relação intrínseca entre teoria e prática. Esse conceito se concretizava na metodologia das três principais atividades do Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã, a saber: ciclos de formação de educadores, oficinas regionais e visitas às salas de aula.

As primeiras atividades tinham suas programações elaboradas coletivamente, ou seja, eram feitas em reuniões com todos os parceiros do projeto. As oficinas regionais eram momentos de formação realizados nas regiões de Minas Gerais. Já as visitas, eram momentos que vivenciávamos a realidade das salas de aula e que realizávamos reuniões com educadores, educandos e comunidade. Cabe destacar que as vistas subsidiavam a



construção do ciclo e das oficinas regionais. A organização das três atividades tinha como ponto de partida a demanda dos educadores e educandos.

Diante do exposto e de nossas vivências, pode-se afirmar que a relação que as universidades, em especial a FaE/UEMG através do NEPEJA, estabeleceram com o movimento social e sindical foi de respeito e diálogo, com plena consciência do seu papel social, ou seja, de atendimento das demandas dos movimentos e de conceber a extensão como ação transformadora. Essa relação fortaleceu nos coordenadores e estagiários do projeto o compromisso político na produção do conhecimento universitário, além disso, reforçou a indissociabilidade entre pesquisa e extensão.

É importante resgatar e marcar o papel social da universidade pública frente à reflexão e enfrentamento das desigualdades, visto que, como adverte Santos(2005)

No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às actividades de extensão [...] e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural (SANTOS, 2005p. 53-54).

O trabalho com extensão universitária é extremamente importante, pois, além de ser uma alternativa à hegemonia do capitalismo global, possibilita a universidade conhecer, estudar e pesquisar outras práticas educativas, que não estão necessariamente na escola. É um trabalho válido, contudo enfrenta diversos desafios para a sua realização, como a burocracia para liberação de recursos financeiros e problemas de carga horária dos professores para se dedicarem a extensão. Então, é necessário pensar as condições efetivas de desenvolvimento da extensão nas universidades, em especial na Universidade do Estado de Minas Gerais.

EJA em áreas de reforma agrária

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) do INCRA nasceu de pressões dos movimentos sociais para a garantia do direito à educação de jovens e adultos em áreas de reforma agrária. A criação desse programa e as



reivindicações pela Educação do Campo representam as modificações do campo brasileiro no final do século XX, nesse período focaremos o surgimento do MST.

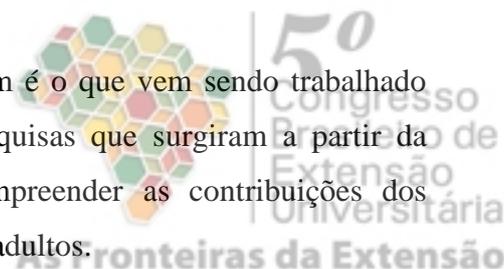
Segundo Caldart(2004) o campo está em movimento e produz novas práticas educativas. As tensões presentes no campo com o surgimento de vários movimentos sociais nos mostram que seus sujeitos estão organizados para denunciarem e resistirem às condições de vida, de trabalho, de produção, de transporte, de comunicação, de escolarização dentre outras condições do meio rural. Então, quando esses movimentos reivindicam a Educação do Campo, reivindicam também outro modelo de desenvolvimento para o país, uma vez que a garantia do acesso à escola pública no campo não garante por si só a mudança da condição social dos camponeses. Sendo assim, se justifica a luta pelo acesso à escola pública dentro da luta pela Reforma Agrária, como faz o MST. Ao analisar a luta deste movimento pela escola, Caldart(2004) ressalta que:

[...] acampamento e assentamento dos sem-terra do MST têm que ter escola e, de preferência, que não seja uma escola qualquer; e a escola passou a ser vista como uma questão também política, quer dizer, como parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento com a formação de seus sujeitos. (CALDART, 2004,p.92)

A escola nessa discussão não tem centralidade na formação dos sujeitos do campo, pois o próprio MST é educativo, Caldart(2004). Ao participarem de uma marcha, manifestação, assembléia, de grupos de estudos do movimento e da produção coletiva os sujeitos já se educam.

Essa concepção de educação que abarca processos formativos dentro dos movimentos sociais questiona as práticas de escolarização, além de serem processos constitutivos dos sujeitos da EJA. Nesse sentido, Arroyo(2005) ressalta que a visão da EJA somente sob a ótica escolar não dá conta de compreender que seus sujeitos são excluídos de diversos direitos sociais. A EJA nessa reflexão seria mais um espaço de luta por outros direitos.

Pensar a EJA para além da instituição escolar também é o que vem sendo trabalhado pelo NEPEJA. Esse compromisso se revela nas pesquisas que surgiram a partir da extensão, que têm como objetivo investigar e compreender as contribuições dos movimentos sociais na formação dos sujeitos jovens e adultos.



As salas de aula de EJA da Região Norte de Minas Gerais

A participação dos acampamentos e assentamentos do MST da Região Norte de Minas inicia somente na quarta versão do Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã: 1º segmento do Ensino Fundamental. Inicialmente foram cadastrados cerca de 170 educandos, distribuídos em 10 salas de aula, em 8 municípios.

O foco das discussões será as duas turmas de EJA do Acampamento Novo Paraíso, visto que foi o local mais visitado ao longo de 2008 e 2009. Para isso discuto os dados dos cadastrados dos educandos, dos relatórios, de caderno de campo, de entrevistas, de fotos e vídeos gravados durante as atividades de formação dos educadores.

A discussão está organizada em três eixos: características comuns nas trajetórias escolares dos educandos do Acampamento Novo Paraíso, as condições das salas de aula e trabalho das educadoras, de forma a evidenciar o cotidiano das salas e os materiais didáticos utilizados por elas.

Eram 30 educandos cadastrados, 15 em cada turma, do total 6 nunca frequentaram escola e a escolarização dos demais variavam de 6 meses a 5 anos, se restringindo a frequência na escola quando eram crianças. A interrupção das atividades escolares aconteceu por diversos motivos, como falta de professor, falta de transporte, educandos que pararam de estudar para ajudarem os pais e outros para trabalharem, sendo esse último motivo o mais frequente.

Em entrevistas concedidas à Fernanda Cristiele Laíso Ribeiro⁴, as educadoras Mácia de Jesus Santos e Maria de Jesus A. Fonseca (Sônia) relataram os desafios enfrentados e as possibilidades encontradas no cotidiano da sala de aula, como evasão, material didático e planejamento.

Durante as entrevistas percebe-se que Mácia se preocupa em organizar um planejamento que contemple as especificidades dos educandos. Contudo os desafios são grandes, a começar pela sala multiserida, mas que também se apresenta enquanto uma

⁴ Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. O grupo de monografia do qual Fernanda fez parte, concluiu o curso com o trabalho intitulado: "Educação do Campo: desafios e possibilidades das salas de aula da EJA na Região Norte de Minas Gerais", este foi concluído em dezembro de 2009, tendo o Professor Josemir Almeida Barros como orientador.

possibilidade, pois em outros diálogos as educadoras dizem que fazem trabalhos em grupos para que os educandos que têm mais facilidades em algumas atividades ajudem outros que têm mais dificuldades. As educadoras colocaram também como possibilidade trabalhar com temas que fazem parte da vivência dos jovens e adultos.

A frequência era um dos maiores desafios enfrentados no projeto, porque muitas vezes os educandos saem dos acampamentos/assentamentos para trabalhar. Além dos motivos do trabalho, temos a falta de óculos, de materiais didáticos, de metodologias adequadas ou a própria vontade do sujeito de frequentar ou não a sala de aula.

Já em relação aos materiais didáticos, em nossas visitas identificamos tanto a falta de material apropriado para os jovens e adultos, uma vez que as educadoras utilizavam livros do Ensino Fundamental regular, quanto a criatividade das educadoras ao fazerem uso de outros materiais, como sementes, revistas, cartilhas e jornais do MST.

Nos relatos das educadoras nos é apresentado algumas dimensões dos desafios que são enfrentados no cotidiano da sala de aula. Todavia percebemos também as possibilidades encontradas por elas. As turmas do acampamento simbolizam a resistência da luta pela educação nas áreas de reforma agrária e pelo ao acesso dos jovens e adultos à educação.

Considerações finais

Discutir o papel social extensão universitária é pensar nas possibilidades de sua atuação no combate às desigualdades sociais e no seu potencial transformador. É nessa linha de pensamento que assistimos as articulações dos movimentos sociais com as universidades. Temos como exemplo o PRONERA, que nasceu de pressões de movimentos sociais pelo direito à escolarização de trabalhadores e trabalhadoras rurais de áreas de reforma agrária e que estabeleceu convênio com diversas universidades para o desenvolvimento de projetos e cursos voltados para os sujeitos dos movimentos.

Na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais temos a experiência do Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã, que vem contribuindo com reflexões na área da EJA e da Educação do Campo.



As salas de aula da EJA em acampamentos e assentamentos de reforma agrária ainda enfrentam muitos desafios, no entanto nos mostram as possibilidades com as experiências educativas que se desenvolvem na luta pela terra.

Referências

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In. SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria A.; GOMES, Nilma L. (orgs). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BARROS, Josemir Almeida; AQUINO, Evely Cristine Pereira de. *Projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã: MST/MG Região Norte de Minas*. Belo Horizonte: NEPEJA/FaE/UEMG, 2009. 45 p. Relatório

BRASIL. Plano Nacional de Extensão Universitária (2000-2001). Acessado em: 6 maio. 2010. Disponível em: proex.epm.br/projetossociais/renex/planonacionaldeextensao.doc.

CALDART, Roseli S. A escola do campo em movimento. In. ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli S.; MOLINA, Mônica C.(orgs). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 2ª ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1975.

SANTOS, Boaventura S. *A universidade do século XXI*. 2ª ed. São Paulo:Cortez, 2005.



EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGRICULTURA FAMILIAR: OS SABERES CIENTÍFICOS ASSOCIADAS À PRÁTICA COTIDIANA.

Área temática: Educação

Elisângela Barbosa Alves.

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Elisângela Barbosa Alves¹; Rosângela Leal Santos²

1. Bolsista Extensão, graduando em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana,

E-mail: lysalves13@gmail.com

2. Prof.. Dr^a da Universidade Estadual de Feira de Santana,

E-mail: rosangela_uefs@yahoo.com.br

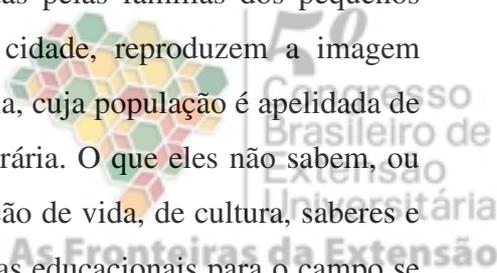
Resumo

O campo brasileiro é dinâmico e fortemente heterogêneo. Seu universo é constituído por famílias camponesas, que vivem em áreas do semi-árido e, em sua maioria, trabalham com atividades ligadas à agricultura de sequeiro ou, ainda, migram para outras áreas do país, em busca de melhores condições de vida, em virtude do processo de “empobrecimento da agricultura familiar”, já que poucas são as políticas públicas eficazes no combate a miséria no campo. Ao contrário do que se propôs a modernização da agricultura, cada vez mais o pequeno agricultor depende dos ciclos climáticos para o desenvolvimento de suas atividades. Assim o objetivo principal desse trabalho foi buscar ajustar as condições pré-existentes das escolas do município de Feira em Santana, às informações mais técnicas e científicas, sobre Climatologia, numa linguagem acessível, integrando-as à experiência vivida dos alunos. Nesse sentido, a metodologia consistiu em levantamentos bibliográficos sobre a temática de estudo, com o propósito de realizar mine-cursos e oficinas temáticas, que visaram possibilitar uma maior integração, entre as experiências vividas pelos alunos, com os conhecimentos científicos, através das práticas educativas, oferecendo assim, atrativos àqueles que desejam permanecer e vencer no campo. Logo a interação entre o conhecimento climático e as praticas existentes no meio rural, é sem duvida é o caminho mais eficaz para o fortalecimento da agricultura familiar nesse Município.

Palavras- chave: Educação no campo, Clima e Agricultura

Introdução

Historicamente o campo é marcado pela exclusão e marginalização de seus trabalhadores, devido às dificuldades sentidas e vividas pelas famílias dos pequenos agricultores. Ainda assim, a mídia e as escolas da cidade, reproduzem a imagem pejorativa, a cerca do campo: lugar de atraso e de inércia, cuja população é apelidada de jecas, ignorantes, massa fácil de manobra das elites agrária. O que eles não sabem, ou fingem não saber, é que o campo é um lugar de produção de vida, de cultura, saberes e valores, e se ele não se desenvolve é por que as políticas educacionais para o campo se

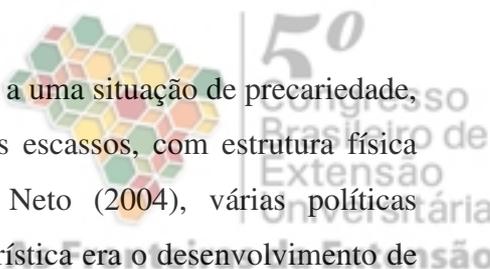


constroem, ou se estruturam a partir das determinações do modo de produção capitalista, e também, a partir de uma educação vista sob a ótica urbana, porque a considera, mais desenvolvida. Conforme Paese (2006, p.54), “A educação como fator de transformação social, não deve ser negado ao povo, devendo respeitar as suas raízes.”

A partir dessa ótica, pode-se dizer que a educação, enquanto direito fundamental, foi ao longo dos anos, negligenciada às classes mais pobres da população brasileira, principalmente as que residem na zona rural, onde a educação tem se caracterizado como um espaço de precariedade, descasos e, principalmente, pela ausência de políticas públicas, direcionadas a esta população. Essa situação tem se refletido, na falta de atendimento adequado à saúde e na ausência de escolas, resultando no não acesso à educação básica, fundamental e técnica de qualidade. Ramos (2008), afirma que é através da escola que as comunidades escolares do campo, buscam uma maior integração social, cultural e econômica, além de ser um veículo difusor de conhecimento e saberes sociais do meio. Nesse sentido, a educação do campo assume um papel importantíssimo para o desenvolvimento das comunidades rurais.

No entanto, a realidade da escolarização do campo ainda apresenta precariedades, que devem se reavaliadas, visto que o espaço rural possui suas particularidades e necessidades, diferente do meio urbano, sendo necessário, discutir e avaliar qual a educação que está sendo disponibilizada para o meio rural e qual a concepção de educação está presente nesta oferta. Para Souza (2006) “Reconhecer o campo como território educativo. Este é o sentido da expressão Educação do campo.” A qual nasceu a partir da tomada de posição no confronto de projetos contra a lógica do campo, que o via como o lugar de negócio, que expulsava as famílias, pois não precisam de educação nem de escolas. A Educação do Campo, também nasceu como crítica a uma educação pensada em si mesma, ou para atender os interesses da elite agrária dominante; o homem do campo lutou desde o começo para que o debate pedagógico se colasse à sua realidade, de relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua complexidade.

A educação do campo também esteve associada a uma situação de precariedade, atrasada, com pouca qualidade e recursos pedagógicos escassos, com estrutura física inadequada a prática pedagógica. Segundo Cabral Neto (2004), várias políticas educacionais foram desenvolvidas e a principal característica era o desenvolvimento de práticas pedagógicas adaptativas a realidade do meio rural. Sendo assim, é importante

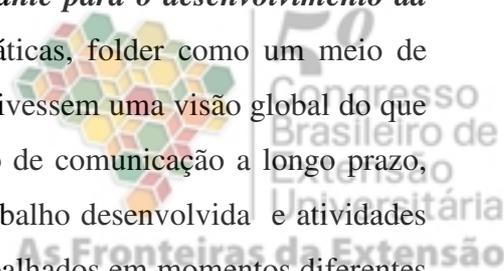


perceber que a educação do campo possui características e necessidades próprias para o aluno que lá reside. Paese (2006, p.61) argumenta que: “A unificação de saberes, conhecimentos e valores diferenciados tanto do campo quanto da cidade, com a ciência o trabalho intelectual e instrumental, caminhará para a igualdade de oportunidades educacionais.” No entanto, percebe-se que há uma inadequação dos conhecimentos adquiridos na escola com a experiência vivenciada pelo aluno. Um bom exemplo, disso é a Climatologia, a qual não é trabalhada nas escolas públicas rurais, de maneira particular no município de Fera de Santana-BA, onde a famílias têm com principal fonte de renda, a agricultura familiar, atividade esta que depende dos ciclos climáticos para o seu desenvolvimento.

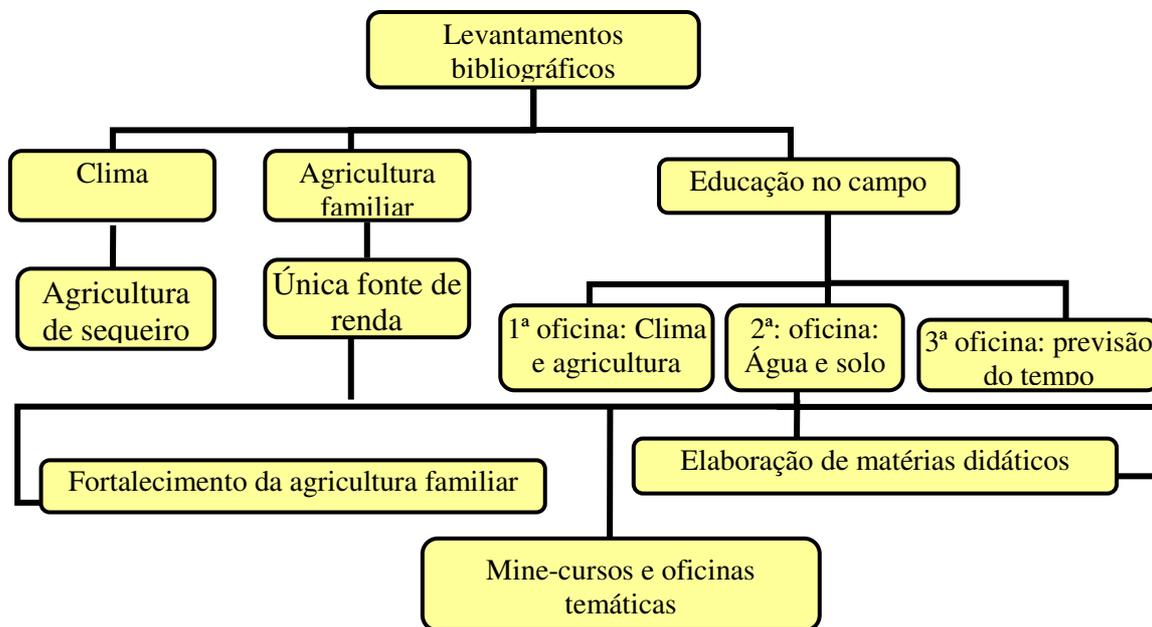
Nesse sentido, torna-se fundamental, levar o conhecimento científica da Climatologia, aos alunos envolvidos no projeto de extensão, visto que convivem diretamente com a agricultura. Pois os “os parâmetros climáticos exercem influência sobre todos os estágios da cadeia de produção agrícola, incluído a preparação da terra, semeadura, crescimento dos cultivos, colheita, armazenamento, transporte e comercialização” (AYOADE 1991, p. 261). Assim, torna-se indispensável melhorar a expectativa de vida das famílias, que ainda residem na zona rural de Feira de Santana. Logo o objetivo principal desse trabalho, foi buscar ajustar as condições pré-existentes das escolas rurais de Feira em Santana, às informações mais técnicas e científicas sobre Climatologia, numa linguagem acessível, integrando-as com a experiência vivida dos alunos, visando o fortalecimento da agricultura familiar.

Metodologia

A metodologia consistiu em levantamentos bibliográficos sobre a temática de estudo, envolvendo os conceitos de clima, tempo, educação no campo, produção agropecuária, agricultura familiar. Também se buscou realizar mine-cursos e oficinas temáticas; com os seguintes temas: *clima e agricultura, água e solo e suas influências na agricultura, a previsão do tempo: recurso importante para o desenvolvimento da agricultura*; todos como elaboração de matérias didáticas, folder como um meio de comunicação analógico, cartazes para que , os alunos tivessem uma visão global do que estava sendo abordado, marca texto como mecanismo de comunicação a longo prazo, pois a olharem para o marca texto, vão lembrar do trabalho desenvolvida e atividades reflexivas abordando temas específicos, que foram trabalhados em momentos diferentes



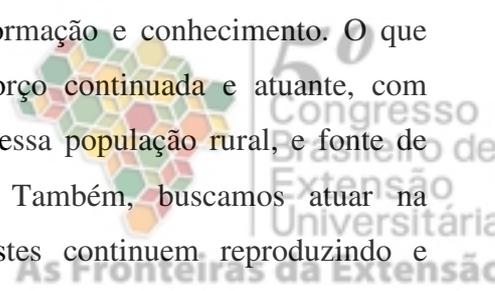
e em contextos diversificados, sempre relacionando o clima à agricultura. Como ilustra o fluxograma abaixo:



Resultados

A partir da realização das oficinas, tomando-se como parâmetro a Escola Municipal Vasco da Gama, foi possível perceber que os alunos passam ter uma nova visão, mais abrangente sobre a realidade e sobre a importância do seu conhecimento cotidiano, passando a valorizar os seus conhecimentos no cultivo e manejo do solo, na produção agrícola, bem como abrindo novos horizontes, sob uma perspectiva futura de melhora das condições de vida de sua família. Os resultados foram satisfatórios, já que conseguimos atingir os alunos, pais, professores e comunidade para a importância de valorizar seus conhecimentos e agregá-los a novos.

Nesse projeto de extensão, os alunos funcionam como disseminadores de tecnologia e conhecimento, dentro de sua comunidade. Nossa atuação busca motivar essa nova geração, para que eles sejam mais conscientes de seus problemas, limitações e possibilidades, projetando-os, como difusores de informação e conhecimento. O que exige, dos envolvidos no projeto uma ação de reforço continuada e atuante, com enfoque na agricultura, algo tão perto do cotidiano dessa população rural, e fonte de suprimento de suas necessidades mais básicas. Também, buscamos atuar na capacitação dos docentes das escolas para que estes continuem reproduzindo e desenvolvendo novas metodologias adaptadas às necessidades dos alunos, contribuindo



para o fortalecimento da identidade da escola do campo, para que haja um melhor aproveitamento e envolvimento dessa realidade rural com a escola. A partir daí, espera-se que os alunos desenvolvam uma nova visão sobre a importância de valorizar os seus saberes escolares e associá-los à sua prática cotidiana e ao seu saber de vida, fazendo com que tais conhecimentos interajam, de forma complementar, visando principalmente o fortalecimento da agricultura familiar.

Conclusões

A superação dos problemas expostos às escolas rurais impõe-nos, o desafio da construção de políticas articuladas, que atuem simultaneamente no enfrentamento de suas várias dimensões, considerando-as como parte de uma mesma e indissociável realidade. Neste sentido, as políticas educacionais para os trabalhadores que residem na zona rural do município de Feira de Santana-BA, tende a ser organizada, numa perspectiva de educação para o campo, com características e necessidades próprias para o aluno do campo, em seu espaço sócio-cultural. Nesse sentido, é importante compreender que a educação no campo é decisiva na construção da cidadania e no sucesso econômico da agricultura familiar brasileira. Pois, a interação entre o conhecimento climático e as práticas existentes no meio rural, é sem dúvida, o caminho mais eficaz para viabilizar o fortalecimento da agricultura familiar

Referências

ARROYO, R. S. C.; MOLINA, M. C. (orgs.). **Por uma educação do campo**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.

AYOAD, J. C. **O clima e a agricultura. Introdução à Climatologia para os trópicos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1991.

DUARTE, Valdir P. **Escolas Públicas no campo: problemáticas e perspectivas: Um estudo a partir do Programa Vida na Roça**. Francisco Beltrão, PR Ed. Assesoar, 2003.

LAMARCHE, Hugues. **Agricultura familiar**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

PAESE, Mylene Wirgu. **Educação no Campo: discriminada e resistida**. Brasília, Ed. Liber livro, 2006.

RAMOS, V.G.[et al] **Educação rural e desenvolvimento sustentável: uma experiência a partir do ensino da Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Aparecida, Julio de Castilhos – RS**. São Paulo, Ed. ENGRUP, 2008.

SOUZA, M. Antônia de. **Educação do campo: Propostas e práticas Pedagógicas do MST**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2006.



EDUCAÇÃO POPULAR – CRIANDO E RECRIANDO A REALIDADE SOCIAL NA BAIXADA SANTISTA (SP)

Responsável: Aldo José Ferreira Ferraz (PET - EDUCAÇÃO POPULAR)

Área: Direitos Humanos

1. Profª Drª Raiane Patrícia Severino Assumpção – Coordenação - raianeps@uol.com.br;
2. Fabrício Gobetti Leonardi – Apoio Técnico-Pedagógico - fabricioleonardi@gmail.com;
3. Aldo Ferraz - aldinhoferraz@hotmail.com;
4. Ana Carolina - psicocarolzinha7@gmail.com;
5. Bruno Karam - bruno-karam@hotmail.com;
6. Daiane dos Santos Silva - dai_sud2@yahoo.com.br;
7. Danilo Ribeiro - danielos.s@hotmail.com;
8. Edileuza Almeida - edileuza.almeida@gmail.com;
9. Elisa Silva Vidal - lolinha.elisa@gmail.com;
10. Flavia Peres Lopes - flap.lop@gmail.com;
11. Giovanna Teixeira Borri - giovannaborri@hotmail.com;
12. Heloise Helena Pereira - heloise-nunes@hotmail.com;
13. Kátia Cordeiro - katia.more@yahoo.com.br;
14. Lílian Rúbia da Costa Rocha - lilianrubia@gmail.com;
15. Marília Marques Nunes - lila_marques5@hotmail.com;
16. Marilyn Satiko Konishi - satiko.unifesp@gmail.com;
17. Mayara Alves da Silva - mayara_192@hotmail.com;
18. Natália Koto Alves - nati_koto@hotmail.com;
19. Thaís Ishimoto - thais_2203@hotmail.com;
20. Thalita Vianna Miranda - thalitavmiranda@gmail.com;
21. Wildney Moreira Araújo - ney_psico@hotmail.com.

Resumo: Este programa de extensão busca contribuir com a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a efetivação da proposta interdisciplinar, presentes no projeto pedagógico institucional da Unifesp/ Baixada Santista. O objetivo é construir um processo de formação, por meio do diálogo entre o conhecimento acadêmico e o saber popular, a partir do referencial teórico-metodológico da educação popular freiriana, para gerar ações que transformem a “visão de mundo” dos sujeitos e a realidade social. Com o uso das múltiplas linguagens (arte, literatura, teatro, música, etc.) busca estimular reflexões que proporcione uma visão crítica e posturas propositivas em relação à dinâmica e estrutura da sociedade e seus projetos de vida. Foram desenvolvidas ações que abordaram algumas das expressões da questão social, e com isso possibilitou reflexões, a apropriação e a construção de conhecimentos que subsidiaram a formação dos estudantes e contribuíram

com a transformação da realidade dos sujeitos envolvidos - parcela da comunidade universitária e da comunidade local da Baixada Santista.

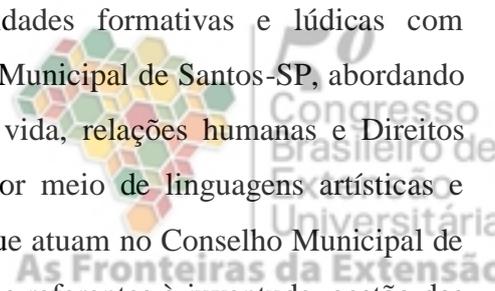
Introdução

A formação acadêmica deve ser um processo ancorado não somente nos saberes específicos e técnico-científicos de um dado campo do conhecimento, mas também de saberes e vivências que constituem o ser social inserido na dinâmica universitária e na realidade social. Partindo dessa concepção é que o projeto pedagógico institucional da UNIFESP/Campus Baixada Santista busca garantir uma formação além da excelência técnica - condição precípua da graduação -, por meio de um trabalho interdisciplinar e pautado na realidade social.

Na perspectiva de contribuir com a efetivação desta proposta interdisciplinar e da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é que se situa o PET – Programa de Educação Tutorial - em *Educação Popular: Criando e Recriando a Realidade Social*. Este programa é um espaço educacional em que docentes, técnicos, estudantes e comunidade vivenciam, por meio da educação popular, processos de ensino e aprendizagem e de construção do conhecimento e de intervenções concretas.

A partir do referencial teórico-metodológico da educação popular freiriana, este programa tem o objetivo de construir processos de formação na perspectiva de alterar os modos de (re)produção da vida social dos sujeitos envolvidos, gerando uma postura reflexiva nos mesmos, o seu engajamento em processos coletivos, a busca permanente por novos conhecimentos e o envolvimento/realização de outros processos formativos dessa natureza.

O programa aborda, por meio de análises e mediações da realidade concreta, algumas das expressões da questão social. Atualmente está composto pelas seguintes frentes de extensão: 1) Formação de agentes do Programa Guardião Cidadão da Secretaria de Segurança Pública de Santos-SP – (jovens de 18 a 21 anos), abordando temas como: ética e Direitos Humanos; 2) Realização de atividades formativas e lúdicas com adolescentes e jovens das escolas pertencentes à Rede Municipal de Santos-SP, abordando temáticas que gerem reflexões sobre a trajetória de vida, relações humanas e Direitos Humanos; 3) Realização de atividades formativas, por meio de linguagens artísticas e midiáticas, com jovens pertencentes às organizações que atuam no Conselho Municipal de Juventude da cidade de Santos-SP, abordando temáticas referentes à juventude, gestão das



políticas públicas e participação popular; 4) Formação para mulheres do movimento social da Baixada Santista/SP, denominado “Mães de Maio” para o fortalecimento da sua atuação para a busca de mecanismos para a garantia, a promoção e a defesa dos Direitos Humanos.

Metodologia

O referencial utilizado (educação popular freiriana) está fundamentado na concepção dialética e no referencial histórico-crítico, que parte da realidade sócio-histórica dos sujeitos para construir espaços de reflexão, construção e reformulação do conhecimento, como também estratégias concretas de intervenção inovadora e transformadora da realidade social.

A práxis (ação-reflexão-ação) é o elemento condutor das ações, que são realizadas a partir dos seguintes procedimentos/processos:

□ *Estudo da realidade*: a prática social é o ponto de partida para o desenvolvimento das ações. É partir da problemática concreta de um grupo que se busca o universo de temas a serem trabalhados e o tema gerador, que é o segundo momento.

□ *Aprofundamento teórico*: realizar a teorização sobre a prática permite descobrir as contradições internas da prática social, indo além da aparência dos fatos até atingir seus elementos essenciais, passando do conhecimento empírico ao conhecimento teórico.

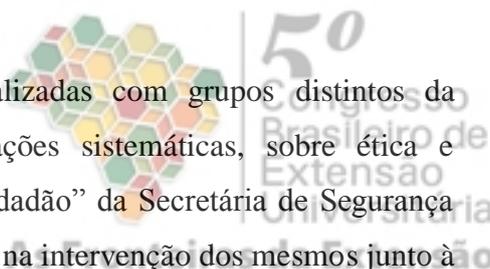
□ *Utilização de saberes*: fazer da teoria uma referência para as ações práticas é completar o movimento de ação-reflexão-ação. Nesse momento volta-se a caminhar do plano mais geral para o específico.

□ *Sistematização*: organizar os conhecimentos produzidos pela prática. Refletir sobre a ação para qualificá-la retomando os momentos pedagógicos ao produzir novos conhecimentos.

Por meio da organização de espaços de diálogo, concebidos por Freire como os Círculos de Cultura, ocorre o encontro entre os sujeitos do conhecimento (acadêmico e popular) – um ensinar e aprender concomitante e coletivo.

Resultados

As atividades de extensão estão sendo realizadas com grupos distintos da comunidade da Baixada Santista. Ocorreram formações sistemáticas, sobre ética e cidadania, com 198 jovens do programa “Guardião Cidadão” da Secretária de Segurança Pública de Santos, que implicou na mudança de postura na intervenção dos mesmos junto à comunidade.



Houve o acompanhamento feito pela frente de juventude e educação das deliberações do Conselho Municipal de Juventude da cidade de Santos-SP e articulação para a realização de atividades formativas, por meio de linguagens artísticas e midiáticas, com 30 jovens pertencentes às organizações que atuam neste conselho, abordando temáticas referentes à juventude, gestão das políticas públicas e participação popular. Foram realizadas também atividades formativas e lúdicas com cerca de 50 adolescentes e jovens das escolas pertencentes à Rede Municipal de Santos-SP - Colégio de Santos com o 9º ano e Escola Leonardo Nunes com a EJA – Zona Noroeste.

A frente de educação prisional e gênero estabeleceu um diálogo com as instâncias policiais e jurídicas, com intuito de desenvolver o processo de formação junto às mulheres encarceradas e técnicos da Cadeia Pública Feminina de Santos. Foi autorizado para o segundo semestre de 2011 a realização de formações sistemáticas com os agentes penitenciários dos presídios da Baixada Santista, sobre ética e direitos humanos, com o objetivo de alterar a postura na intervenção dos mesmos junto aos encarcerados. O grupo também vem dialogando com o movimento social da Baixada Santista/SP, denominado “Mães de Maio” para realizar a partir de agosto/2011 cursos de formação para 20 mulheres, com a intenção de fortalecer a sua atuação para a busca de mecanismos para a garantia, a promoção e a defesa dos Direitos Humanos. Além disso, o grupo que compõem esta frente analisou várias redações do concurso *Escrevendo a liberdade*, que foi realizado em todos os presídios do Brasil, a partir da metodologia do discurso do sujeito coletivo, com o propósito de aproximar o grupo à realidade prisional.

Essas ações geraram também diversos projetos de pesquisas (realizadas como iniciação científica), o que tem favorecido a formação político-pedagógica e teórico-metodológica dos discentes da UNIFESP e a compreensão da constante reconstituição dos sujeitos como seres históricos. Essa construção do conhecimento, de forma compartilhada, também tem potencializado o poder dos sujeitos em transformar a realidade, na medida em que interpreta as ações empreendidas nas relações sociais.

A avaliação realizada processualmente tem indicado um aprofundamento e fortalecimento das relações entre a Universidade e a comunidade - um diálogo efetivo entre instituições e sujeitos que ocupam diferentes lugares, olhares e saberes para a construção de conhecimento e intervenção social.



Conclusão(ões)

O desenvolvimento do programa permitiu reafirmar o potencial da educação popular como um referencial teórico-metodológico que possibilita a criação de um processo que, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão (atividades junto à comunidade), potencializa o poder dos sujeitos, comprometidos com a realidade, de transformar a realidade na medida em que reconhece o completar-se mediante o processo de socialização e de desvelamento da realidade, por meio de seu adentramento crítico. O processo em curso tem construído formas de romper com a lógica da fragmentação e do pragmatismo, assumindo o descompromisso social, com rigor científico, no processo de recriação do conhecimento.

Palavras-chave: Educação Popular, conhecimento, transformação social.

Referências Bibliográficas

- ASSUMPÇÃO, Raiane (org.). *Educação Popular na perspectiva freiriana*. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2009.
- BEZERRA, Aída & BRANDÃO, Carlos Rodrigues (orgs.) *A questão política da Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em Educação Popular*. 9ª edição, Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo, Cortez: autores associados, 1983.
- JARA, Oscar. *Para sistematizar experiências*. ALFORJA. San José, Costa Rica, 1998.
- LEFEVRE, Fernando & LEFEVRE, Ana M. C. *O Discurso do Sujeito Coletivo*. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul, Educs, 2003.
- MELO NETO, João Francisco de. *Educação Popular: enunciados teóricos*. João Pessoa – PB: Editora Universitária UFPB, 2004.
- TORRES, Carlos Alberto. *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*. Campinas, Papirus, 1997.



EDUCAÇÃO NOS AMBIENTES UNIVERSITÁRIOS: QUALIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Indiara Sartori Dalmolin¹; Marcelo Machado Sassi²; Leila Georcelei de Brizola Perdonssini²; Jairo Soero²; Sidnei Petroni³.

Este Projeto de Extensão, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Superior Norte do RS (UFSM/CESNORS), tem como objetivo intercâmbio de atividades nos laboratórios de Anatomia, Histologia, Microbiologia, de maneira que, a interdisciplinaridade ajude os estudantes a aplicar as ciências básicas às situações reais, interagindo sempre o indivíduo em seu meio ambiente. Essas trocas de informações e atividades práticas permitem um estudo complementar nos diversos campos das ciências, facilitando a sua visão holística. Utiliza-se os espaços físicos da Universidade para oferecer aos estudantes do Ensino Fundamental e Médio da região, assim como a grupos assistenciais da comunidade em geral, uma visão holística das estruturas corpóreas, sua relação com o meio e a promoção de aspectos físicos, sociais e psicológicos, entre outros, visando a saúde da população para uma melhor longevidade. A metodologia de trabalho centra-se no agendamento de visitas, as quais são organizadas por um grupo de acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Nutrição. Nessas, os visitantes participam de atividades de ensino e promoção da saúde no laboratório de anatomia humana e em seguida conhecem todos os espaços físicos da Universidade.

Palavras-chave: Enfermagem em Saúde Comunitária; Anatomia; Educação em Saúde.

¹ Autora/Relatora. Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação Superior Norte do RS (UFSM/CESNORS). Bolsista do Fundo de Incentivo à Extensão (FIEX) 2011.

² Autores. Acadêmicos de Enfermagem da UFSM/CESNORS.

³ Autor. Professor Coordenador do Projeto de Extensão.



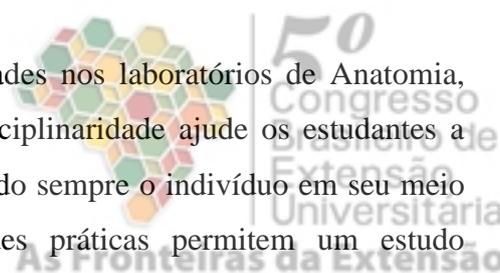
Introdução

Atualmente vive-se em constante processo de discussão acerca do papel desenvolvido pela Universidade, na perspectiva de superação das velhas fórmulas e, portanto, na busca incessante de vencer os desafios que nos são colocados pelo conjunto da sociedade civil. A educação, nessa perspectiva, é vista como uma construção de significados tecida fio a fio pelos professores e alunos na grande rede do conhecimento. (GOMES; MARINS; 2004).

Neste enfoque, a Universidade, através de uma política séria de educação, tem métodos suficientes para auxiliar na melhoria das condições de ensino das escolas públicas de ensino fundamental e médio, visto que possui pessoal qualificado desenvolvendo tecnologias aplicáveis ao ensino, que precisam ser partilhadas pela população. O ensino, como mediação técnica, deve dar a todos uma formação cultural e científica de alto nível. (LIBÂNEO; 1998). Neste enfoque, entende-se por Educação Continuada em Saúde, todo processo que busca proporcionar ao indivíduo a aquisição de conhecimentos, para que ele atinja sua capacidade profissional e desenvolvimento pessoal considerando a realidade institucional e social. (BEZERRA; 2003).

Nesta perspectiva, este projeto de extensão vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Superior Norte do RS (UFSM/CESNORS) está voltado aos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, para que os mesmos possam realizar ações complementares que foram teorizadas nas escolas pelos professores e pelos serviços de orientação e coordenação. Além disso, disponibiliza os espaços da universidade para a realização de atividades de educação em saúde, prevenção de doenças e promoção de melhores condições de vida, estimulando a maior longevidade, para grupos operativos, como os grupos de idosos, de depressivos, de hipertensos, diabéticos e instituições sociais da região.

Esse projeto objetiva o intercâmbio de atividades nos laboratórios de Anatomia, Histologia, Microbiologia, de maneira que, a interdisciplinaridade ajude os estudantes a aplicar as ciências básicas às situações reais, interagindo sempre o indivíduo em seu meio ambiente. Essas trocas de informações e atividades práticas permitem um estudo complementar nos diversos campos das ciências, facilitando a sua visão holística. Convém



salientar, que a aproximação dos estudantes dos estabelecimentos de Ensino da região e dos grupos operativos e sociais à UFSM/CESNORS de Palmeira das Missões/RS, pode ser o momento ideal para esclarecer conceitos da área da educação e saúde além de, estimular discussões sobre carreira profissional e mercado de trabalho e estimular o processo de educação continuada em saúde para uma melhor qualidade de vida.

Material e Metodologia

O caminho metodológico de trabalho centraliza-se no agendamento de visitas à UFSM/CESNORS, que dividem-se basicamente em dois grupos de pessoas, estudante de ensino fundamental e médio e grupos operativos e sociais do município de Palmeira das Missões/RS e região. Segue-se um cronograma que disponibiliza todas as sextas-feiras para o agendamento das visitas. Num primeiro momento, os visitantes são cediados no Laboratório de Anatomia Humana, onde realiza-se uma abordagem das estruturas e funções do corpo humano, socializando conceitos, patologias, prevenção, promoção e interdisciplinariedade de abordagens corpóreas. Num segundo momento, é realizada uma caminhada pelos espaços físicos e demais laboratórios da universidade. Além disso, ao final do encontro, uma pessoa responsável pelo grupo preenche a ficha de avaliação, com o objetivo de identificar-se pontos positivos e negativos, podendo assim, aprimorar a organização das visitas.

Resultados e Discussões

Este projeto de extensão está sendo desenvolvido desde janeiro de 2011. Até o presente momento recebeu-se nove visitas à universidade, destas, sete foram de estudante de ensino fundamental de duas escolas públicas, uma de um Grupo de Depressivos e outra de um Grupo de Terceira Idade, todas do município de Palmeira das Missões/RS. Em cada encontro recebeu-se em torno de 30 pessoas, número estabelecido pela equipe de trabalho e organização, pois com um número maior de indivíduos a qualificação da visita e das informações ficam prejudicadas. Já passaram pelos espaços da UFSM/CESNORS aproximadamente 270 pessoas, sendo, 210 estudantes de ensino fundamental, 30 idosos e 30 membros de um grupo de depressivos.

Segundo Gonçalves (2000), nas atividades de extensão tem-se campo riquíssimo de capacitação e de reflexão profissional, pautado na interação direta com colegas,

professores e comunidade, tornando o profissional crítico acerca dos problemas sociais e impulsionando-o a exercer sua profissão com mais cidadania.

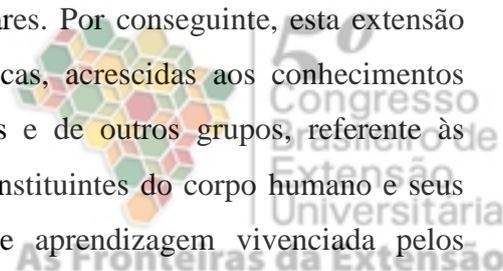
Com a execução desta atividade de extensão, espera-se qualificar dois grupos de pessoas, os visitantes, estudantes e membros de associações ou grupos e os docentes e acadêmicos da UFSM/CESNORS.

Em relação aos estudantes de ensino fundamental e médio proporciona-se que o conteúdo teorizado pelos professores nas escolas sobre o corpo humano faz, por exemplo, do Laboratório de Anatomia, o local indicado para seus encontros, onde os órgãos e estruturas estudados de maneira teórica na sala de aula de suas escolas serão vistos e tocados de maneira concreta no laboratório anatômico. Diniz e Guerra (2000) colocam que há um enorme espaço vazio que precisa do suporte das universidades, quando se trata da educação suplementar advinda de atividades extensionistas, a qual interfere na sociedade não acadêmica, muitas vezes, sem o acesso formal à escola e esta tem diminuído, dramaticamente, suas chances de emprego e/ou de se inserirem no mercado, perdendo, em última análise, o direito de se tornarem úteis e esclarecidos.

Os dois grupos operativos que se deslocaram para participar das ações de extensão e conhecer a universidade foram dois contingentes populacionais frequentemente excluídos da sociedade, os doentes mentais e os idosos. Hoje, a discussão sobre a assistência ao doente mental perpassa todos os segmentos sociais, porém a mudança do paradigma tradicional tem enfrentado algumas resistências. Logo, centralizaram-se as atividades com os dois grupos operativos de forma que esses puderam sentir-se valorizados e em constante crescimento pessoal e social.

Conclusão

A partir das experiências vivenciadas com esta atividade de extensão, percebe-se a importância da articulação do ambiente universitário com as entidades da região, sejam elas, escolas, grupos operativos ou empresas particulares. Por conseguinte, esta extensão universitária enfatiza a relevância de vivências práticas, acrescidas aos conhecimentos teóricos do ensino fundamental e médio, dos idosos e de outros grupos, referente às informações adquiridas sobre os órgãos e sistemas constituintes do corpo humano e seus respectivos funcionamentos. Visto a perplexidade e aprendizagem vivenciada pelos



visitantes, reveladas pela interação, questionamentos e debates alçados diante dos encontros expositivos.

Muitas barreiras foram quebradas entre a instituição universitária e as instituições sociais e, sendo perceptível o vínculo criado entre ambos, além de, estimular o processo de educação continuada em saúde com maior resolutividade, porquanto que, os visitantes entendem os mecanismos corpóreos de digestão, eliminações, controle sensorial, entre outros, logo, compreendem os cuidados com a saúde de forma integral.

Referências

BEZERRA, A.L. O contexto da educação continuada em Enfermagem. São Paulo: Lemar e Martinari, 2003.

DINIZ, C.W.P; GUERRA, R.B. Assimetrias da educação superior brasileira: vários brasis e suas conseqüências. 1ª ed. Belém: EDUFPA, 2000.

GOMES, H. M; MARINS, H. O. A ação docente na educação profissional. São Paulo: Editora Senac, 2004.

GONÇALVES, T.V.O. O ensino de Ciências e Matemática e Formação de Professores: marcas da diferença. Tese de Doutorado. 2000.

LIBÂNEO, J.C. Democratização da Escola, a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. 13a edição. São Paulo, Edições Loyola, 149 p. 1998.



EU NORDESTINO, TU NORDESTINAS: UM MERGULHO NA LITERATURA DE CORDEL COMO INCENTIVO À LEITURA E À ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Área temática de Educação

Responsável: Deise Dulce Barreto de Lemos - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Autores

MEDEIROS, Ana Lídia Gonçalves (1); LEMOS, Deise Dulce Barreto de (2);
MOREIRAO, Diego Domingues Peçanha (3); PINTO, Marcella Peçanha Avelar (4);
SANTANA, Mayra (5).

- 1- Graduanda do curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
- 2- Pós-graduanda do Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
- 3- Graduando do curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
- 4- Graduanda do curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
- 5- Graduanda do curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente trabalho é resultado de ações de extensão universitária do Projeto de Alfabetização vinculado ao Programa Integrado da UFRJ de Educação de Jovens e Adultos. Realizado em turmas da comunidade Nova Holanda, região metropolitana do estado, o projeto pedagógico teve como objetivo desenvolver atividades de leitura com alfabetizando jovens e adultos baseadas na cultura nordestina, especificamente na Literatura de Cordel. Um dos desafios dos alfabetizadores é aproximar o aluno da leitura, pois, no início desta apropriação, a insegurança e lembranças de experiências passadas nos bancos escolares acabam por desestimulá-los. Através do lúdico, visamos construir com cordéis um ambiente tipicamente nordestino, pois a maioria dos alfabetizando do Projeto é oriunda da região. Incentivamos uma identificação com o material convidando-lhes a conhecer melhor o que é produzido na sua terra, assim como sua própria terra. Todos puderam ler, ouvir, compartilhar anedotas, pintar, conhecer a história de Patativa do Assaré e produzir seus próprios cordéis. Explorou-se o conhecimento de mundo dos alunos que

participaram ativamente do processo de construção dos conceitos discutidos. “Nordestinar” significou vivenciar a cultura nordestina levando ao aluno algo especial que faz parte da sua história, causando-lhe sentimento de orgulho através deste movimento de resgate da identidade. Esta experiência de extensão universitária se mostrou extremamente produtiva à comunidade atendida, pois possibilitou maiores conhecimentos sobre suas origens enquanto exploravam leitura e escrita. Possibilitou também grande enriquecimento para a formação dos universitários extensionistas que, na prática, aprenderam a respeitar seus alunos enquanto sujeitos de conhecimentos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Cultura; Literatura de Cordel.

Introdução

O presente trabalho é resultado de ações de extensão universitária em turmas do Projeto de Alfabetização da UFRJ para Jovens e Adultos de Espaços Populares, localizadas na comunidade Nova Holanda, região metropolitana do estado. O projeto está vinculado ao Programa Integrado da UFRJ em Educação de Jovens e Adultos (EJA-PI), que articula diferentes ações, dentre elas a alfabetização. O trabalho traz o resultado do projeto pedagógico que teve como objetivo desenvolver atividades de leitura com alfabetizando jovens e adultos, baseadas na cultura nordestina, especificamente na Literatura de Cordel.

A inserção de atividades envolvendo leitura é marcada pela insegurança dos estudantes em classes de alfabetização. Uma das razões para este sentimento é o fato destes alunos em processo de aquisição da leitura e escrita não se sentirem capazes de ler. A fim de estimular a proximidade com a leitura, valorizar a cultura nordestina e incentivar a escrita, criou-se o projeto baseado na Literatura de Cordel. Este foi desenvolvido seguindo etapas de reconhecimento dos materiais, interpretação, estudos sobre Patativa do Assaré, produção de cordéis, entrevista com o xilógrafo Erivaldo e visita ao Museu do Folclore. Ao longo o trabalho, os alfabetizando tiveram contato com a leitura e produziram textos partindo da sua cultura. Os alfabetizadores criaram um ambiente produtivo para produção científica efetuando pesquisas sobre identidades, gêneros textuais e escrita espontânea.

Material e Metodologia

As classes de alfabetização envolvidas neste trabalho estavam localizadas no Complexo da Maré, Zona Norte do Rio de Janeiro. A primeira funcionava em uma igreja possuindo dez alunos, a segunda em uma organização da sociedade civil com doze



estudantes. Um fator levado em consideração para optar pela Literatura de Cordel foi a busca pela interação com o texto. As turmas de alfabetização são compostas, na sua maioria, por estudantes oriundos da região nordeste do Brasil. Considerando este dado, buscamos um material com que estes estudantes se identificassem despertando o interesse pelo seu conteúdo. Na primeira etapa deste projeto, criamos um ambiente tipicamente nordestino na sala de aula dispondo os cordéis em cordas que a cruzavam. O objetivo inicial desta disposição era causar um impacto visual, remeter àquilo que os estudantes já vivenciaram em sua terra natal e possibilitar que explorassem os materiais. Ao entrar na sala e saber do que tratava a aula, a aluna R¹. pegou seu cordel e começou a falar sobre a sua infância, época em que sua mãe contava histórias nas quais ela mesma reconhece semelhanças com o material trabalhado. Seus colegas iniciaram uma discussão comparando a Feira de Jaguaribe, localizada em João Pessoa, com o Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, situado na cidade do Rio de Janeiro. Neste momento, a alfabetizadora pôde incentivar a argumentação e a oralidade. Esta discussão possibilitou conhecer melhor os alunos que se expressavam impondo suas opiniões.

A aluno E., que normalmente tem ótimo desempenho nas aulas, apresentou dificuldades na leitura apontando um fato despercebido pela alfabetizadora: os cordéis são escritos em caixa baixa, salvo seu título. Identificamos, assim, sua limitação na leitura. A escolha de E. por aquele livro se justificou pelo fato de sua capa conter a imagem de um pavão que o aluno remeteu à música Pavão Misterioso. O aluno acabara de fazer uma intertextualidade relacionando o cordel à música. Seus colegas se esforçaram para lembrar sua letra, até que J. começou a cantá-la. Todos se envolveram, interagiram e ficaram ansiosos por saber o conteúdo do cordel sobre o pavão. Um objetivo foi alcançado: os cordéis interessaram a todos, despertaram a curiosidade e suscitaram debates mediados pela alfabetizadora com base no conhecimento dos estudantes. Freire já apontava esta necessidade do estudante contribuir na construção dos conhecimentos quando questionava: “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 2009, p. 30).

Após a discussão, foram lidos trechos dos cordéis para a turma. A participação dos alunos foi essencial, já que eles explicavam os significados dos regionalismos que impedem a compreensão total da alfabetizadora carioca. Esta etapa de contribuição para alcançar os significados ideais das palavras desconhecidas foi o momento em que o aluno

¹ Os nomes dos alunos foram omitidos para preservar sua identidade.

assumiu o papel de professor e mostrou o que sabia colaborando para a construção de conceitos e do próprio espaço pedagógico. A troca de saberes foi estabelecida e tanto o estudante como o alfabetizador possuíram papéis fundamentais neste processo, momento que pode ser ilustrado com o pensamento de Freire ao salientar não haver docência sem discência: “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2002, p. 23).

Os estudantes notaram um determinado ritmo na articulação da alfabetizadora. Em suas próprias palavras, “elas terminam com som igual”. Trabalhou-se a rima com a busca dos alunos por palavras de fonemas repetidos no seu fim exercitando o reconhecimento de sílabas em vocábulos diferentes seguido da leitura coletiva. Segundo Goldstein, a leitura de um poema envolve tanto apelos sensoriais como associações entre as palavras. A autora lembra a importância de compreender o todo, pois elementos são combinados exigindo a leitura pluralizada em forma de rede. Ressalta que é preciso estar atento à totalidade do texto que não deve ser perdida no momento da sua interpretação; o poema deverá ter a sua unidade orgânica restabelecida: “o leitor atento, treinado a ouvir, poderá captar no poema o ritmo e o significado como uma unidade indissolúvel” (GOLDSTEIN, 2008, p. 19).

Patativa do Assaré foi a figura escolhida para servir de tema na sequência do trabalho em razão da sua história de superação e referência à cultura nordestina. Alguns versos do poeta popular foram selecionados buscando identificação com os alfabetizandos, assim como sua história de vida, com pontos semelhantes à da maioria dos alunos. O trecho da música *O Poeta da Roça* reflete esta afirmação: “Não tenho sabença, pois nunca estudei / Apenas eu sei o meu nome assiná / Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre / E o fio do pobre não pode estudá.”. Criou-se uma linha do tempo com dados do poeta e, posteriormente, dos próprios estudantes. Músicas, cordéis, imagens e até mesmo o documentário Patativa do Assaré – Ave Poesia foi exibido para a turma. Esta etapa do trabalho foi concluída com os alfabetizandos produzindo cordéis de forma coletiva, porém cada um criou um final diferente. A escrita e a ilustração foram produzidas pelos próprios autores que puseram suas obras em exposição na sala e as disponibilizaram para a leitura das demais turmas.

Resultados e Discussões

Após toda esta experiência em sala de aula, os alfabetizandos tiveram a oportunidade de visitar a Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas a fim de entrevistar o xilógrafo Erivaldo que ilustrou muitos dos cordéis lidos pelos alunos. A



segunda visita foi ao Museu do Folclore, onde observamos objetos e uma série de artesanatos retratando a rotina nordestina. Estas atividades externas somadas aos diversos estímulos apresentados ao longo deste artigo possibilitaram que a cultura nordestina fosse valorizada aos olhos dos próprios alfabetizandos. Além disso, leituras e produções escritas foram realizadas de forma agradável, sem que os estudantes apresentassem rejeição.

Conclusão

O conjunto deste trabalho foi caracterizado como “Nordestinar”. Eu “nordestino”, tu “nordestinas” significou reviver o tempo de sertanista de forma saudosista e alegre, enfatizando a beleza da vida na roça e o quão dura esta realidade pode ser. Embora os alunos tenham deixado o local visando melhores oportunidades de trabalho na cidade, a dificuldade desta vida no campo pouco é lembrada na sua fala. Suas memórias relatadas em aula são sempre positivas e esta identidade, por tanto tempo e ainda hoje oprimida, tem de ser valorizada. Cordéis, músicas, histórias, imagens e vídeos que remetem à cultura nordestina foram explorados não para discutir de forma desinteressada, e sim valorizar uma cultura partindo da sua essência para incentivar e enriquecer a leitura e a escrita. A receptividade dos alunos com o gênero textual e a forma como se envolveram no projeto nos levam a concluir que o ensino a partir do conhecimento prévio do aluno enriquece a aula e facilita os processos de aprendizagem. A poesia popular possibilitou os diálogos naturais, sem que o professor precisasse lançar constantes questões tornando o debate artificial. A literatura de cordel fez parte da história de muitos dos alunos jovens e adultos, buscamos então construir uma nova história dando o devido valor à história de cada um.

Esta experiência de extensão universitária se mostrou extremamente produtiva para a comunidade atendida, pois possibilitou maiores conhecimentos sobre suas origens, ao mesmo tempo em que exploravam a leitura e a escrita. Possibilitou também um enriquecimento muito grande para a formação dos universitários extensionistas que, na prática, vão aprendendo a respeitar seus alunos enquanto sujeitos de conhecimentos.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 32ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. 17ª Ed. São Paulo: Ática, 2008.



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS FERRAMENTAS EXTENSIONISTAS.

Área temática: Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DORIO DE JANEIRO (UFRRJ)

Natália Carolina de Sousa¹;

Resumo

A Pedagogia da Alternância consiste numa proposta metodológica que conjuga diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos, em que os educandos/as realizam atividades na Universidade (período denominado Tempo Escola – TE) e na comunidade (período denominado Tempo Comunidade -TC). Assim sendo, viabiliza o processo de formação em que a teoria se constrói como elaboração do real, potencializando a relação teoria e prática. O Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) implantado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no ano de 2010, se constitui na proposta metodológica da Alternância. Destinando-se a formação de educadores/as da agricultura familiar, reforma agrária e comunidades tradicionais para atuação nas escolas do campo. O objetivo deste trabalho é analisar como a estrutura e funcionamento de ensino com base na Pedagogia Alternância adotados no curso de LEC da UFRRJ proporciona aos educando/as a oportunidade de praticarem a extensão, através da construção dos projetos em seus territórios a partir da observação da realidade local em sua essência, considerando suas populações, sua cultura e a demanda comunitária. Busca uma aproximação entre a teoria acadêmica e a prática, muitas vezes pouca estimulada nos cursos de formação superior. Os projetos de extensão fazem parte da metodologia adotada pelo curso, sendo necessário para a formação dos educandos/as, além de resgatar o verdadeiro papel da universidade, que através de suas práticas deve oferecer possíveis soluções aos problemas concretos da sociedade.

Palavras Chaves: educação do campo, alternância, projetos de extensão.

Introdução:

O presente trabalho pretende analisar como a proposta metodológica da Pedagogia da Alternância, adotada pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, possibilita novas formas de produção de conhecimento a partir dos projetos de extensão que são elaborados de forma coletiva e participativa pelos educandos/as da LEC em suas comunidades. Para isso, faremos uma breve análise do atual contexto das políticas públicas educacionais voltadas para a Educação do Campo. Em seguida, caracterizaremos os sujeitos/atores que compõem o curso e alguns elementos da proposta do Projeto Político-Pedagógica (PPP) da LEC/UFRRJ. Ao final, refletiremos sobre a pedagogia da Alternância que constitui a proposta pedagógica do curso.

¹ Discente de Engenharia Florestal – UFRRJ – nataliacarolina.sousa@bol.com.br

A realidade camponesa atual no Brasil, conta com 29.852.956 de pessoas no campo: 15,65% do total da população brasileira²; que padece com a privação de políticas públicas educacionais para formação de trabalhadores/as do campo. Podemos considerar emergencial a necessidade de democratização do acesso e da permanência de crianças, jovens e adultos do campo no âmbito da educação básica, tecnológica, técnica e superior, capaz de respeitar a diversidade cultural, étnicas e territoriais. Faz-se necessário debater as necessidades da Educação do Campo na atualidade, propondo-a como uma educação inclusiva que abarque as especificidades dos educandos/as e futuros educadores/as de áreas rurais, diferenciando-a da tradicional “Educação Rural”: “O tratamento específico da Educação Rural, teria, pois, dois fundamentos: a condição carente do homem do campo ou sua pobreza econômica e, em contraste, sua riqueza cultural”. (ARROYO, 1982)

A proposta recente de Educação do campo – em especial, a criação das Licenciaturas a partir dos anos 2000 – foi formulada a partir de discussões advindas de seminários, fóruns e projetos sobre a Educação do Campo, envolvendo Movimentos Sociais, educadores e educando/as nas últimas décadas. Inicia-se, em 1998, um movimento de construção da Educação do Campo protagonizado pelo MST, pela CNBB, pela Unicef, pela Unesco e pela UnB. Tais sujeitos se propuseram a elaborar uma crítica à concepção de educação oferecida ao meio rural, como também pensar políticas educacionais que dessem conta da realidade rural. Em 2002, essa mesma articulação realizou a I Conferência Nacional intitulada *Por Uma Educação do Campo*, com o objetivo de reafirmar as linhas políticas de um projeto educativo articulando as lutas sociais a um projeto nacional de Educação. Na II Conferência Nacional *Por uma Educação do Campo* (2004), sinalizou-se a consolidação de um projeto histórico de educação, conduzido e organizado pelos sujeitos sociais do campo. Ainda naquele ano, criou-se a *Coordenação Geral de Educação do Campo* (CGEC) na estrutura da SECAD/MEC, que buscou articular uma nova base epistemológica sobre o campo e a Educação do Campo, além da divulgar as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2002). Atualmente, no país, existem em torno de 40 Universidades públicas que oferecem cursos de graduação para os sujeitos do campo, com diferentes formatos: alguns são apenas Programas pontuais (Editais PRONERA) enquanto outros são cursos regulares incorporados ao sistema universitário. A perspectiva da LEC/UFRRJ se diferencia dos espaços formais de produção

² Fonte Censo Demográfico 2010- IBGE.

de conhecimento, pois é construída **por e para** os diferentes sujeitos, territórios, práticas sociais e identidades culturais que compõem a diversidade e especificidade do campo.

De acordo com o PPP da LEC/UFRRJ, o curso destina-se à formação de 60 trabalhadores/as rurais distribuídos em 15 territórios e agrupados em cinco regionais (Médio Paraíba, Sul Fluminense, Metropolitana, Norte e Vale do Ribeira) do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo. Com duração de três anos, o curso de 3.540 horas está configurado em seis etapas presenciais em regime de alternância (TE e TC). Oferece habilitação em duas grandes áreas de conhecimento: 1. Ciências Sociais e Humanidades; 2. Agroecologia e Segurança Alimentar.

As estratégias do curso visam a formação de sujeitos capazes de produzir soluções para sua realidade, assumindo a pesquisa como princípio produtor de conhecimento e a extensão como elemento educativo de intervenção na localidade.

O curso tem como base metodológica a Pedagogia da Alternância, proposta educacional constituída por etapas que constituem os períodos Tempo Escola e Tempo Comunidade. O TC se caracteriza pela interação dos educandos/as com as pessoas e a realidade do seu meio sociocultural. Nesse sentido, os educandos/as desenvolvem a pesquisa e constroem seus projetos a partir da demanda comunitária - caráter extensionista do TC. Integrando-se ao processo de diálogo entre docência e pesquisa, a dimensão da **extensão** se constitui numa estratégia participativa, afirmando que o processo de produção do conhecimento se realiza socialmente, de forma contextualizada, pelos sujeitos em sua realidade local/global (PPP – LEC/UFRRJ, 2010). A formação pela Alternância (GIMONET) implica seu desenvolvimento em atividades produtivas, de maneira a relacionar suas ações com a reflexão sobre o *porquê* e o *como* das atividades desenvolvidas (SILVA, 2003). Essa formação busca a interação entre as atividades práticas e a reflexão teórica sobre elas.

Metodologia:

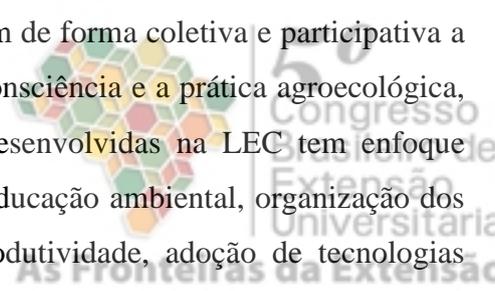
As presentes considerações partem do acompanhamento da autora no curso de LEC, durante as atividades do TE e do TC, atuando como monitora da área de Agroecologia e Segurança Alimentar. O curso encontra-se em TC na segunda etapa: nesta, os/as educandos/as já deram início ao desenvolvimento da pesquisa a partir do estudo de suas realidades, além da implantação dos projetos de extensão em seus territórios. A pedagogia da Alternância vivenciada em TE e TC viabiliza que educandos/as se

desenvolvam na prática durante o TC, respeitando as especificidades e diversidades da sua realidade, os conceitos e conhecimento adquiridos na teoria durante o TE. Como os estudantes estão agrupados em 15 territórios, cada território desenvolve um projeto de extensão objetivando atender a demanda detectada na pesquisa oriunda de diagnóstico participativo. A tabela abaixo sistematiza os territórios e seus projetos:

| Regional | Territórios | Projetos de Extensão |
|------------------|--|--|
| Metropolitana | Campo Alegre | Formação de Professores e Material Didático Escola.Municipal Campo Alegre |
| | Marapicu | Formação de Professores e Material Didático Escola.Municipal Campo Alegre |
| | Terra Prometida | Formação de Professores e Material Didático Escola.Municipal Campo Alegre |
| | Quilombo das Guerreiras | Prevenção DST-AIDS em Assentamentos da Baixada Fluminense |
| | São Bernardino | Agroecologia nas Escolas do Campo e nas Associações Rurais |
| | Piabetá /Magé | Projeto em fase de construção |
| | Japeri | Projeto em fase de construção |
| Médio Paraíba | Pinheiral | A história das Ocupações Urbanas e Rurais na Região do Médio Paraíba |
| | Quatis, Pirai, Volta Redonda | A história do Instituto Laudenor de Souza e sua importância como laboratório da produção e formação agroecológica nos Assentamentos da Reforma Agrária/ O papel da Agroecologia na consolidação da Educação do Campo |
| Vale do Ribeira | Itapeva, SP | Projeto de Educação do Campo na Escola Terezinha de Moura |
| Sul-fluminense | Guarani | Produção de Material Didático para as Escolas Indígenas |
| | Santa Rita do Bracui / Qilombo/ caiçaras | Etno desenvolvimento e educação diferenciada |
| Norte-Fluminense | Campos | Reflorestamento em áreas comunitárias no Assentamento Zumbi dos Palmares Memórias e Registro dos Assentados de Zumbi dos Palmares |
| | Macaé | Horta Agroecológica |
| | Rio das Ostras | Semear o Saber Popular |

Resultados e discussões:

Promover propostas pedagógicas diferenciadas para educação do campo partindo da pedagogia da Alternância pode ser uma relevante ferramenta para o fortalecimento das práticas extensionistas no campo. A alternância estreita a relação entre pesquisa, extensão, entre os/as educandos/as e comunidade, fortalece o princípio de construção coletiva na medida em que a pesquisa e a extensão se desenvolvem de forma coletiva e participativa a partir da história do seu território. Pode aprimorar a consciência e a prática agroecológica, pois a grande maioria das atividades de extensão desenvolvidas na LEC tem enfoque agroecológico, oportunizando o desenvolvimento da educação ambiental, organização dos trabalhadores, preservação dos recursos naturais, produtividade, adoção de tecnologias sociais, solidariedade e soberania alimentar entre outros. Estas práticas extensionistas



objetivam a qualidade de vida dos agricultores/as e o fortalecimento da agricultura familiar e se constituem em ferramentas de transformação social no campo e no país.

Conclusões:

Podemos falar apenas em conclusões parciais na medida em que o trabalho de pesquisa ainda está em curso. Objetivo analisar as experiências de Licenciatura em Educação do Campo organizada a partir da pedagogia da Alternância e suas ferramentas extensionistas. Posso concluir que a Alternância favorece a articulação entre universidade, vida, realidade e prática social, além de fortalecer trabalhos coletivos e participativos entre educandos/as e a comunidade. As experiências derivadas da Alternância se constituem em instrumentos fundamentais para a construção das práticas extensionistas que deveriam ser desenvolvidas nas áreas em torno das universidades públicas seja através de projetos de extensão, conforme proposta adotada pelo curso de LEC da UFRRJ, ou da atuação dos acadêmicos/as, realizando palestras, seminários e outras atividades voltadas para melhoria da qualidade de vida da sociedade, fazendo com que a universidade pública cumpra o seu papel de contribuir para a solução dos problemas da sociedade. Trazer para dentro das universidades o debate sobre políticas públicas educacionais para o campo, bem como apoiar propostas para implantação de curso de Licenciatura em educação do campo propondo uma formação inclusiva, respeitando a diversidade cultural desses trabalhadores/as a partir da adoção de metodologias que atendam as especificidades dos educandos/as como a prática pedagógica da Alternância, deveriam ser práticas mais amplamente institucionalizadas no sistema de ensino de nosso país.

Referências:

BRASIL. Presidencia da Republica. **DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010 DOU 05.11.2010** que Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA.

BRASIL. MINISTERIO DE EDUCACAO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCACAO. CAMARA DE EDUCACAO BASICA. **Resolucao nº 1 de 03 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

GIMONET, J. C. **Alternância, adolescência e pré-adolescência**. In: Revista da formação por alternância. Nº1. Brasília: UNEFAB, 2005.

SILVA, L.H. **As experiências de formação de jovens do campo – Alternância ou Alternâncias?** Viçosa: UFV, 2003.



HUMANISMO CABOCLO: educação no campo e desenvolvimento humano

Área temática: Educação

Luciano de MELO SOUSA

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Autor: Luciano de MELO SOUSA

RESUMO

O projeto de extensão HUMANISMO CABOCLO E JUVENTUDE RURAL EM PEDRO II (UESPI) procurou contribuir com a formação humanista e cidadã de crianças e jovens assistidos pela Fundação Santa Ângela, município de Pedro II. O coordenador do projeto, em parceria com educadores e parte da equipe técnica da FSA, trabalhou atividades de ensino (curso de *sociologia cabocla*), assessoria (pedagógica e elaboração de projetos), educação popular (curso de educação popular para jovens) e iniciação à pesquisa (três projetos dentro do programa de iniciação científica – Pbic-jr) durante o ano de 2010 que continuam também no presente ano. Durante a trajetória, o projeto aproximou-se da Rede de Educação Cidadã e seu coordenador acabou sendo indicado à sua coordenação estadual como representante da Universidade Estadual do Piauí. Além dessa parceria, Humanismo Caboclo concluiu o curso de *Sociologia Cabocla* voltado para 90 alunos do ensino médio, elaborou alguns projetos para a Fundação Santa Ângela sendo aprovados o “Cine Efamec” (projeto Cine Mais Cultura – Ministério da Cultura) e “Mais Cultura – produção de artesanato e pintura”, colaborou com a realização do “Curso de Educação Popular para Jovens” (96 horas) em parceria com a FSA e Recid, orientou três projetos de iniciação científica com previsão de encerramento para junho de 2011 e assistiu pedagogicamente a atividades de formação cidadã e humanística da Escola Família Agrícola Santa Ângela. Dados esses resultados, o projeto continua neste ano priorizando atividades de educação popular, assessoria pedagógica e iniciação científica. Pretendemos ampliá-lo progressivamente à medida que professores ou estudantes identifiquem-se com a proposta.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação popular; pedagogia da alternância; humanismo.

INTRODUÇÃO:

Humanismo Caboclo reúne ações de educação popular, assessoria e incentivo à iniciação científica. É uma parceria entre a Universidade Estadual do Piauí e a Fundação Santa Ângela. Esta mantém uma escola família agrícola no município de Pedro II onde oferece ensino fundamental (5º ao 9º ano), ensino médio técnico (agropecuária) e pós-médio (agro-indústria e turismo). Seus alunos provem das zonas rurais dos municípios de



Pedro II, Sigefredo Pacheco, Batalha, Piripiri, Piracuruca, Milton Brandão e Lagoa de São Francisco (região norte do Piauí). Desenvolve a “pedagogia da alternância” que prioriza o diálogo da escola com a realidade dos educandos pois sua meta é favorecer um conhecimento contextualizado e a permanência dos jovens no campo por meio do desenvolvimento de saberes técnicos e de uma consciência cidadã.

O projeto iniciou no ano de 2010 por meio de práticas educativas (curso de “Sociologia Cabocla” – ensino médio), de educação popular (“curso de formação de educadores jovens rurais”), assessoria pedagógica e de elaboração de projetos além do incentivo à prática da pesquisa por meio da montagem de três projetos de iniciação científica em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Piauí (Fapepi) e Cnpq (projeto Pbic Jr.). Essas atividades foram coordenadas e desenvolvidas em parceria com a equipe de educadores da Fundação Santa Ângela e o professor responsável pelo projeto de extensão. Por meio das ações buscou-se contribuir com a educação de jovens da Escola-Família Agrícola Santa Ângela pela experimentação de ações culturais e educativas que girem em torno de suas vidas como cidadãos e como pessoas pertencentes a comunidades rurais.

MATERIAL E METODOLOGIA:

A FSA possui duas escolas (uma na zona urbana e outra na área rural do município de Pedro II) e duas fazendas que servem para atividades práticas de ensino. Conta também com uma equipe de professores, um coordenador de educação popular além de uma diretora e uma pedagoga. Primeiramente, foi apresentada a proposta de trabalho a ser desenvolvida em parceria pois acreditamos que toda atividade educativa é um projeto coletivo. Após um comprometimento inicial de todos, iniciaram-se as atividades. Como o coordenador do projeto mora na capital, as atividades eram realizadas em visitas quinzenais que duravam de quatro a oito dias conforme o planejamento:

| Ações | Público | Caracterização |
|---|-----------------------------|--|
| Aulas de “Sociologia Cabocla” | 90 adolescentes e jovens | 2 aulas quinzenais para cada turma do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. |
| Apoio pedagógico aos “serões” do ensino fundamental | 100 crianças e adolescentes | Em reuniões quinzenais, são discutidas as temáticas e dinâmicas de condução das atividades dos serões (encontros noturnos com temas construídos a partir das demandas e necessidades dos alunos). Os monitores |

| | | |
|---|--|--|
| | | elaboram um roteiro de planejamento que os orienta na condução das atividades. Nessas reuniões também são avaliados os serões já realizados. Essa atividade continua no ano de 2011. |
| Apoio pedagógico ao programa “Mais Cultura” | 40 crianças, adolescentes e adultos (pais ou parentes dos alunos) | Duas turmas (“pintura e confecção de brinquedos em madeira” e “crochê e bio-jóias”) formadas por moradores das comunidades rurais Lajedo, Olho d’Água dos Paulinos, Lagoa do Sucuruju e Sabiá. Além de reuniões periódicas com os professores, mensalmente se reunia com todos os alunos para contribuir com o processo de formação no sentido de reforçar e aprimorar os saberes. |
| Curso de Formação de Educadores Jovens Rurais | Curso voltado para 35 jovens (número inicial) entre 17 e 25 anos | Contribuir no processo de formação e capacitação da juventude a partir da Metodologia da Educação Popular. Foi organizado em parceria com a Fundação Santa Ângela, Recid e Universidade Estadual do Piauí. Dividido em quatro módulos de 24h. |
| Assessoria de projetos à Fundação Santa Ângela | Projetos voltados para os alunos de ensino fundamental e médio técnico e seus familiares | Colaboração na elaboração dos projetos “Cine Efame” (MINC), “Mais Cultura” (MINC), “Geração de renda e oportunidade de trabalho (Petrobrás 2010)”, “Leitura e Produção de Saberes e Sonhos” (Programa BNB de Cultura 2010) e “Ponto de Cultura Santa Ângela” (MINC). |
| Orientação de três projetos de pesquisa dentro do Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (Fapepi/Cnpq): em | Participação de 17 jovens do ensino médio entre 15 e 20 anos em três projetos de | Orientação geral das pesquisas “Perfil sócio-político da juventude de Lagoa do Sucuruju (Pedro II)”, “Avaliação do plantio de pimenta malagueta na agricultura familiar” e “Produção de favos de mel em recipientes de vidro dentro da agricultura familiar” em |

| | | |
|-----------|----------|---|
| andamento | pesquisa | colaboração com professor de agronomia da EFA Santa Ângela. |
|-----------|----------|---|

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

| Ações | Resultado |
|---|--|
| Aulas de “Sociologia Cabocla” | O curso totalizou 60 horas distribuídas entre os 90 alunos do ensino médio. |
| Apoio pedagógico aos “serões” do ensino fundamental | Foram realizados 56 “serões” durante o ano de 2010. Continuamos com essa atividade de assessoria no ano de 2011, pois, segundo avaliação feita seria necessária a continuidade desse acompanhamento dos monitores responsáveis pelos serões. |
| Apoio pedagógico ao programa “Mais Cultura” | Ao final do ano foram concluídas as duas oficinas e conseguimos com o restante do recurso realizar mais uma oficina no início do ano de 2011. Temos atualmente um grupo de mulheres que trabalha com produção de artesanato. |
| Curso de Formação de Educadores Jovens Rurais | Foram realizados os quatro módulos que totalizaram 96 horas. No ano de 2011 estamos acompanhando o trabalho de alguns desses educadores em suas próprias comunidades. Em junho, inicia um novo curso. |
| Assessoria de projetos à Fundação Santa Ângela | Foram aprovados os projetos “Cine Efamc” (MINC) e “Mais Cultura” (MINC). Ambos já implantados e em desenvolvimento. |
| Orientação de três projetos de pesquisa dentro do Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (Fapepi/Cnpq): em andamento | Orientação geral das pesquisas “Perfil sócio-político da juventude de Lagoa do Sucuruju (Pedro II)”, “Avaliação do plantio de pimenta malagueta na agricultura familiar” e “Produção de favos de mel em recipientes de vidro dentro da agricultura familiar” com previsão de conclusão em junho de 2011. Neste ano foi inscrito um novo projeto envolvendo cinco novos alunos na área de educação popular. |

A aproximação com a Recid (Rede de Educação Cidadã) de Pedro II levou também à colaboração de seu coordenador como assessor nos encontros regionais da Recid-Piauí. Desde agosto, o coordenador do “Humanismo Caboclo” participa de suas reuniões mensais da Coordenação Estadual. Além de avaliar e planejar as ações da Rede, essas servem para

troca de informações e experiências entre os educadores liberados e os voluntários (estes últimos membros da coordenação estadual).

Por essa descrição, observa-se que o projeto percorreu uma trajetória bastante própria que se construiu a partir dos percursos trilhados e escolhas feitas. Foi pelo envolvimento com a realidade do projeto que foram surgindo “espontaneamente” as ações. O projeto se apresentou mais como um ideário de intenções do que ações previamente definidas. Pelo contrário, construiu-se por meio das relações e ações estabelecidas. Foi pela boa vontade, relação clara e franca estabelecidas com a FSA e com seus alunos e colaboradores que o projeto pode se desenvolver e construir suas possibilidades de cooperação educacional e humanismo.

Os exercícios de humanismo não foram propostos somente às crianças e jovens assistidos pelo projeto. A coordenação e seus parceiros também exercitaram práticas de solidariedade, autocrítica, respeito mútuo e justiça social. Todos passaram a experimentar ações e valores humanísticos pois é impossível ensiná-los sem também vivê-los.

Neste sentido, “Humanismo Caboclo” se põe como um projeto extensionista da Uespi que procura dialogar com a sociedade a partir de seus dilemas, potencialidades e possibilidades de troca com pessoas e instituições. A relação de horizontalidade e abertura para o diálogo com a sociedade é uma postura metodológica sua pois acredita que a sociedade pode se transformar à medida que seus atores agem livremente e enfrentam os seus dilemas por meio de suas escolhas. A academia deve posicionar-se como uma facilitadora dessa apropriação crítica feita pelas pessoas e instituições da sociedade.

CONCLUSÃO:

A construção de relações empáticas, de colaboração, de construção de novas atitudes e pensamentos críticos é um processo que vem se construindo entre os atores do Humanismo Caboclo. Acreditamos que é uma aspiração a ser perseguida continuamente. Tanto o é que o projeto continua em andamento. No final de 2010 divulgamos seus primeiros resultados no IV Seminário de Extensão da Uespi. Queremos dialogar com nossos colegas docentes e discentes para ampliarmos nossas atividades, trocarmos ideias sobre a prática extensionista e a construção de saberes sobre educação e transformação social.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA DE APRENDIZAGENS – NOVOS CAMINHOS

Educação

Gilsenira de Alcino RANGEL

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

WATHIER, Jean A.; RANGEL, Gilsenira A.; RODRIGUES, Lourdes H. R.

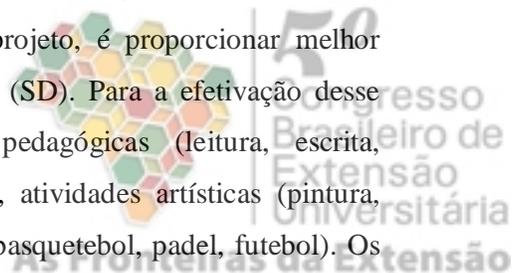
Resumo

Sob a denominação de “Projeto Novos Caminhos: três saberes em busca da melhoria da qualidade de vida de pessoas com síndrome de Down”, teve início, em abril de 2007, o projeto de extensão envolvendo três unidades da UFPel: Faculdade de Educação, Escola Superior de Educação Física e Instituto de Artes e Design. O objetivo primordial, estampado na denominação do projeto, é proporcionar melhor qualidade de vida às pessoas com síndrome de Down (SD). Para a efetivação desse objetivo foram oferecidas aos jovens atividades pedagógicas (leitura, escrita, conhecimentos matemáticos, históricos e geográficos), atividades artísticas (pintura, serigrafia, artesanato...) e atividades físicas (handebol, basquetebol, padel, futebol). A base teórica a qual está alicerçado o projeto vem dos estudos de Vigotsky, Freinet, Freire. Os resultados da intervenção tem sido observados em diversos aspectos além dos pedagógicos. Obteve-se melhoria na produção escrita, no raciocínio lógico, na linguagem oral. Outro resultado referido pela família dos jovens é o fato de terem melhorado a autoestima, a autonomia, a socialização.

Palavras-chave: necessidade especial, alfabetização, letramento

Introdução

O Projeto Novos Caminhos surgiu da necessidade de um grupo de pessoas, familiares responsáveis por jovens com síndrome de Down, no tocante à falta de oportunidades pedagógicas oferecidas aos jovens com necessidades especiais, na cidade de Pelotas. Assim, a partir dessa necessidade da sociedade, propusemos, na época, em conjunto com outras duas unidades acadêmicas (Instituto de Design e Escola Superior de Educação Física), o “Projeto Novos Caminhos: três saberes em busca da melhoria da qualidade de vida de pessoas com síndrome de Down”, com início, em abril de 2007. O objetivo primordial, estampado na denominação do projeto, é proporcionar melhor qualidade de vida às pessoas com síndrome de Down (SD). Para a efetivação desse objetivo foram oferecidas aos jovens atividades pedagógicas (leitura, escrita, conhecimentos matemáticos, históricos e geográficos), atividades artísticas (pintura, serigrafia, artesanato...) e atividades físicas (handebol, basquetebol, padel, futebol). Os atores envolvidos na ação extensionista eram acadêmicos dos cursos referidos acima e



jovens com síndrome de Down. Atualmente, por problemas logísticos permanece apenas nós da Faculdade de Educação e o atendimento foi ampliado para jovens com outras deficiências sendo aberta uma turma específica para alfabetização no ano de 2009. Desse modo, o projeto conta com uma turma avançada e uma de alfabetização. O projeto, inicialmente, de extensão ganhou asas e está diretamente ligado às nossas pesquisas e também em consonância com projetos de ensino.

Material e metodologia

Definidos os objetivos de cada unidade acadêmica envolvida, necessitou-se decidir o local no qual o projeto teria sua base. Ficou definido como local sede a Faculdade de Educação, por estar bem próxima do Instituto de Artes e Design e que as atividades físicas seriam realizadas no pouco espaço disponível nos dois prédios. O professor coordenador do projeto pela Escola Superior de Educação física, com toda a boa vontade que lhe é natural, alugou o ginásio localizado em frente à Faculdade de Educação para as atividades esportivas. Quanto ao trabalho do IAD, realizava-se nos ateliers da própria unidade. Já as atividades pedagógicas eram realizadas na Faculdade de Educação, sob minha coordenação. Desse modo, os alunos começavam a manhã com atividades físicas, das 8h às 9h, das 9h às 11h, atravessavam a rua e vinham para a Faculdade de Educação e das 11h às 12h atravessavam a rua e iam para o Instituto de Artes e Design.

Os participantes do projeto são jovens com síndrome de Down e jovens com deficiência mental. A turma começou com 15 alunos, a maioria frequentando escola especial no turno da tarde e participante também de outros projetos de extensão da Universidade, como o projeto Carinho¹.

A equipe diretiva estabeleceu como critério para a constituição da turma o fato de os alunos já estarem alfabetizados. A admissão foi aleatória quanto a qualquer outro critério. A divulgação para as inscrições foi feita em reunião com os pais, cujos filhos já participavam de outro projeto de extensão e via Rádio Federal FM – programa entrevista, quando então, tivemos a oportunidade de divulgar o projeto.

Quanto à situação familiar, todos os alunos vivem com a família e normalmente a mãe ou a vó os acompanham e ficam aguardando.

¹ O projeto Carinho oferece atividades aquáticas, natação a crianças e jovens com Down. Há também uma turma de dança. O grupo faz apresentações dentro e fora da cidade.

Do ponto de vista cognitivo não foi feito nenhum teste para ingresso. Bastava apenas ter vontade e disposição para novas aprendizagens.

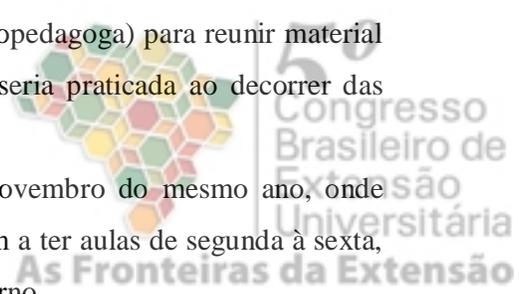
O projeto Novos Caminhos funciona durante todo o ano letivo da UFPel nas segundas, quartas e sextas-feiras, das 8h até às 12h em 2007 e das 8h e 30 min às 11h e 30min a partir de 2008, totalizando 408 horas ao ano. Na distribuição da carga horária entre as atividades, o maior número de horas foi atribuído às atividades pedagógicas, em busca de melhor desenvolver a escrita e o conhecimento matemático, aspectos que haviam recebido destaque como desejo de ganhar mais autonomia e ser, de fato, um cidadão, como os próprios alunos revelaram no primeiro dia ao serem questionados sobre o porquê de quererem participar do projeto.

A equipe, incluindo uma psicopedagoga, procurou funcionar de modo todo integrado, tendo em vista atingir o objetivo maior: melhorar a qualidade de vida dos jovens com síndrome de Down. Os vários integrantes, especialistas em diferentes áreas, não perderam de vista a especificidade própria a cada uma dessas áreas. A coordenação geral do projeto coube a mim, porém cada unidade coordenava a sua equipe e reuníamos quinzenalmente para encaminhamentos.

A condução das atividades era feita por acadêmicos das três unidades, do Curso de Pedagogia, Artes e Educação Física. Os acadêmicos organizavam-se em trios, preparavam o material, as atividades, submetiam à sua coordenação e então aplicavam. A cada dia era um trio diferente uma vez que os alunos, por não receberem remuneração, não podiam comprometer três dias da semana no projeto. As reuniões semanais para preparo de atividades, discussões sobre o percurso e avaliação do trabalho eram de fundamental importância para o bom andamento das aulas para que houvesse, assim, uma linha a ser seguida, uma continuidade. Em algumas circunstâncias essas reuniões semanais foram insuficientes para se tratar de tudo referente ao projeto e fatos ocorridos durante as aulas, e desse modo fazíamos encontros extraordinários.

Foi mais de um mês em trabalhos e pesquisas entre professores e coordenação do projeto (que a essa altura já possuía sua própria psicopedagoga) para reunir material e discutir a metodologia que seria usada e como ela seria praticada ao decorrer das aulas.

As aulas começaram na primeira semana de novembro do mesmo ano, onde jovens e adultos de idade entre 15 e 30 anos, começaram a ter aulas de segunda à sexta, das nove horas da manhã até as onze horas do mesmo turno.



E nessas classes são trabalhadas, acima de tudo, vogais, identificação de nomes (do seu, de colegas, amigos e familiares), para, a partir daí, conseguirem construir novas palavras. Também são oferecidos jogos e desafios, para tornar tudo mais instigante; é feita leitura diária, para acostumá-los e torná-los alunos leitores e ouvintes, fazendo com que saibam que uma hora se fala, uma hora se ouve e que ainda sobra tempo para leitura.

Resultados e discussões

O projeto, acima de mais nada, objetivou tornar os alunos mais autônomos, dependendo menos dos responsáveis e confiando mais na própria capacidade. O objetivo era com que lessem placas, identificassem ônibus, soubessem contar o troco e soubessem como se comportar perante a sociedade, conhecessem a história e localização da cidade de Pelotas, entre outras coisas.

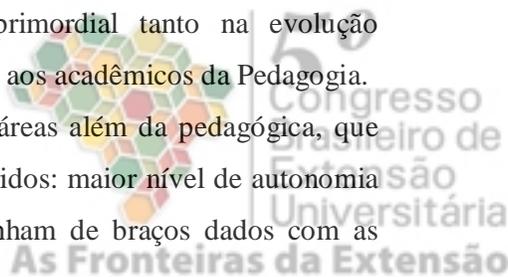
Em menos de um ano de existência dessa segunda turma dentro do projeto, a turma chamada de “alfabetização” conta com 17 alunos de variadas idades e sexo, com dois professores diferentes a cada dia semana, ministrando as aulas, totalizando os dez previamente selecionados.

Alunos que engatinhavam em sala, hoje já sabem se portar em público e dentro de casa, com estranhos e conhecidos. Quem não parava quieto, agora já sabe dosar o seu comportamento, quem nem sabia segurar um lápis, hoje já escreve seu nome e algumas outras palavras. Os jovens que tinham noção de escrita hoje estão com conceitos bem amadurecidos e já auxiliam seus colegas em exercícios. Cada um tem sua velocidade, mas é indiscutível a afirmação de que todos evoluíram e muito.

Conclusões

O projeto Novos Caminhos até o momento tem alcançado todos os objetivos propostos tanto pelos próprios alunos como pelos acadêmicos e coordenadores. O trabalho da Psicopedagoga demonstrou um papel primordial tanto na evolução alcançada pelos alunos, como na condução da orientação aos acadêmicos da Pedagogia.

Nesse tempo, identificamos avanços em várias áreas além da pedagógica, que sequer faziam parte dos objetivos previamente estabelecidos: maior nível de autonomia nas atividades diárias, algumas alunas que sempre vinham de braços dados com as mães, hoje fazem questão de vir sozinhas de ônibus.



O aluno se sente importante, se sente vivo, deixou de ser totalmente dependente e com orgulho diz: “Hoje? Hoje eu vou para a faculdade!”.

Referências

SAMPAIO, Rosa M. **FREINET: Evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Scipione, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 23ª ed., 1994.

VIGOTSKI, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



O USO DA INTERNET NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS A ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA INOVADORA VISANDO A AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO

Área temática de Educação

Responsável

Deise Dulce Barreto de Lemos - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Autoras

SILVA, Adlane Vasconcelos Veloso da (1); NASCIMENTO, Alline Gonçalves do (2); LEMOS, Deise Dulce Barreto de (3); FERNANDES, Natália Rodrigues (4).

1- Pós-graduanda do curso de Especialização em Gramática Gerativa Estudos de Cognição pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

2- Graduanda do curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

3- Pós-graduanda do Curso de Especialização Saberes e Práticas da Educação Básica em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

4- Graduanda do curso de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente trabalho relata experiências do projeto de inclusão digital desenvolvido nas ações de extensão universitária em turmas do Projeto de Alfabetização vinculado ao Programa Integrado da UFRJ de Educação de Jovens e Adultos. As turmas participantes estavam situadas em comunidades da Zona Norte da cidade. Visando os avanços tecnológicos pelos quais passa a sociedade e a necessidade de acompanhar estes progressos, buscamos a aproximação dos alfabetizandos com o mundo da informática. Além dos primeiros contatos com a máquina, nosso objetivo foi fazer com que as atividades realizadas com o auxílio do computador ganhassem significado para a vida dos estudantes potencializando o espaço de aprendizagem, produção e partilha de conhecimentos. Com acesso ao computador e à internet, os alfabetizandos desenvolveram habilidades no manuseio do computador, adquiriram uma identidade digital e construíram autonomia ao superar barreiras como a falta de familiaridade com

máquina e a insegurança. A criação do e-mail pessoal e de um blog contribuiu para a autoestima, a capacidade de tomar iniciativas, além de aumentar a socialização dos alunos. O acesso à tecnologia possibilitou também a utilização de vídeos que foram explorados como apoios visuais das aulas ministradas esmiuçando os temas discutidos pela turma em forma de atividades diversificadas, como pesquisas na internet e trabalhos com programas do Microsoft. Os resultados deste projeto inovador foram muito além das expectativas iniciais, promovendo a formação da identidade digital, o uso contínuo da informática e fazendo com que os próprios alunos passassem a se colocar em posição mais igualitária na sociedade.

Palavras-chave: Inclusão Digital; Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Quebrar paradigmas e inovar o aprendizado parece ser o grande desafio dos educadores do século XXI. O presente estudo visa abordar a temática Educação e Informática na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no afã de analisar e compreender uma nova perspectiva de alfabetização utilizando-se, para tanto, de ferramentas midiáticas, focando principalmente o recurso da informática como alternativa pedagógica à inclusão digital. Sabe-se que o acesso a esta tecnologia não está tão distante da população de baixa renda como acontecia há algum tempo. De acordo com dados do IBGE¹, em 2003, apenas 6,9% das famílias brasileiras, com rendimento mensal domiciliar de até 10 salários mínimos, possuíam microcomputador em casa. Em 2009, este número mais que triplicou, passando a ser de 25,4%. Observa-se, portanto, um avultado aumento de aquisições de microcomputadores que se mantém crescente ao longo dos anos.

Aqueles que ainda não adquiriram a máquina conseguem acessá-la em diversos lugares, tais como organizações comunitárias e no trabalho, ainda que necessitem de algum tipo de auxílio. Considerando-se que os educadores devem apresentar aos educandos novas perspectivas de socialização, a utilização da informática, as instruções sobre seu uso e funcionalidade tornam-se elementos essenciais a serem discutidos e trabalhados em aula. Assim, o que parece ser um brinquedo no uso constante daqueles mais jovens se transforma, a partir da apropriação do uso do computador, em um

¹ Atualização em 2009.

instrumento útil para simplificar a rotina, maximizar o tempo, acessar a diversas informações, assimilar e disseminar conhecimento ampliando a visão de mundo e melhorando a qualidade de vida dos indivíduos do universo dos alfabetizados. Este trabalho se mostrou extremamente benéfico para os estudantes que ocuparam mais um espaço na sociedade e para os próprios universitários que observaram este processo desenvolvendo pesquisas acerca da aquisição desta habilidade.

Material e Metodologia

A investigação foi realizada durante aproximadamente dois anos acompanhando turmas do Projeto de Alfabetização vinculado ao Programa Integrado da UFRJ de Educação de Jovens e Adultos (EJA-PI). Acompanhamos o trabalho de inclusão digital desenvolvido em três das quatro turmas do EJA-PI que oferecem alfabetização com o auxílio da informática. A primeira turma estava localizada no bairro Parada de Lucas, Zona Norte do Rio de Janeiro. Em parceria com a ONG AfroReggae, a classe de oito alunos contava com uma sala de informática contendo dez máquinas cedidas pela instituição para utilização semanal durante o período de duas horas. A segunda turma estava situada no mesmo bairro com doze alfabetizados, porém ocupando a Igreja Assembleia de Deus Ebenezer. A terceira classe se encontrava na ONG Ação Comunitária do Brasil, situada na Vila do João, Complexo da Maré, bairro composto por comunidades da Zona Norte do Rio de Janeiro. Durante duas horas, esta última turma que tinha oito estudantes mantinha contato com o universo digital, ocupando uma recém-formada sala de informática que possuía treze computadores dos quais sete trabalhavam com internet perfeitamente.

O planejamento elaborado objetivava, inicialmente, uma introdução ao mundo da informática e a exploração deste recurso como subsídio à ação alfabetizadora. Por esta razão, havia uma atenção especial à necessidade de dar clareza à funcionalidade de cada atividade realizada no computador. Era essencial que os alunos identificassem o que eles estavam fazendo como sendo parte do seu estudo, desta forma possuindo finalidade didática. Por haver esta necessidade de produzir atividades considerando as especificidades dos estudantes, desenvolvemos planos de aula respeitando as características de cada turma atendida e englobando exercícios diversificados a serem explorados sempre de acordo com os temas desenvolvidos em sala ao longo da semana.

Resultados e Discussões

Em discussão sobre o seu sentimento ao ver uma pessoa usar um computador, ficou clara a curiosidade do aluno. Através da fala de uma das estudantes pudemos perceber o desejo de obter autonomia no uso do computador: “Fico observando e falo assim: Eu vou conseguir fazer um curso.” Outra aluna falou do seu desejo pelo conhecimento: “Fico olhando a minha filha... querendo aprender...”. Sua fala deixou clara a urgência em se igualar à sociedade informatizada: “Hoje em dia, as coisas estão muito modernas e quem não souber movimentar as coisas modernas está frito!”.

A partir da criação do blog, foi promovido um espaço de discussão em que os alunos das três turmas envolvidas no projeto encontravam assuntos que dialogavam com a sua realidade e despertavam o seu interesse. Nele, cada um poderia expor suas opiniões e experiências de forma livre. O nome do blog, “Tô na net!”, marcava o novo ambiente ocupado pelo alfabetizando, no qual ele reforçava atingir mais um espaço na sociedade. Como avaliação desta atividade, pode-se afirmar que a felicidade e satisfação dos alunos ao ver sua mensagem na rede foi o seu ponto mais alto. Ao notar que as mensagens seriam instantâneas, todos ficavam ansiosos na expectativa de ler o que o seu colega estava escrevendo. O contentamento ao atualizar a página e ver que havia chegado uma mensagem era claro. Entusiasmados em saber a novidade, os alunos acabavam exercitando espontaneamente a leitura, um ponto importantíssimo para sua evolução no processo de alfabetização. Usualmente, os alunos se recusavam a ler textos dizendo simplesmente que ainda não dominavam a leitura. A partir daquele momento na aula de informática, eles liam interessadíssimos de forma tão natural que esqueciam as suas dificuldades, seu esforço era o que sobressaía.

Além de possibilitar a inclusão dos estudantes, o trabalho com e-mails proporcionou mais uma série de benefícios. De forma natural, os alunos começaram a receber e enviar correspondências estando em contato constante e direto com textos. Antes, fazer uma leitura era um sacrifício, já que nos primeiros contatos com um texto a reação inicial do alfabetizando costumava ser rejeitá-lo alegando não saber ler. Através dos e-mails, os alunos passaram a receber textos de diversos gêneros e fazer a leitura das mensagens de forma natural e prazerosa, já que tinham total interesse em saber as notícias recebidas. Todos se ajudavam na identificação das palavras desconhecidas durante as leituras, tornando-se uma atividade cooperativa.

Conclusão

Os primeiros contatos dos alfabetizados com a máquina mostraram sua desconfiança com aquela novidade. No início, o computador parecia indecifrável. Por outro lado, seu uso está se tornando tão comum mesmo entre as classes desfavorecidas que, embora parecesse inatingível, já havia despertado a curiosidade de muitos. Todos os dias, os alunos passavam pelo laboratório de informática, porém aquele lugar deixava um sentimento de não lhes pertencer, um lugar que não era para eles. Como poderiam analfabetos acessar o mundo da informática se mal haviam aprendido a pegar no lápis?

Ao longo deste trabalho, buscou-se uma transformação na vida do alfabetizando, ampliando a sua visão de mundo e a qualidade de vida. O resultado deste projeto desafiador foi muito além destas expectativas dos educadores envolvidos. Um ponto fundamental verificado foi o aumento da autoestima destes alunos, uma vez que eles já podiam acessar um instrumento tão corriqueiro à atualidade. Cada movimento apreendido, cada descoberta realizada em equipamentos como o próprio teclado deixavam um sentimento de satisfação imensa para aqueles que construíam estes conhecimentos.

Vencer o medo da máquina foi uma vitória de todos e o sucesso deste trabalho se deve ao incansável esforço dos educadores e estudantes que todos os dias lutaram para avançar além dos seus limites. O trabalho de extensão se mostrou uma forte ferramenta tanto para a formação universitária como ao atendimento da população de modo a promover a emancipação dos moradores de espaços populares.

Referências

ALMEIDA, E. (2003) Alfabetização e Inclusão Digital: Fundamentos, Avanços, Desafios. (Mimeo)

FREIRE, A. M. (org) *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo, UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

PELLANDA, Nilze, SCHLÜNZEN, Elisa e JUNIOR, Klaus Schünzen (orgs.). *Inclusão Digital: Tecendo Redes Afetivas/Cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA E DA CIDADANIA. *O que é ser Cidadão*. Disponível em: <www.codic.pr.gov.br>. Acesso em: 3 de abr de 2010.



SEMEANDO SAÚDE E EDUCAÇÃO

Área temática: educação

Ana Rute do Vale

Universidade Federal de Alfenas – MG (UNIFAL/MG)

Rodrigo Alexandre Pereira Calderaro

Resumo

Considerando-se nos debates nacionais, atualmente, destacam-se os relativos à reforma agrária, ao desenvolvimento sustentável e à segurança alimentar, acreditamos que a universidade pública necessita aproximar-se dessa pauta social, no sentido de promover uma troca de saberes e ações que possibilitem o desenvolvimento socioeconômico integrado à sustentabilidade ambiental e propicie vivências à sua comunidade em direção à construção de saber concreto, livre e aplicado à mudança social. Apresenta-se, portanto, a proposta de um programa extensionista em que todos os sujeitos envolvidos serão agentes de transformações nas áreas da Saúde, Economia Solidária, Desenvolvimento Sustentável e Educação, tendo como espaço social um Assentamento Rural Primeiro do Sul, vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e localizado no município de Campo do Meio (MG). O presente programa visa implementar ações socioeconômicas e educativas que possibilitem à população envolvida uma maior convivência, organização, integração e qualificação, favorecendo a melhoria de sua qualidade de vida e colaborando para o desenvolvimento sustentável do Assentamento. As ações terão enfoque pedagógico que estimule a participação popular e a emancipação dos sujeitos, levando em consideração que detêm um saber prévio a ser respeitado. Até o momento, os resultados obtidos com esse programa de extensão são referente ao período em que se denominava apenas Semeando Saúde (2007-2010), durante o qual vários projetos foram desenvolvidos nas áreas de saúde, educação e meio ambiente, revertendo em benefícios tanto para a comunidade quanto para os discentes integrantes dos projetos.

Palavras - chaves: Saúde, educação; meio ambiente.

Introdução

Os trabalhadores rurais sem terra vivem, muitas vezes, em situação de pobreza, com condições indignas de vida. Esse é o caso de vários assentamentos e acampamentos, que lutam pela melhoria da qualidade de vida de suas famílias e confrontam-se com políticas públicas que os impossibilitam de manter a subsistência familiar. Por outro lado, o MST procura trabalhar, junto às famílias, práticas agrícolas na perspectiva da recuperação e preservação dos recursos naturais, procurando alternativas que contribuam para a permanência das famílias no campo.

Há que se considerar, ainda, um certo grau de exclusão social enfrentada por essa população, seja por serem integrantes da população rural, seja por preconceitos políticos ainda vigentes em relação a militantes de movimentos sociais. Assim, o acesso a determinados bens e serviços torna-se distante da realidade de seu cotidiano. A implementação de ações voltadas à promoção e prevenção à saúde colabora diretamente

com a elevação da qualidade de vida e da auto-estima dos envolvidos. A preocupação com essa problemática levou à criação do Programa de Extensão Semeando Saúde e Educação.

O Assentamento Primeiro do Sul localiza-se no sul do Estado de Minas Gerais, mais precisamente no município de Campo do Meio. Neste assentamento vivem aproximadamente 40 famílias produzindo em lotes de 15 hectares em média, as quais produzem e comercializam sua produção individualmente, devido à dificuldade de produzir coletivamente, haja vista a existência de divergências pessoais entre os ocupantes dos lotes. Apenas a colheita de café é feita em sistema de mutirão, hábito comum entre pequenos agricultores, devido à necessidade dessa tarefa ser realizada em período curto e da falta de recurso dos assentados para pagar mão-de-obra contratada ou adquirir maquinário. Além da cafeicultura, principal atividade econômica, existe a produção culturas subsidiárias, a qual serve para o sustento das famílias e o excedente comercializado diretamente na região. Essas culturas subsidiárias são: feijão, arroz, milho, mandioca, hortaliças e frutas em geral. Além disso, os assentados dedicam-se também à criação de suínos, aves e a pecuária leiteira e a pesca.

Nesse sentido, o programa Semeando Saúde e Educação pretende, além das ações voltadas para a inclusão e transformação social, justifica também pelo seu caráter interdisciplinar, interinstitucional e multisetorial, com possibilidades concretas de ações de ensino e pesquisa integradas, proporcionando aos graduandos uma vivência interdisciplinar, com integração, respeito e valorização dos diversos saberes – científicos, tecnológicos, pessoais, sociais, culturais. Assim, contribuirá para a formação do acadêmico, como futuro profissional e como cidadão, contextualizando um cenário político, social, ético e econômico. As organizações do próprio Assentamento serão parceiras ativas do programa, participando dos processos decisórios relacionados à eleição de prioridades de ação.

Partindo do que foi exposto, acreditamos na necessidade de reestruturar e unir esforços para consolidar políticas públicas e articular ações da sociedade civil, para que possamos minimizar as desigualdades na região onde moramos e trabalhamos (Sul de Minas Gerais). No caso do Assentamento Primeiro do Sul, a questão da insegurança alimentar é uma dura realidade. Portanto, são necessárias estratégias produtivas que complementem as necessidades nutricionais das famílias. As famílias assentadas necessitam comprar no mercado alimentos que não produzem, bem como bens de consumo essenciais como roupas, produtos de limpeza, medicamentos e combustível, o que torna de extrema importância a produção de renda através de lavouras perenes, como o café.

Considerando-se toda a realidade e possibilidades concretas de transformação exposta sobre o assentamento, bem como o papel transformador da universidade, fica clara a necessidade da implantação de programas de desenvolvimento social. Há que se considerar, ainda, a geração de trabalho e renda, a inclusão social e o desenvolvimento econômico permeados num eixo transversal, tendo como diretriz o desenvolvimento humano integral. Para tanto, surge a necessidade de se articular e potencializar programas, serviços e ações, nas esferas federal, estadual e municipal. Tais ações conjuntas devem ser pautadas na perspectiva de transformar o atendimento em políticas públicas, ampliando o protagonismo da comunidade que se faz emergente.

Cabe à Universidade, enquanto catalisadora de processos de construção de conhecimentos, integrar-se a essas ações. Acadêmicos devem envolver-se colaborando tecnicamente com esse processo, vivenciando-o de maneira crítica e transformadora, eticamente comprometidos com as políticas de desenvolvimento humano.

O presente programa de extensão universitária, com possibilidades concretas de ações de ensino e pesquisa integradas, propõe essa articulação. Ainda, este programa visa a implementação de ações sócio-econômicas e educativas que possibilitem à população

envolvida uma maior convivência, organização, integração e qualificação, proporcionando a melhoria da qualidade de vida das pessoas atendidas.

Para o ano letivo de 2011, as ações vinculadas ao Programa Semeando Saúde e Educação são dois projetos de extensão, “Ações agroecológicas, segurança alimentar e desenvolvimento rural: Diagnóstico e atividades sustentáveis no Assentamento Primeiro do Sul — Campo do Meio, MG” e “Use e recicle”; e o curso “Ciclo de debates: Realidade política e social brasileira”, que terão como coordenadores e participante docente e discentes dos cursos de Geografia, Biologia e Pedagogia.

Sendo assim, o objetivo do Programa Semeando Saúde e Educação, de forma geral, é colaborar para o desenvolvimento sustentável da comunidade do Assentamento Primeiro do Sul — em Campo do Meio, MG — concebendo a integralidade do ser humano, em seu componente biológico, social e mental.

Material e Metodologia

As ações dos projetos de extensão vinculados ao Programa Semeando Saúde e Educação possuem autonomia de definição de estratégias, respeitando os objetivos e premissas básicas do programa. Reuniões periódicas entre os coordenadores de projetos e a coordenação do programa deverão garantir a gestão harmônica de recursos, a avaliação das visitas realizadas, além da escolha das equipes que farão a viagem seguinte, bem como a definição dos objetivos a serem alcançados na próxima visita.

Todos os projetos serão estimulados a integrar os três grandes pilares da formação universitária: ensino, pesquisa e extensão. Toda pesquisa deverá cumprir o preceito de gerar resultados que possam ser apropriados pela população investigada. Dessa forma, as ações de extensão serão fundamentadas nesses resultados.

Os projetos respeitarão quatro fases bem definidas: diagnóstico, planejamento, intervenção e avaliação. Durante a fase de diagnóstico, serão identificados os principais problemas da comunidade, bem como suas naturezas, em cada área de atuação. A partir dos dados levantados, processados e analisados, relatórios de pesquisa serão gerados. Tais relatórios servirão de base para a segunda fase (planejamento), na qual serão definidos os objetivos e estratégias de intervenção. A fase de intervenção consistirá na execução das atividades previstas na fase de planejamento. Por fim, a quarta fase (avaliação) servirá para análise quantitativa e qualitativa do alcance dos objetivos previstos.

As intervenções na área de saúde poderão ser voltadas tanto para a coletividade como para os indivíduos. Dentre as atividades coletivas, a principal estratégia adotada será a de educação popular para a saúde, na qual os saberes são construídos em conjunto, respeitando-se os já existentes na comunidade e buscando direcioná-los para mudanças sociais efetivas na resolução de problemas identificados. Todo o planejamento dos programas educativos deverá ser concretizado com plena participação de educadores e educandos, definindo-se objetivos, conteúdos programáticos e estratégias a partir dos dados analisados na fase de diagnóstico. Uma outra metodologia que poderá ser utilizada é a atenção interdisciplinar familiar. Nesta, uma equipe interdisciplinar do Programa presta atendimento em consultório à toda a família, identificando ações de promoção à saúde que podem ser incrementadas pela célula social: a família como um todo.

A ação agroecológica deverá ser fundamentada, agora, em ações educativas deverão ser continuadas para construção de saberes acerca de processos no sistema agrário. Vale ressaltar que mudanças na gestão agrária são conquistadas a longo prazo, demandando alto grau de envolvimento entre educadores e educando no processo de migração para uma produção agroecológica. Assim, os esforços em oficinas educativas de avaliação crítica de uso de agrotóxicos deverão ser continuadas.

Por fim, as ações educativas deverão ser voltadas, de igual forma, para manejo e conservação do solo, manejo integrado de pragas e doenças, biofertilizantes e caldas, bem como custo de produção do sistema cafeeiro. Na fase de avaliação, novos estudos de custos serão aplicados, além de estratégias qualitativas de avaliação de adesão da comunidade à nova filosofia de produção.

O principal desafio é contribuir na promoção de políticas públicas para um desenvolvimento sustentável, que superem os limites do assistencialismo e do paternalismo por parte do poder público. As ações devem seguir um enfoque pedagógico que estimulem a participação popular e a emancipação do ser humano, desde a concepção das ações, levando em consideração que toda comunidade onde ocorrerá uma intervenção detém um saber prévio que deve ser respeitado.

Resultados e Discussões

Durante a execução dos projetos vinculados ao Programa de Extensão Semeando Saúde (2007-2010), que contemplaram as áreas de saúde, meio ambiente e educação, coordenadas por docentes dos cursos de Odontologia, Nutrição, Farmácia, Geografia, Biologia e Pedagogia, foi possível constatar a importância da presença da universidade pública em comunidades rurais. Embora nossas visitas ao assentamento Primeiro do Sul tenham sido regulares, porém esporádicas – de uma a duas vezes por mês, conforme a necessidade de cada projeto -, consideramos que os pontos positivos se sobressaíram aos negativos. Dessa forma, na área da saúde, os projetos trabalharam no diagnóstico da saúde das famílias, na prevenção de doenças, no atendimento odontológico (odontomóvel sediado pela Prefeitura Municipal de Alfenas), na realização de exames e encaminhamento para atendimento médico na cidade, além de orientações para o cultivo de plantas medicinais. As ações na área ambiental contaram com oficinas sobre educação ambiental para crianças e orientações sobre a agroecologia para os agricultores. Por fim, na área da educação foram desenvolvidos trabalhos junto aos jovens e adultos sobre a questão dos movimentos sociais no campo e a mídia e a proposição da criação de uma biblioteca popular no assentamento, que abrigará materiais de diversos tipos, que ficarão disponíveis para consulta dos assentados, bem como se tornará um espaço para leitura e debates de temas atuais, mediados por coordenadores de projetos de extensão vindouros.

Conclusão

Agora transformado em Semeando Saúde e Educação - sobretudo pela presença de novos projetos ligados às ações de cunho mais pedagógico – o programa de extensão pretende alcançar novos vãos. Em primeiro lugar, porque os assentados continuam manifestando interesse pelas ações extensionistas desenvolvidas pela UNIFAL-MG, tanto pedindo a continuidade de alguns projetos, quanto demandando novos a cada ano. Sem o aval deles, nosso trabalho não poderia continuar se desenvolvendo a tanto tempo na comunidade. Em segundo lugar, porque para os proponentes dos projetos (coordenadores, discente e colaboradores) esta é uma oportunidade de ter seus conhecimentos científicos e visão de mundo ampliados, ao conviver com atores sociais tão “massacrados” pela mídia e que tem muito nos ensinar, sobretudo com relação à luta por uma vida mais digna no campo. Ademais, vários projetos de extensão vinculados ao Semeando Saúde resultaram em pesquisas publicadas (artigos em revistas científicas e anais de eventos), apresentação em eventos nacionais e internacionais e Trabalhos de Conclusão de Curso. Portanto, sua continuidade permitirá que novos projetos, cursos, oficinas e encontros se desenvolvam interdisciplinarmente no Primeiro do Sul em 2011.

Referências

- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989, 240p.
- ALVES, Flamarion D. e SILVEIRA, Vicente C. P. Agroecologia em assentamentos rurais na Campanha Gaúcha: alternativas para o desenvolvimento territorial. p.212-229. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE ESTUDOS TERRITORIAIS. v.3. Anais... Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2007.
- ALVES, Ricardo Jorge Amorim. **Avaliação do uso das terras no assentamento 1° do Sul, município de Campo do Meio (MG)**. Dissertação (Mestrado em Agronomia). Universidade Federal de Lavras. Lavras, 2006.
- BRANDÃO, C. T. **Alimentação alternativa**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.
- BUISCHI, Yvonne de Paiva. **Promoção de Saúde Bucal na Clínica Odontológica**. São Paulo: Artes Médicas, 2000.
- FERREIRA NETO, J. A.; RAMOS, M. M. **Diagnóstico socioeconômico e ambiental do projeto final de assentamento (PFA) do PA 1° do Sul**, no município de Campo do Meio, MG Continuação Ano Descrição Doc. n.o . 2005. (Relatório de pesquisa).
- FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
- FIGUEIREDO, R. M. **Como não comer fungos, bactérias e outros bichos que fazem mal**. São Paulo: Manole, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LUCAS, K. S.; VALE, A. R. Rememoração da luta pela terra e caracterização geográfica e econômica do assentamento rural Primeiro Do Sul – Campo do Meio (MG). Encontro Nacional de Geógrafos, 16. 2010. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: AGB, 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/xvieng/anais/edp.php?orderBy=inscricoes.nome>
- MOTA, D. N. **Tendências produtivas da cafeicultura (coffea arabica) no Assentamento Primeiro do Sul, Campo Do Meio – MG**: abordagem sócio-econômica-ambiental. 2008. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Agroecologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Florianópolis, 2008.
- ROMEIRO, A. R. Reforma agrária e distribuição de renda. p.105-136. In: STÉDILE, J. P. (coord.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Ed. UFRGS,1994.

SERVIÇO SOCIAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM MOVIMENTOS SOCIAIS

Área temática: Educação

Responsável: Maristela Dal Moro

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Nome dos autores: 1) Antonia Nildene Silva Alencar; 2) Cristiane da Costa Lopes Roma; 3) Fernanda Rodrigues de Oliveira; 4) Josiane Alves da Silva de Andrade; 5) Juliana Rosa Molina de Oliveira; 6) Vanessa Conceição da Hora

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da experiência de extensão realizada na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro junto aos movimentos e organizações sociais, viabilizado através do Projeto de Extensão Centro de Cidadania da Praia Vermelha. Esse projeto se propõe a contribuir com o processo de organização desses sujeitos coletivos, principalmente no que se refere à formação política. Buscará aprofundar a discussão acerca das potencialidades e limites dessa proposta problematizando o papel do Serviço Social nessa relação com os movimentos sociais.

Palavras chaves: movimentos sociais, Serviço Social, formação

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise da experiência de extensão realizada na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro junto aos movimentos e organizações sociais, viabilizado através do Projeto de Extensão Centro de Cidadania da Praia Vermelha.

Tem como princípio básico o fortalecimento do conceito de universidade pública, laica e de qualidade, colocando-se no extremo oposto da ideologia mercantilista que propaga a educação como fonte de renda e lucro. A materialização desse projeto se dá através da implementação de cursos e atividades formativas no sentido de capacitar e instrumentalizar os participantes para o enfrentamento das questões relativas a sua prática política e profissional.



Serviço Social, extensão universitária e os Movimentos Sociais

A partir do advento da ordem monopólica, quando o Estado burguês passa a intervir de forma sistemática, através das políticas sociais, nas expressões da questão social, o Serviço Social se constitui como profissão na divisão social e técnica do trabalho e passa a ser um dos executores das políticas sociais. No entanto, o legado do período da Reconceituação¹ atribui a esse profissional características que irão delinear o Serviço Social da contemporaneidade. Acrescentando a esse profissional, elementos na prática profissional que vão para além da execução, a saber: articulação com diversos profissionais da América Latina, interlocução do Serviço Social com as ciências sociais, sobretudo da tradição marxista, pluralismo profissional e dimensão política da ação profissional.

A partir desse momento se fortalece no interior da profissão a atuação do assistente social junto aos movimentos sociais. No contexto da sociedade brasileiros a partir da década de 1970 e meados de 80 houve significativos avanços no âmbito das lutas dos trabalhadores, estas conquistas tiveram grande participação dos movimentos sociais, que ao longo da história ganharam maior articulação política na sociedade. Porém, na década de 1990 com a inserção do ideário neoliberal, dando início à reestruturação produtiva através da flexibilização das relações de trabalho, houve um retrocesso em relação aos avanços e conquistas garantidas, desarticulação e desmobilização dos movimentos sociais.

É válido ressaltar a extrema importância da atuação profissional neste campo, levando em consideração os princípios e diretrizes do projeto ético-político profissional, vinculando a atuação profissional diretamente a luta das classes subalternas no sentido de propor reflexões, estratégias, propostas e projetos que possibilitem a perspectiva de emancipação humana.

Em meio a esse contexto, a intervenção do Assistente Social através da extensão em uma Universidade Pública é socialmente relevante. Ainda que muitas vezes limitada pela política de educação vigente, política esta que promove um sucateamento da instituição pública e conserva traços herdados da ditadura aprofundando o processo de privatização e com o intuito de fortalecer de forma estratégica o ensino superior para de atender ao projeto “modernizador” do capital.

A relação entre Universidade e organizações populares é um meio de democratizar o acesso ao conhecimento e a educação pública. Pode ser considerada uma estratégia de fortalecimento da função social da universidade e da relação entre o conhecimento científico e a realidade dos diversos segmentos dos trabalhadores.

¹ “O marco inicial da Reconceituação foi o “I Seminário Latino-Americano de Serviço Social”, realizado em maio de 1965 em Porto Alegre, com a presença de 415 participantes do Brasil, Uruguai e Argentina” (NETTO, 2005:09).

E é neste contexto que projetos extensionistas como o Centro de Cidadania surgem e ao realizar projetos que possibilitam a inclusão de setores historicamente excluídos, depara-se com uma estrutura contrária a política educacional da ordem monopólica.

Centro de Cidadania da Praia Vermelha

O Centro de Cidadania da Praia Vermelha é um projeto de extensão da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi implementado a partir de 2009 e tem como principal motivação a democratização do conhecimento produzido na universidade pública, bem como a capacitação sócio/política aos trabalhadores vinculados aos movimentos e organizações sociais e lideranças comunitárias. Atende, também, alunos e profissionais interessados no processo de qualificação e na formação política.

Esse projeto tem como eixo orientador, as lutas históricas dos trabalhadores em busca de seus direitos políticos e sociais e a partir disso pretende contribuir na formação de uma consciência crítica dos trabalhadores, de modo que eles possam atuar de forma mais qualificada e crítica nas diversas instâncias onde se insere.

A metodologia utilizada é de aulas expositivas baseadas em temas relacionados à realidade social. Em um curso específico, o *“Brasil em Tela”*, há a exibição de filmes, que representa um esforço, através da filmografia, de resgatar história política, social e cultural do Brasil, com o objetivo de destacar os sujeitos sociais protagonistas de nossa história que lutaram e lutam por país justo e igualitário.

Outros dois cursos que avaliamos também ser de grande monta são os cursos de Formação Política e Formação de liderança, os cursos visam oferecer ao público-alvo uma visão política, econômica e social da relação estabelecida entre o Estado e as representações da sociedade a partir da determinação de classe social, luta de classe e da constituição da cidadania por intermédio da organização dos movimentos sociais, partidos políticos e sindicatos.

Os discentes estagiários/ bolsistas e os profissionais envolvidos a partir de pesquisas e oficinas constroem as temáticas a serem oferecidas nos cursos ministrados no Centro de Cidadania. As aulas são ministradas por professores colaboradores, Doutorandos e militantes de partidos políticos.

Realizam-se, também, oficinas que, por intermédio de dinâmicas, voltadas ao aprofundamento dos temas relacionados aos cursos. Essas atividades são realizadas pelos alunos extensionistas sob a coordenação dos profissionais de Serviço Social e fortalecem significativamente o debate acerca dos temas propostos e contribuem para a formação dos envolvidos.

Quanto à estrutura, as aulas ocorrem na Escola de Serviço Social e acontecem geralmente aos sábados, com duração de um semestre. O número de participantes totaliza, uma média de 180, por semestre. Os cursos de extensão são gratuitos e se propõem a qualificar o público alvo no intuito destes se tornarem multiplicadores do conhecimento adquirido em suas áreas, profissões, comunidades.

Outra atividade em construção é a assessoria aos movimentos sociais. No momento tem-se uma maior articulação com o Movimento Social dos Trabalhadores Sem Teto, tendo como primeira intervenção a realização de oficinas de formação política nas comunidades onde reside o que facilita a participação e integração.

Considerando de suma importância conhecer o perfil dos alunos do Centro de Cidadania, realizamos entrevistas com os participantes dos cursos que representavam diversas instituições. Na entrevista identificamos elementos como a existência de articulação dessas instituições com movimentos sociais. A mais expressiva articulação é com as associações de moradores, o que mostra a integração de redes, mas que não vai além da área de atuação destas instituições. Destaque também para o número cada vez maior e mais diversificado de instituições e movimentos sociais que – com seus representantes – se matriculam no Centro de Cidadania, o que traz para nós não somente articulação, mas uma proximidade com estes, conhecimento de suas realidades, dificuldades, demandas e formas de enfrentamento.

Com a finalidade de aproximar o Projeto de Extensão aos movimentos sociais reafirmando os objetivos e o público alvo do projeto, foi feito contato com movimentos sociais, partidos, sindicatos e lideranças comunitárias. As comunidades visitadas foram às que estão localizadas no entorno do Campus da Praia Vermelha. Para tal visita, elaboramos um instrumento de entrevista aplicado à Associação de Moradores da cada comunidade. Tendo o objetivo de identificar se há algum movimento “organizado” na comunidade e assim tentar uma maior articulação com este. Com isso, foi possível apreender elementos da realidade, que poderão contribuir a formação profissional dos estagiários e profissionais envolvidos.

No intuito de construir a memória das atividades do Centro de Cidadania há o registro das aulas ministradas. A finalidade é elaborar material didático que poderão servir de subsídio para as futuras atividades do Centro de Cidadania ou em outros projetos que tenham vínculo com a formação política dos movimentos sociais. Este material também será utilizado para consulta dos próprios integrantes do projeto, a fim de que estes possam ter maior autonomia na capacitação sócio-política.

Considerações finais

O Centro de Cidadania é um projeto inovador na tentativa de reafirmar a função social da Universidade, aproximando-a de setores excluídos historicamente, principalmente aos movimentos sociais. Essa articulação é essencial ao desenvolvimento da sociedade, pois consiste na interação e na troca de experiências de forma recíproca que fomenta ambos. Por um lado a Universidade encontra na realidade social saberes diversos que possibilita uma elaboração de conhecimento estruturado e consistente e, por outro lado, os movimentos sociais e a população encontram elementos para a ampliação do conhecimento e formação de uma consciência crítica e política.

Referências:

- ABREU, M. & CARDOSO, F. Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais, Brasília: CEFSS/ APESS, 2009.
- FONTES, V. Capitalismo, imperialismo, movimentos sociais e lutas de classes. In: Revista em Pauta, n 21, Rio de Janeiro, 2008.
- IAMAMOTO, M. O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional, São Paulo, Cortez, 2005.
- _____. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica, São Paulo, Cortez, 2003.
- IASI, M. Ensaio sobre consciência e emancipação, São Paulo, expressão popular, 2007.
- MÉSZAROS, I. A educação para além do capital. São Paulo. Boitempo, 2008.
- NETTO, J. P. Ditadura e Serviço Social – Uma análise do Serviço Social no Brasil pós 64, São Paulo, Cortez, 2002.
- _____. O Movimento de Reconceituação – 40 anos depois. In Serviço Social & Sociedade, ano XXVI, n 84, São Paulo, nov. 2005.

